

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**

Programa de Pós-graduação em Geografia –

Tratamento da Informação Espacial

**A REDE URBANA DE PONTE NOVA:  
uma cidade média na Zona da Mata Mineira**

**Área de concentração:** Análise Espacia

**Orientador:** Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho

**Co-orientador:** Prof. Dr. José Flávio Morais Castro

**Mestranda:** Tatiana Ribeiro da Silva Viana

**PUC-MINAS**  
**Belo Horizonte**  
**2010**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**

Programa de Pós-graduação em Geografia –

Tratamento da Informação Espacial

**A REDE URBANA DE PONTE NOVA:  
uma cidade média na Zona da Mata Mineira**

Tatiana Ribeiro da Silva Viana

**Belo Horizonte**

**2010**

Tatiana Ribeiro da Silva Viana

**A REDE URBANA DE PONTE NOVA:  
uma cidade média na Zona da Mata Mineira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Geografia.

Orientador: Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho

Co-Orientador: Dr. José Flávio Morais Castro

**Belo Horizonte**

**2010**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

V614r Viana, Tatiana Ribeiro da Silva  
A rede urbana de Ponte Nova: uma cidade média na Zona da Mata Mineira /  
Tatiana Ribeiro da Silva Viana. Belo Horizonte, 2010.  
129 f. : il.

Orientador: Oswaldo Bueno Amorim Filho  
Coorientador: José Flávio Morais Castro  
Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.  
Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial.

1. Geografia urbana - Ponte Nova (MG). 2. Geografia regional - Ponte Nova (MG). 3. Zoneamento. 4. Análise espacial (Estatística). I. Amorim Filho, Oswaldo Bueno. II. Castro, José Flávio Morais. III. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial. IV. Título.

CDU: 911.3:711

Tatiana Ribeiro da Silva Viana

**A Rede Urbana de Ponte Nova: uma cidade média na Zona da Mata Mineira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Geografia.

---

Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho (Orientador) - PUC Minas

---

Dr. José Flávio Morais Castro (Co-orientador) – PUC Minas

---

Dr<sup>a</sup>. Ana Márcia Moreira Alvim (Professor convidado) – PUC Minas

Belo Horizonte, 28 de setembro de 2010

*Ao meu anjinho Ana Flávia que chegou em  
minha vida durante este trabalho.*

## **AGRADECIMENTO**

*À Deus por me amparar nos momentos difíceis, pela força para superar as dificuldades e por mostrar o caminho nas horas incertas.*

*Aos meus orientadores Professor Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho e Professor Dr. José Flávio Moraes Castro que no período de convivência, muito me ensinaram, contribuindo para meu conhecimento científico e intelectual e, pela paciência e disponibilidade na fase de orientação e, principalmente, por acreditarem em mim.*

*Aos colegas Bruno Durão e Roziane que participaram diretamente deste trabalho e me ajudaram em todos os momentos.*

*À todos os colegas, professores e funcionários do curso de Pós Graduação em Geografia pelo convívio e aprendizado.*

*Ao meu marido por todos estes anos de muito carinho, companheirismo e paciência contínua e infinita, obrigado por tudo.*

*Aos meus pais pelo exemplo, confiança e, principalmente, pelo incentivo e pela oportunidade que mais uma vez me deram.*

*Às minhas irmãs pela amizade e pelo apoio durante esta trajetória.*

*Aos meus familiares, em especial, meu tio Marco Antônio, pela amizade, pelo apoio e pela força que sempre me derem.*

*Agradeço a todos que me ajudaram direta ou indiretamente no desenvolvimento deste trabalho. Muito obrigado!*

## RESUMO

Esta pesquisa, centrada na Geografia Urbana, enfatiza a importância das cidades médias mineiras no contexto das hierarquias urbanas como também das redes urbanas. O objetivo principal desta investigação constitui-se em analisar o município de Ponte Nova, na Zona da Mata Mineira, diante dos estudos sobre a hierarquia urbana das cidades médias do Estado de Minas Gerais, como também sua rede urbana e, aplicar o modelo do zoneamento-morfológico funcional proposto por Amorim Filho (2005) para as cidades médias, que identifica a organização do espaço intra-urbano. Foram estudadas as relações de influência do município com a região e com os grandes centros. Em termos metodológicos, foi realizada uma revisão bibliográfica dos temas cidades médias e rede urbana, um estudo de campo no município o qual serviu de base para a elaboração dos mapas coropléticos e para a aplicação do modelo do zoneamento morfológico-funcional. Através do presente estudo foi possível constatar que o município de Ponte Nova sempre esteve na classificação das hierarquias urbanas como cidade média propriamente dita e que, por ser uma cidade média, é possível utilizar o modelo de zoneamento morfológico-funcional, apontando novas perspectivas para o município.

Palavras-chave: Geografia Urbana. Cidades Médias. Rede Urbana. Hierarquia Urbana. Zoneamento Morfológico-Funcional.

## **ABSTRACT**

This research, focused on the Urban Geography, emphasizes the importance of mid-sized cities of Minas Gerais in the context of urban hierarchies and of the citywide area network. The objective of this investigation is to analyse the city of Ponte Nova, located in the 'Forest of Minas Gerais zone', with basis on the studies involving urban hierarchies of mid-sized cities of the state of Minas Gerais as well as its citywide area network, applying the morph-functional organization model proposed by Amorim Filho (2007) for mid-sized cities. This model identifies the organization of the intra-urban space. The present paper studied the relationship of Ponte Nova with the region and the great urban areas. In methodological terms a literature review is presented on the themes mid-sized cities and citywide area network. The empirical part consists of a field study for the city of Ponte Nova in order to draw the spatial distribution maps and to apply the morph-functional organization model. Through this study it was possible to note that the city of Ponte Nova has always been classified as a mid-sized city and due to this fact it is possible to utilize the morph-functional organization model to point out new perspectives for the city.

Key-words: Urban Geography. Mid-sized Cities. Citywide Area Network. Urban Hierarch. Morph-functional Organization.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 Enchente de 1951 - Ponte Nova/MG.....	100
FIGURA 2 Enchente de 1979 - Ponte Nova/MG .....	101
FIGURA 3 Enchente de 1997 - Ponte Nova/MG .....	102
FIGURA 4 Enchente de 2008 - Ponte Nova/MG .....	103
FIGURA 5 Enchente de 2008 - Ponte Nova/MG .....	104
FIGURA 6 Desenho feito a bico de pena da primeira capela de São Sebastião e Almas de Ponte Nova.....	105
FIGURA 7 Origem do povoado de Ponte Nova - Capela de São Sebastião e Almas de Ponte Nova.....	105
FIGURA 8 Ocupação do antigo centro da cidade de Ponte Nova.....	106
FIGURA 9 Av. Custódio Silva - décadas de 50 e 60 .....	107
FIGURA 10 Início da ocupação do bairro Guarapiranga .....	108
FIGURA 11 Mancha urbana de Ponte Nova (1937), já com seu dois núcleos principais. ....	109
FIGURA 12 Morfologia urbana de Ponte Nova - 1937 .....	110
FIGURA 13 Morfologia urbana de Ponte Nova - 2000 .....	111
FIGURA 14 Centro antigo da cidade de Ponte Nova .....	112
FIGURA 15 Modelo do Zoneamento Morfológico Funcional para Cidades Médias	114
FIGURA 16 Bairro Palmeiras - Centro polifuncional - Ponte Nova/MG .....	115
FIGURA 17 Subcentro - Bairro Santo Antônio - Região Nordeste da cidade.....	116
FIGURA 18 Subcentro - Bairro Guarapiranga - Região Nordeste da cidade .....	116
FIGURA 19 Subcentro - Bairro Santa Tereza - Região Sul da cidade .....	117
FIGURA 20 Zona periférica contínua - Bairro Vale Verde - Região Leste da cidade .....	117
FIGURA 21 Zona periférica descontínua - Bairro Nossa Senhora de Fátima - Região Leste da cidade .....	118

FIGURA 22 Zona periurbana - Região Norte da cidade.....	118
---	-----

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 Hierarquia das cidades médias de Minas Gerais - 1982 .....	38
QUADRO 2 Hierarquia das cidades médias de Minas Gerais - 1999 .....	41
QUADRO 3 Hierarquia das cidades médias de Minas Gerais - 2006 .....	44
QUADRO 4 Hierarquia urbana de Minas Gerais - 1950 .....	48
QUADRO 5 Hierarquia urbana de Minas Gerais - 1960 .....	49
QUADRO 6 Esquema da rede urbana e regiões polarizadas em Minas Gerais - 1960 .....	51
QUADRO 7 Hierarquia das cidades de Minas Gerais com base na circulação de ônibus intermunicipais (níveis hierárquicos superiores) .....	53
QUADRO 8 Hierarquia urbana do Estado de Minas Gerais (seis níveis superiores)	56
QUADRO 9 Redes urbanas em Minas Gerais - zona de influência da cidade do Rio de Janeiro.....	57
QUADRO 10 Redes urbanas em Minas Gerais - zona de influência da cidade de Belo Horizonte.....	58
QUADRO 11 Classificação de Ponte Nova nos diversos estudos sobre hierarquia urbana em Minas Gerais .....	69

## LISTA DE MAPAS

MAPA 1 Localização do município de Ponte Nova, MG.....	17
MAPA 2 Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais - 1982 .....	39
MAPA 3 Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais - 1999 .....	42
MAPA 4 Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais - 2006 .....	45
MAPA 5 População Urbana dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 1991.....	60
MAPA 6 População Urbana dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 2000.....	61
MAPA 7 Crescimento da população urbana dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira no período 1991 - 2000. ....	62
MAPA 8 População Rural dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 1991. ....	63
MAPA 9 População Rural dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 2000. ....	64
MAPA 10 Crescimento da população rural dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira no período 1991 - 2000. ....	65
MAPA 11 População Total dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 1991. ....	66
MAPA 12 População Total dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 2000. ....	67
MAPA 13 Crescimento da população total dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira no período 1991 - 2000. ....	68
MAPA 14 População Total dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 1991. ....	71
MAPA 15 População Total dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 2000. ....	72
MAPA 16 Crescimento da população total dos municípios da microrregião de Ponte Nova no período 1991 - 2000.....	73
MAPA 17 Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 1991.....	74

MAPA 18 Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 2000.....	75
MAPA 19 Crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios da microrregião de Ponte Nova no período 1991 - 2000.....	76
MAPA 20 Renda per capita dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 1991. ....	77
MAPA 21 Renda per Capita dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 2000. ....	78
MAPA 22 Crescimento da renda per capita dos municípios da microrregião de Ponte Nova no período 1991 - 2000.....	79
MAPA 23 Viagens diárias de ônibus a partir de Ponte Nova - Região Sudeste e Distrito Federal.....	81
MAPA 24 Viagens diárias de ônibus a partir de Ponte Nova - Minas Gerais. ....	82
Mapa 25 Viagens diárias de ônibus a partir de Ponte Nova - Microrregião de Ponte Nova.....	83
MAPA 26 Níveis de intensidade das relações externas do município de Ponte Nova - MG .....	86
MAPA 27 Geologia da microrregião de Ponte Nova. ....	91
MAPA 28 Altimetria da microrregião de Ponte Nova.....	93
MAPA 29 Temperatura média anual da microrregião de Ponte Nova.....	94
MAPA 30 Precipitação média anual da microrregião de Ponte Nova.....	95
MAPA 31 Vegetação atual da microrregião de Ponte Nova .....	96
MAPA 32 Carta Imagem da microrregião de Ponte Nova .....	97
Mapa 33 Hidrografia da microrregião de Ponte Nova .....	98

## **LISTA DE SIGLAS**

BDMG- Banco de desenvolvimento de Minas Gerais

CPRM- Companhia de Pesquisa e Recursos Minerais

EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FJP- Fundação João Pinheiro

FUOM- Fundação Universitária do Oeste de Minas

GEOMinas- Geoprocessamento de Minas Gerais

IBGE- Instituto de Geografia e Estatística

IDH- Índice de Desenvolvimento Humano

IGA- Instituto de Geociências Aplicadas

IGAM- Instituto Mineiro de Gestão das Águas

INPE- Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

IPEA- Instituto Nacional de Pesquisas Econômicas Aplicadas

PUC MG- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RMBH- Região Metropolitana de Belo Horizonte

UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro

USP- Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>1 REDES URBANAS E CIDADES MÉDIAS.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Redes Urbanas .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2 Cidades médias: um tema cuja importância se generaliza .....</b>	<b>24</b>
1.2.1 Principais características das cidades médias.....	27
1.2.2 Cidades médias em Minas Gerais.....	31
<b>2 AS CLASSIFICAÇÕES DAS CIDADES MÉDIAS MINEIRAS E A POSIÇÃO DE PONTE NOVA EM MINAS GERAIS E NA ZONA DA MATA MINEIRA.....</b>	<b>35</b>
<b>2.1 Ponte Nova nas hierarquias das cidades médias mineiras: 1982, 1999 e 2006 .....</b>	<b>35</b>
<b>2.2 A cidade de Ponte Nova nas hierarquias da Zona da Mata Mineira.....</b>	<b>46</b>
<b>2.3 Ponte Nova em seu espaço de relações microrregional .....</b>	<b>70</b>
<b>3 AS RELAÇÕES EXTERNAS E A REDE URBANA DE PONTE NOVA .....</b>	<b>80</b>
<b>3.1 As relações externas de Ponte Nova e sua área de influência .....</b>	<b>80</b>
<b>3.2 A rede urbana de Ponte Nova .....</b>	<b>84</b>
<b>4 O MUNICÍPIO E A CIDADE DE PONTE NOVA .....</b>	<b>87</b>
<b>4.1 O município de Ponte Nova.....</b>	<b>87</b>
4.1.2 Quadro Natural.....	90
4.1.2.1 Geologia .....	90
4.1.2.2 Relevo .....	91
4.1.2.3 Clima .....	93
4.1.2.4 Vegetação original e atual .....	95
4.1.2.5 Hidrografia.....	97
<b>4.2 As enchentes .....</b>	<b>98</b>
<b>4.3 Estrutura morfológico-funcional da cidade de Ponte Nova .....</b>	<b>104</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>124</b>

## INTRODUÇÃO

O interesse pelo presente estudo, por parte dos pesquisadores da geografia urbana, das cidades médias surgiu na década de 1950, na França, e a partir daí, estas cidades passaram a ser importantes elementos para a política urbana.

Mais tarde se iniciam as pesquisas sobre cidades médias no Brasil, na década de 1960, com o geógrafo francês Yves Leloup que estudou a rede urbana e as características das cidades mineiras, fazendo rápidas referências às cidades médias. Em seguida, Amorim Filho dá continuidade aos estudos sobre as cidades médias mineiras e as cidades de Formiga (1973) e Patos de Minas (1975/1978) foram objeto de estudos pioneiros sobre sua geografia urbana.

O presente estudo consiste em identificar, classificar e analisar a rede urbana da cidade de Ponte Nova, como também aplicar o modelo de zoneamento morfológico-funcional, proposto por Amorim Filho (2005/2007) para a caracterização das cidades médias através da morfologia urbana. A escolha desta cidade como objeto de estudo se deu pelo fato de Ponte Nova apresentar características típicas de uma cidade média e, também, pela autora desta dissertação viver nesta cidade.

Trata-se, portanto, de um trabalho inédito, pois é a primeira vez que a rede urbana e a organização do espaço intraurbano da cidade de Ponte Nova serão estudados e o modelo será aplicado. Tal estudo poderá contribuir tanto para um melhor conhecimento geográfico da cidade, quanto para a implantação de novas políticas urbanas no município quanto na região a qual está inserido o mesmo.

Assim, esta dissertação compõe-se de uma Introdução onde delimitamos o tema e definimos os objetivos, e 5 Capítulos, inter-relacionados.

O Capítulo 1 (Temas e conceitos preliminares) discute os conceitos de redes urbanas e cidades médias, que são temas abordados no decorrer do trabalho, como também, são conceitos fundamentais para o estudo da geografia urbana e para aplicação do modelo baseado na morfologia urbana.

O Capítulo 2 (As classificações das cidades médias mineiras e a posição de Ponte Nova em Minas Gerais e na Zona da Mata Mineira) aborda algumas hierarquizações das cidades médias mineiras, como também a posição de Ponte

Nova na mesorregião em que está inserida, a Zona da Mata Mineira, e no estado de Minas Gerais, para poder estudar o espaço de relação regional do município.

No Capítulo 3 (As relações externas e a rede urbana de Ponte Nova), procurou-se identificar as relações externas da cidade e sua área de influência que constituem elementos fundamentais para a delimitação da rede urbana da cidade de Ponte Nova.

O capítulo 4 (O município e a cidade de Ponte Nova) aborda um estudo sobre o município de Ponte Nova, seu processo de ocupação e seu ambiente físico, enfatizando as enchentes que é um grande problema ambiental para o município. Faremos, também, uma classificação da morfologia e estrutura funcional do espaço urbano de Ponte Nova para depois, aplicar o modelo de zoneamento morfológico-funcional proposto por Amorim Filho para as cidades médias.

O capítulo 5 (Considerações Finais) chega à conclusão de que o modelo desenvolvido por Amorim Filho tem aplicabilidade significativa na cidade de Ponte Nova. Serão, ainda, diagnosticados os problemas da área de influência do município e apontadas sugestões para modificação deste quadro.

Localizado na Mesorregião da Zona da Mata Mineira e na Microrregião de Ponte Nova (Mapa 1), o município faz divisa a **E** com o município de Oratórios, com os limites fronteiros compreendidos entre 20°22'00" S / 42° 47'58" W e 20° 29'00" S / 42°50'33" W; a **NE** com o município de Urucânia (20°19'00" S / 42°48'18" W e 20°21'59.9" S / 42° 47'58.2" W); a **N** e **NNE** com o município de Santa Cruz do Escalvado (20°16'00" S / 42°54'58" W – ponto este localizado no encontro das águas do Rio Piranga com o Rio do Carmo, e 20°18'59" S / 42°48'16" W, na divisa entre os municípios de Ponte Nova, Urucânia e Santa Cruz do Escalvado); a **N** com o município de Rio Doce (20°16'00" S / 42°54'58" W e 20°16'20" S e 42°57'16" W – é destaque informar que o limite fronteiro entre os municípios de Ponte Nova e Rio Doce é um limite natural estabelecido pelas águas do Rio do Carmo); a **NW** e **W** pelo município de Barra Longa (20°16'00" S / 42°54'58" W e 20°24'38" S e 43°01'19" W); a **W** com o município de Acaiaca (20°24'38" S / 43°01'19" W e 20°26'56" S / e 43°02'09" W); a **SW**, **S** e **SE** com o município de Guaraciaba (20°26'56" S / e 43°02'09" W e 20°33'59" S / e 42°58'37" W) e numa nesga territorial ainda a **SE** com o município de Teixeiras, que não pertence à microrregião de Ponte Nova e a **SSE** com o município de Amparo da Serra que também não pertence à microrregião de Ponte Nova ( 20°33' 39" S / 42°52'13" W 20° 29'00" S / 42°50'33" W).

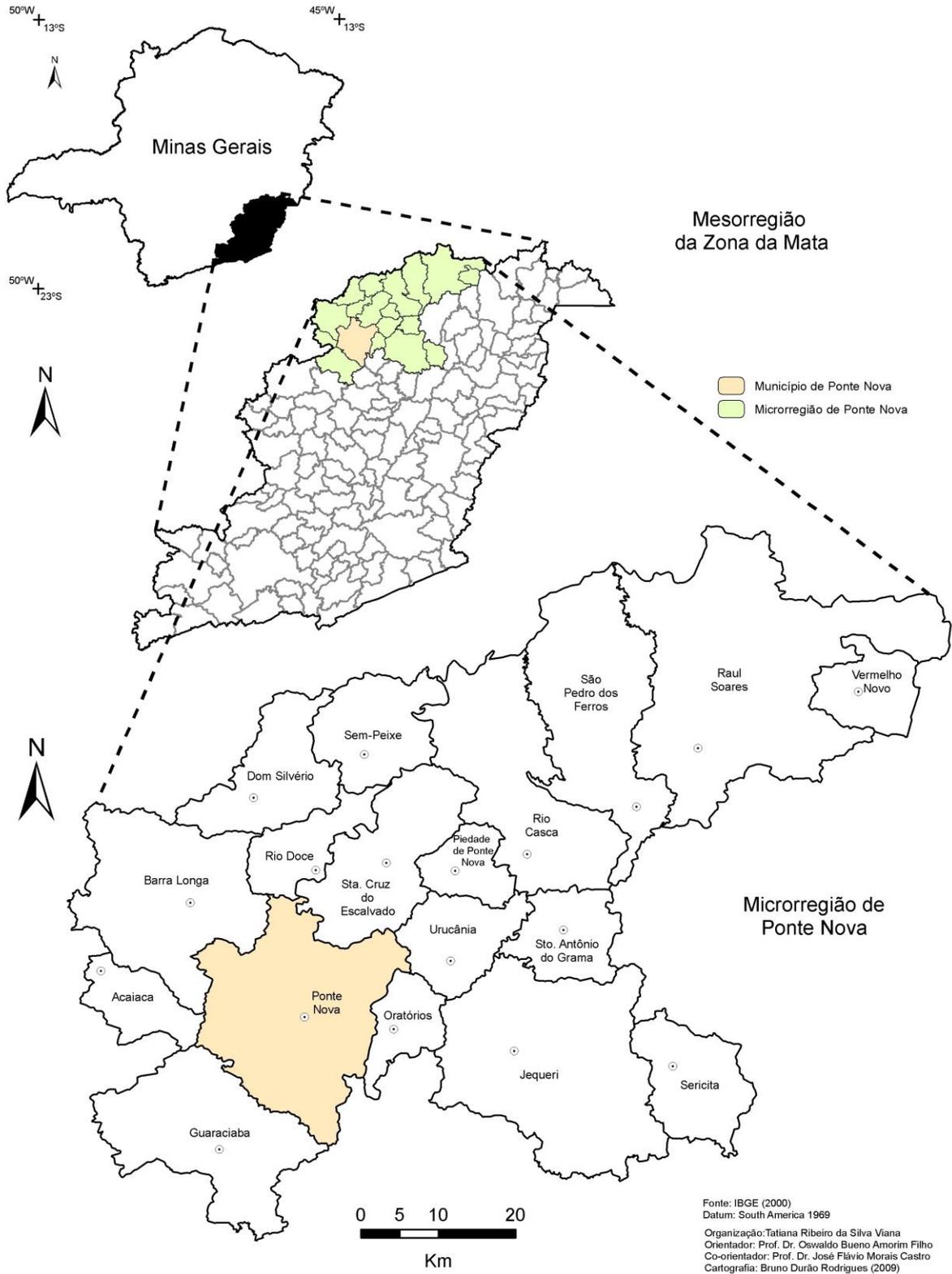
Pode-se afirmar que a região de Ponte Nova tem localização privilegiada, pois está relativamente próxima de três importantes metrópoles, como São Paulo a 689 km, Rio de Janeiro a 395 km e Belo Horizonte a 180 km. Esta região conta com excelente malha viária, pois apresenta uma rodovia federal: BR-120 e, três rodovias estaduais: MG-262, MG-329, MG-123.

Do ponto de vista metodológico, a abordagem, principalmente, dedutiva tendo em vista que já existe uma literatura teórica importante sobre a questão das cidades médias. Esta literatura foi o ponto de partida não somente para a escolha da cidade, objeto da pesquisa, como também, das técnicas escolhidas para a coleta e o tratamento dos dados.

Um aspecto que merece registro é o uso de um trabalho de campo exaustivo facilitado pelo fato da autora residir na região e na cidade pesquisadas.

O tratamento das informações seguiu a tradição da maior parte dos trabalhos produzidos no Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial.

A cartografia foi elaborada com base no já consagrado software Map-Info.



Mapa 1: Localização do município de Ponte Nova, MG  
Fonte: IBGE, 2009

## 1 REDES URBANAS E CIDADES MÉDIAS

Os estudos sobre as cidades médias, incluindo as redes urbanas e sua hierarquização, desenvolveram-se a partir de 1950, na Europa, especialmente na França. Nesse período, os temas “*planejamento urbano e estudos de redes urbanas*” foram de grande interesse dos pesquisadores e planejadores.

Desde então, estudos sobre as cidades médias ganharam importância na Geografia Urbana. Assim, o interesse por esta categoria de cidades ganhou proporções mundiais, tornando-se tema de vários projetos, pesquisas, teses, dissertações, publicações e políticas de planejamento.

No Brasil, os estudos sobre as cidades médias se iniciaram no fim da década de 1960, pelo geógrafo Oswaldo Bueno Amorim Filho, sob influência da geografia francesa, o qual analisou um conjunto de cidades médias e outras menores no Sudoeste de Minas Gerais. Neste mesmo período, o geógrafo francês, Yves Leloup realizou um estudo sobre as redes urbanas e suas características regionais em Minas Gerais. Neste estudo, Leloup faz uma referência ao nível das cidades médias mineiras.

As cidades estão organizadas em redes de diversos tamanhos e sua importância numa determinada rede se dá de acordo com as funções desempenhadas por elas.

Então para um estudo sobre rede urbana é necessário considerar alguns aspectos, tais como, distribuição geográfica, diferenciação, centralidade, hierarquia e articulação funcional.

Assim, para analisar a rede urbana de uma determinada cidade, é preciso compreender o conjunto de cidades em seu entorno, com as quais possui algum tipo de relação.

## 1.1 Redes Urbanas

Santos (2004) analisa as redes, mostrando suas articulações com o(s) território(s), afirmando que as conceituações se ampliam por duas matrizes: uma que leva em conta apenas a realidade material e outra onde é considerado o dado social. No caso da primeira, Curien (1988, p. 212) para o qual rede seria

[...] toda infra-estrutura permitindo o transporte de matéria, de energia ou de informação e que se inscreve sobre um território que se caracteriza pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação (CURIEN apud SANTOS, 2004).

Diante disso, Santos citado por Rodrigues e Silva (2007, p.54), sustenta que *"a rede também é social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a freqüentam. Sem isso, e a despeito da materialidade com que se impõe aos nossos sentidos, a rede é na verdade, uma mera abstração"*.

Claude Raffestin (1993, p.204) complementa trazendo um debate sobre as redes junto às possibilidades de disseminação do poder, enfatizando o papel dos atores na circulação e comunicação. Assim, ele coloca que

a rede aparece, desde então, como fios seguros de uma rede flexível que pode se moldar conforme as situações concretas e, por isso mesmo, se deformar para melhor reter. A rede é proteiforme, móvel e inacabada, e é dessa falta de acabamento que ela tira sua força no espaço e no tempo: tanto libera como aprisiona. É o porquê de ela ser o "instrumento" por excelência do poder. Redes de circulação e comunicação contribuem para modelar o quadro espaço-temporal que é todo o território. Essas redes são inseparáveis dos modos de produção dos quais asseguram a mobilidade. (RAFFESTIN apud RODRIGUES; SILVA, 2007, p.54-55).

De acordo com Corrêa (1989), os estudos em torno da rede urbana têm se constituído em uma importante tradição no âmbito da geografia. Essa importância resulta da consciência do significado que o processo de urbanização, passou a ter, principalmente a partir do século XIX, ao refletir e condicionar mudanças categóricas na sociedade. No bojo do processo de urbanização a rede urbana passou a ser o meio através do qual produção, circulação e consumo se realizam efetivamente.

Ainda segundo a referência do autor acima, logo após o último quartel do século passado, quando a geografia ganha *status* de disciplina acadêmica, e até o

final dos primeiros 20 anos do presente século, final do primeiro período da história moderna, os temas que envolvem a rede urbana manifestam-se nos diversos aspectos da geografia alemã, “*entre os geógrafos possibilistas franceses, e entre os geógrafos britânicos envolvidos com o planejamento urbano e regional. Também no bojo do determinismo ambiental norte-americano aflora o tema em questão*” (CORRÊA, 1989, p.9).

Segundo Corrêa (1989), nas décadas de 1920 a 1955, configura-se o interesse pelo estudo da rede urbana. É neste período que passa a existir, entre outras, as teorias de Cristaller e de Mark Jefferson (CORRÊA, 1989, p.9). O autor afirma ainda que:

É a partir de 1955 que se verifica uma grande difusão dos estudos de rede urbana. E não somente no âmbito da denominada geografia teórico-quantitativa que emerge a partir de então, mas com Pierre George, no bojo da geografia econômica derivada da escola possibilista. No Brasil é a partir de então que se iniciam os estudos sobre rede urbana (CORRÊA, 1989, p.9).

O desenvolvimento dos estudos sobre a rede urbana é contemporâneo, no pós-guerra, da aceleração da urbanização e da redefinição da divisão internacional do trabalho, geradora de novas articulações funcionais e mudanças na rede urbana. Subjacente a isto está a retomada da expansão capitalista e a difusão do sistema de planejamento em sua dimensão espacial envolvendo a rede urbana (CORRÊA, 1989, p.10).

No âmbito da forma espacial da rede urbana, autores, como Carlos (2001) e Corrêa (1989) debatem posições semelhantes sobre tal pensamento, entretanto discordam sobre os fatores sociais e funcionais.

Segundo Carlos (2001), a rede urbana pode ser considerada como

forma sócioespacial de realização do ciclo de exploração da grande cidade sobre o campo e centros menores, onde há relação de inter-relação entre a grande cidade, os pequenos centros e o campo. Por ciclo de exploração, entende-se que existem dois ciclos, em que, no primeiro, a grande cidade, “cabeça da rede urbana”, extrai do campo e das cidades menores, via migrações, força de trabalho, produtos alimentares, matérias-primas, lucros comerciais e renda fundiária. No segundo ciclo, que realimenta o primeiro, trata-se, portanto, do mesmo processo, ou seja, a cidade grande exporta para os centros menores e o campo, capitais, bens, serviços, idéias e valores.

Para Corrêa (1989)

A rede pode ser considerada como uma forma espacial a partir da qual suas funções urbanas se realizam. Trata-se das funções de comercialização de produtos rurais, produção industrial, vendas varejistas, prestação de serviços diretos, entre outras, as quais se reportam aos processos sociais dos quais “a criação, apropriação e circulação do valor excedente constitui-se no mais importante, ganhando características na estrutura capitalista”. (CORRÊA, 1989, p.71).

Rede, por conseguinte, pode ser definida de variadas maneiras. Em todas elas, no entanto, serão localizadas características comuns que originam a base para a sua definição: “pontos interligados”. Isso não significa que em todas as circunstâncias em que se deparar com pontos conectados haverá uma rede, mas essa é a premissa para a existência desta. Em todas as redes, as ligações entre os pontos estão carregadas de intencionalidades comunicacionais. O potencial de cada ponto em transmitir “coisas” para outro ponto traz as ações necessárias para dar vida aos objetos que compõem as redes ou elas próprias, como grandes objetos técnicos e sociais componentes do que Santos (2004), citado por Rodrigues e Silva (2007), chama de “sistema técnico”.

Segundo Pierre George, para que haja uma rede urbana faz-se necessária a existência de diversas relações que constituam ligações funcionais constantes, não só entre os elementos urbanos da rede, assim como entre estes e o meio rural. Essas relações são de complementariedade que se situam no plano da hierarquização das funções urbanas (GEORGE, 1983, p.229). Para Olivier Dollfus em todo estudo de rede é indispensável esclarecer sua localização, sua utilização, e avaliar seus fluxos (DOLFUSS, 1973, p.66).

As cidades possuem dimensões diferenciadas, pois existem cidades pequenas, médias, grandes, metrópoles, e até megalópolis que muito se diferenciam entre si. E o número de cidades menores é bem maior que as médias, e estas, são mais numerosas que as grandes e, assim, sucessivamente. Além desses fatores, é possível observar que as cidades cumprem papéis distintos:

umas são eminentemente agrícolas, outras são industriais, outras são centros de comércio e outras, pólos turísticos ou tecnológicos. As cidades também não estão isoladas, mantêm relações entre si, sobretudo econômicas. Uma cidade, principalmente as menores, não pode prover todos os bens e serviços necessários à vida de sua população. Frequentemente temos que nos deslocar de nossas cidades para uma maior, a fim de obter serviços ou bens de consumo que não encontramos

em nossa cidade (serviços médicos mais sofisticados, carros importados, etc.), e muitos habitantes de cidades menores que a nossa procuram nossa cidade com a mesma finalidade. Esse fluxo de relações econômicas cria laços de interdependência entre as cidades. (BRAGA; CARVALHO, 2009, p.13).

Os autores continuam:

Dito isso, não é difícil concluir que existe alguma lógica na organização e distribuição geográfica das cidades, ou seja, que as cidades não se distribuem aleatoriamente no espaço, tampouco são centros isolados. As cidades comunicam-se e interagem umas com as outras estruturando e organizando o espaço geográfico, formando aquilo que chamamos de rede urbana. Nessa rede, as cidades cumprem o papel principal de serem centros distribuidores de bens e serviços e é essa função que define a sua posição na rede urbana. (BRAGA; CARVALHO, 2009, p.13).

No âmbito dessas colocações, é possível definir a rede urbana como um conjunto de centros urbanos conectado por fluxos de bens, serviços, informações e indivíduos, constituídos por um sistema hierarquizado. Essa divisão ocorre em função da dependência dos centros secundários em relação aos centros principais na provisão dos bens e serviços necessários à população. As cidades que possuem bens e serviços de maior raridade e de maior valor ocuparão uma posição proporcionalmente mais elevada na hierarquia da rede urbana e essa hierarquia, dentro de uma mesma rede urbana, está freqüentemente associada ao tamanho (população) de uma cidade.

De acordo com Corrêa (1989), a rede urbana constitui-se simultaneamente em um reflexo “da” e uma condição “para” a divisão territorial do trabalho. É um reflexo à medida que, em razão de vantagens locais diferenciadas, verificam-se uma hierarquia urbana e uma especialização funcional definidoras de uma complexa tipologia de centros urbanos. Para cada atividade nova ou transformada, há padrões locais específicos que melhor atendem à lógica capitalista e como conseqüência, algumas cidades perdem importância, enquanto outras são valorizadas, criando-se novos centros urbanos. Assim, a rede urbana reflete a divisão territorial do trabalho. Além disso, é uma condição para a divisão territorial do trabalho. A cidade e suas origens constituem-se não só uma expressão da divisão entre trabalho manual e intelectual, como também em um ponto no espaço geográfico que, através da apropriação de excedentes agrícolas, passou de certo modo a controlar a produção rural. Este papel é, mais tarde, transmitido à rede

urbana: sua gênese e evolução verificam-se na medida em que, de modo sincrônico, a divisão territorial do trabalho assumia progressivamente, a partir do século XVI, uma dimensão mundial (CORRÊA, 1989, p. 49).

George *et al.*, (1974) conceitua rede urbana como “[...] *um conjunto de cidades, distribuídas em uma região ou Estado, e que possuem, umas em relação às outras, ligações diversas: comerciais, financeiras, industriais, culturais, turísticas*” (GEORGE *et al.*, apud AMORIM FILHO, 1990, p. 27).

A rede urbana é elemento complementar da sociedade e de sua dinâmica, incorporando e agindo sobre as suas contradições, conflitos e negociações. Desse modo, é de se esperar que as diferenças econômicas, políticas, sociais, demográficas e culturais vão se manifestar em diferenças estruturais entre as redes urbanas. Estas diferenças se revelam através de distintas estruturas dimensional, funcional e espacial, as três estando interconectadas, gerando alguns padrões de redes urbanas (CORRÊA, 2004, p.67). A estrutura dimensional tornou-se significativa a partir do processo de urbanização e, diz respeito ao tamanho dos centros de uma dada rede, revelando o grau de concentração ou dispersão de população e atividades nos seus centros urbanos.

## 1.2 Cidades Médias

O interesse pelos estudos das cidades médias surgiu desde a década de 1950, na Europa Ocidental, especialmente na França, devido ao desequilíbrio existente dentro da rede urbana nacional, o que permitiu uma investigação que direcionou o foco das atenções no papel que estas cidades teriam como amenizadores desse desequilíbrio. A situação de desequilíbrio na rede urbana nacional, não era exclusividade da França, era encontrada também, em outros países, mas foi na França em que a preocupação com as cidades médias atingiu diversos setores da academia, da mídia e de instituições, e este interesse se alastrou, gerando uma grande quantidade de projetos, pesquisas, teses e dissertações, várias outras publicações e, até mesmo, políticas públicas com resultados satisfatórios em quase todos os países do mundo.

Os estudos produzidos nos anos 1960 e 1970 aprofundam suas raízes nos trabalhos de determinados autores da década de 1950, que deram bases conceituais para o estudo e a importância das cidades médias.

Podem-se citar estudos de Rochefort (1960-1975) *apud* Guimarães, Vieira e Nunes (2005, p. 268), que definiram a cidade média a partir de “*sua atuação central no desenvolvimento das atividades econômicas de sua hinterlândia*”. Em meados da década de 1960, Michel Rochefort e Jean Hautreux publicaram um dos estudos mais completos até então realizados sobre a hierarquia urbana na França (“*Physionomie générale de l’armature urbaine française*”, 1965), chamando a atenção para sua distribuição e seus desequilíbrios (AMORIM FILHO; SENNA FILHO, 2007).

Em 1960, Rochefort, em sua tese de Doutorado “*L’organisation urbaine de l’Alsace*”, define três níveis hierárquicos funcionais na rede urbana da região francesa: “*grandes cidades, cidades médias e organismos urbanos elementares. Os critérios utilizados neste estudo incluem os limiares demográficos, a organização interna das cidades e suas relações externas*”. (AMORIM FILHO; SENNA FILHO, 2007, p. 21).

Desde o começo dos anos 1970, as cidades médias passam a ser elementos importantes das políticas de “*aménagement du territoire*”, na França. As pesquisas sobre o tema se multiplicam, como os de Amorim Filho (1973, 1976, 1978, etc),

Lajugie (1974), Andrade e Lodder (1979), entre outros, contribuindo, assim, para as políticas públicas de planejamento.

Estudos realizados por Amorim Filho, em 1973, em sua tese de Doutorado, "*Contribution à l' étude des Villes moyennes au Minas Gerais*", marcam o início dos estudos do tema cidades médias em Minas Gerais e no Brasil. Ainda, na década de 1970, publica um estudo epistemológico, "*Um esquema metodológico para o estudo das cidades médias*" (1976), e uma monografia regional, "*Patos de Minas: uma cidade média em Minas Gerais e sua região*" (1978) (AMORIM FILHO; SENNA FILHO, 2007, p. 25)

Recentemente, vários trabalhos, inclusive dissertações de mestrado e teses de doutorado têm se dedicado ao assunto. Entre estes trabalhos, destacam-se as pesquisas de Soares (1999), Andrade e Serra (2001), Sposito (2001-2004), Amorim Filho e Senna Filho (2005) e Amorim Filho, Rigotti e Campos (2007).

Cabe aqui ressaltar que Amorim Filho e Senna Filho (2007), refletindo a prioridade atribuída à busca de solução dos muitos problemas sócio-econômicos urbanos em Minas e no Brasil, citam duas outras pesquisas, produzidas pelo primeiro, com temas e escalas diferentes, no decorrer dos anos oitenta. Inicialmente, o autor produziu um primeiro balanço sobre as políticas para as cidades médias brasileiras, trabalho intitulado "*Middle Size Cities and Brazil's Territorial Planning*" (AMORIM FILHO, 1986). Mais para o final da década de oitenta, Amorim Filho começa a se voltar para os temas mais regionais em Minas Gerais e faz um estudo do papel desempenhado por duas cidades médias, Teófilo Otoni e Nanuque, na região do Mucuri, em um trabalho publicado em 1990. Neste estudo, as cidades médias são analisadas em seu papel regional e em suas posições dentro de uma rede urbana. A partir do início da década de noventa, o interesse e os estudos sobre o tema das cidades médias ganham um novo impulso, com um dinamismo que só tem se ampliado desde então. O período de pequeno dinamismo verificado na década de oitenta tinha sido superado.

Entre os processos e tendências, recentes ou atuais, é necessário reservar um lugar especial para a retomada, renovação e grande ampliação do interesse, pesquisas, publicações e reuniões tendo como foco as cidades médias na França, justamente o país pioneiro nesse domínio conforme colocam Amorim Filho e Senna Filho (2007).

A título de exemplo, no caso francês, destacam-se, geógrafos clássicos, como Pierre George, que voltaram a interessar-se e a refletir sobre este nível de cidades: neste caso, merece menção a publicação que George dirigiu, ao lado de Nicole Commerçon, em 1999, com o sugestivo nome de “*Villes de Transition*”; o colóquio sobre as cidades médias, realizado na cidade de Mâcon, que reuniu um grande número de geógrafos, historiadores, economistas, urbanistas, arquitetos e outros profissionais para refletir sobre as cidades médias. Em 1992, os professores Guy de Meo e Franck Guerit publicaram uma obra que analisa as cidades médias, as redes urbanas a que pertencem, suas relações e suas hierarquias, em quase todo espaço geográfico polarizado pela metrópole de Bordeaux.

Em alguns países hispanoamericanos, o interesse pelo tema das cidades médias toma novo impulso, a partir do final dos anos oitenta e, sobretudo, de meados dos noventa. Desses países, quatro merecem uma atenção especial: Venezuela, Peru, Argentina e Chile. Após o surgimento na França dos anos 1950 e 1960, o interesse pelas cidades médias se espalhou pelo mundo, gerando um volume de projetos, pesquisas, teses e dissertações, várias outras publicações e, até mesmo, políticas públicas com resultados positivos na maior parte dos casos. (AMORIM FILHO; SENNA FILHO, 2007)

No Brasil, os pesquisadores mineiros foram pioneiros nas pesquisas sobre as cidades médias, com estudos realizados por Amorim Filho sobre Formiga-MG e sobre a rede de cidades médias de Minas Gerais. O grupo de pesquisa coordenado por Amorim Filho iniciou, na década de 70, no IGC-UFMG onde esteve sediado até meados da década de 90. A partir deste, as pesquisas deste grupo foram feitas no contexto do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Tratamento da Informação Espacial, criado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Um ponto, porém, deve ser enfatizado; a maioria dos estudos realizados até hoje se volta para as hierarquias demográficas e econômicas, para as redes e funções, além dos atributos positivos como qualidade de vida, por exemplo, e dos problemas das cidades médias. Poucos tinham sido os estudos, até o final do século XX (com exceção de publicações de Amorim Filho sobre Formiga e Patos de Minas) e as pesquisas prioritariamente voltadas para a estrutura e morfologia dos espaços intra-urbanos das cidades médias.

### 1.2.1 Principais características das cidades médias

As análises do processo de urbanização recente do mundo e de quase todos os países enfatizam a prevalência da metropolização e do crescimento das grandes cidades. Indubitavelmente, a concentração de população em grandes áreas urbanas é marcante e tem se acentuado com os processos de internacionalização da economia, globalização e constituição de uma sociedade em rede, uma vez que esses centros constituem os principais nós das redes urbanas em níveis mundial e nacional (CASTELLS, 1996; SASSEN, 1991; VELTZ, 1996). Entretanto, ao analisar a evolução da urbanização mundial, Egler (2002, p. 324) afirma que:

[...] o processo de concentração populacional nos grandes centros urbanos é mais relevante que o fenômeno de difusão espacial da urbanização. Mas ao mesmo tempo, a relação entre crescimento populacional/crescimento do número de cidades é bem mais importante para as cidades *intermediárias/médias*, o que demonstra o dinamismo desta categoria de centros urbanos (BRANCO, 2006, p. 245).

Nessa ordem de idéias, essa importância crescente das cidades médias acontece igualmente no Brasil, como se podem depreender da análise do crescimento da população urbana dos municípios, por categoria de tamanho populacional, no período 1970/2000, onde se constata o aumento constante dessa categoria de centros tanto em número quanto em população, conforme coloca Branco (2006).

Diante disso, Branco (2006) sustenta que alguns aspectos fundamentais constituem consenso quando se investiga o universo de cidades médias ou intermédias. Assim, a partir de informações quantitativas coletadas em nível nacional, foram consideradas pelo autor as seguintes características como definidoras desse patamar de cidades em todo o território nacional: o tamanho populacional e econômico, o grau de urbanização, a centralidade e a qualidade de vida.

O tamanho populacional da cidade sempre é mencionado quando se trata de cidades médias e apesar de haver consenso de que essa característica não é determinante, todavia, como apontam Amorim e Serra (2001), deve ser considerado como uma faixa de tamanho para investigação, mas não como elemento definidor da

cidade média, principalmente porque em termos geográficos, a localização relativa tem mais peso que questões de tamanho.

A questão econômica é outro fator considerado relevante, pois é indicativo da dinâmica econômica do centro, responsável por existência de infra-estrutura necessária ao poder de atração locacional e ao papel de intermediação que caracterizam as cidades médias. O grau de urbanização é também importante na definição das cidades médias, uma vez que as atividades necessárias para desempenhar as funções urbanas, tais como as de articulador do sistema urbano, de centro de atividades produtivas e de prestação de serviços constituem características tipicamente urbanas (BRANCO, 2006).

Outro fator também a ser considerado é a centralidade, a qual é de fundamental importância na definição do fenômeno urbano (LEFEBVRE, 1999, p. 109-124) e é a principal característica dessa categoria de cidades, uma vez que nela se apóia o seu poder de articulação entre os diferentes níveis de centros urbanos, a sua atuação como centro de oferta de bens e serviços para sua área de influência, e como nó de diferentes tipos de rede, funções que estão no cerne do conceito de centralidade (LEFEBVRE *apud* BRANCO, 2006).

As características básicas para a definição de cidades médias se completa com a qualidade de vida. Aspecto relevante na definição de cidades médias, por levar em consideração a oferta de infra-estrutura urbana, segurança, facilidade de deslocamento, entre outros, constituindo, assim, fator de atração locacional para indivíduos e também para instalação de unidades de produção de grupos mais capitalizados que, em função do avanço tecnológico podem dissociar a localização dessas unidades de produção da localização nos centros de tomada de decisões, maiores e mais congestionados (SPOSITO 2001, p. 630-631).

Nesse conjunto de elementos que estruturam o perfil das cidades médias, faz-se necessário analisar a dinâmica da produção do espaço intra-urbano. De acordo com a literatura específica, as cidades médias constituem-se em localidades potenciais de absorção de empreendimentos, principalmente indústrias, pois apresentam algum tipo de economia de aglomeração de potenciais. Numa economia em transformação, a partir da disseminação da organização flexível do trabalho, sua capacidade de absorção de investimentos também é relevante. Assim sendo, as cidades médias *“seriam aquelas cidades de porte médio e distantes das áreas metropolitanas, mas com capacidade atrativa dos investidores em relação às*

*idades ao seu redor, o que reafirmaria seu destaque regional*” (GUIMARÃES; VIEIRA; NUNES, 2005, p. 270).

De acordo com Amorim e Serra (2001)

as cidades médias desempenham funções específicas no sistema urbano e que espelham diferentes modos de produção em suas diferentes etapas, em cada fase deste sistema. Assim, acrescentam-se às características, consideradas como definidoras das cidades médias em pesquisas realizadas nas décadas anteriores, três novas funções que podem ser desempenhadas por essas cidades em decorrência do processo conhecido por “globalização”: a de articuladoras privilegiadas nos eixos ou corredores de desenvolvimento (AMORIM; SERRA, 2001, p. 28).

Amorim Filho e Rigotti (2007) lembram ainda que, em sua obra de 1974, Lajugie, depois de uma série de reflexões, diz que a cidade média “*se define, antes de tudo, por suas funções, pelo lugar que ela ocupa na rede urbana, entre a metrópole, com vocação regional, e os pequenos centros urbanos, com influência puramente local*” (AMORIM FILHO; RIGOTTI *apud* 2007, p. 21). Com o intuito de chegar a uma melhor caracterização da cidade média, Amorim Filho (1976, p.7-8) propôs uma conceituação mais abrangente, baseada na presença de alguns atributos como, por exemplo:

Interações com seu espaço regional e com aglomerações urbanas de hierarquia superior; tamanho demográfico e funcional suficiente para que possam oferecer um largo leque de bens e serviços ao espaço microrregional a elas ligado; capacidade de receber e fixar migrantes de cidades menores ou da zona rural, funcionando como pontos de interrupção do movimento migratório na direção das grandes cidades, já saturadas; condições necessárias ao estabelecimento de relações de dinamização com o espaço rural microrregional que as envolve; diferenciação do espaço intra-urbano, com um centro funcional bem individualizado e uma periferia dinâmica, evoluindo segundo um modelo parecido com o das grandes cidades; aparecimento, em menor escala, de certos problemas semelhantes aos das grandes cidades (AMORIM FILHO, RIGOTTI, 2003, p.24-25).

Para os autores citado acima, tais critérios sendo válidos teoricamente, nem toda “cidade de porte médio” possui as qualidades que podem fazer dela uma “cidade funcionalmente média”. Assim, anos mais tarde, Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982), aplicando tais critérios ao primeiro estudo que buscou identificar todas as cidades médias de Minas Gerais, não somente confirmaram a complexidade do conceito de cidade média, como também, chegaram à conclusão de que essa noção não cobre apenas um nível único de cidade. Para além de uma ampla tipologia, chegaram a identificar em seu estudo pelo menos quatro níveis hierárquicos dentro

das cerca de 100 cidades médias de Minas Gerais: “os grandes centros regionais, cidades médias de nível superior, cidades médias propriamente ditas e os centros urbanos emergentes”.

A compreensão dos fatores que caracterizam as cidades médias permite destacar a importância do nível hierárquico de centros urbanos emergentes, assim como sustentar as teses produzidas pela literatura específica, segundo as quais:

Além de constituírem uma barreira ao processo de migração rumo às grandes aglomerações, são determinantes para a constituição de um espaço perimropolitano equilibrado, desempenhando um importante papel no desenvolvimento local e regional, pois permitem a descentralização da população urbana, das atividades e da riqueza no espaço, por elas polarizado, estimulando e dinamizando sua região. [...] o papel dessas cidades, no espaço perimetropolitano, seria estratégico na sua organização, caracterização e estruturação, funcionando como mediadoras, mitigadoras e articuladoras entre a metrópole e as regiões rurais incluídas na suas áreas de influência. (CONTI, 2009, p. 329).

Estas questões contribuem também para sustentar o conjunto de estudos sobre as cidades médias, como afirmam Amorim Filho e Serra (2001), para atender a necessidade de compreender e encontrar soluções ou alívio para três grandes problemas geográficos e socioeconômicos:

- a exacerbação de problemas dos (des) equilíbrios urbanos regionais [...];
- o agravamento das condições de qualidade de vida nas grandes aglomerações urbanas, bem como um aumento acelerado dos problemas sociais aí verificados;
- a frágil organização hierárquica das cidades e, obviamente, o fluxo insuficiente das informações e das relações socioeconômicas nas redes urbanas da maior parte dos países do mundo, com reflexos negativos sobre o funcionamento dos sistemas políticos e econômicos (AMORIM FILHO; RIGOTTI, 2002 *apud* CONTI, 2009, p. 329)

Nesse contexto CONTI (2009), coloca que é necessário analisar os fatores que possam contribuir para identificar as cidades médias, visto que não há uma conceituação definitiva do termo. Entre tais fatores estão:

- a expansão demográfica, não é um fator suficiente de modo a determinar o pertencimento de uma cidade a esta categoria, pois uma cidade pode ter um tamanho demográfico médio sem ser de fato uma cidade média;
- a evolução histórica, porque em muitos casos a evolução da cidade é reflexo de seus atributos naturais e/ou sociais, que modelam o socioeconômico no meio regional e nacional;

- a estrutura morfológico-funcional, que serve para compreender a natureza das relações internas e externas, assim como para definir as razões do dinamismo presente nos seus centros e subcentros;

- a qualidade de vida relacionada à dimensão urbana e ao não aparecimento dos problemas associados às grandes aglomerações urbanas como a congestão urbana, o alto custo de sobrevivência, a poluição e a violência, propiciando uma vida mais tranqüila e saudável, permitindo a manutenção de numerosas relações em escala pessoal, *“livre do ritmo de vida trepidante e estressante das grandes cidades, seus habitantes desfrutam de melhores condições de vida e participam de uma comunidade favorecendo, segundo Lajugie, o equilíbrio psíquico e moral”* (ALVIM *apud* CONTI, 2009, p. 330).

### 1.2.2 Cidades médias em Minas Gerais

Em Minas Gerais, o primeiro estudo que faz referência às cidades médias foi realizado, em meados da década de 1960, pelo geógrafo francês Yves Leloup que pesquisou sobre a rede urbana e as características regionais das cidades mineiras, identificando três níveis hierárquicos principais: Belo Horizonte, as cidades de porte médio e os organismos urbanos elementares. Tal pesquisa resultou em uma tese de doutorado intitulada *“Les Villes du Minas Gerais”*, que inclui também um estudo histórico sobre as cidades do Estado, e que foi publicada em Paris em 1970.

Em 1973, Amorim Filho, em sua tese de doutorado, cujo objeto de estudo era a cidade de Formiga e a Região Sudoeste de Minas Gerais, chamou atenção para o fato de que o *“fator demográfico é insuficiente para identificar uma cidade média”*, pois outros fatores devem ser analisados, entre eles: *“as características demográficas, as relações externas e a estrutura do espaço urbano”*. Este trabalho marca o início de estudos sistemáticos sobre as cidades médias de Minas Gerais.

Já em 1976, no 2º Encontro Nacional de Geógrafos realizado em Belo Horizonte, o autor publica um estudo epistemológico, *“Um esquema metodológico para o estudo das cidades médias”*, e aponta alguns critérios imprescindíveis para caracterizar uma cidade medida:

- a capacidade de manter interações com as demais cidades da rede urbana na qual está inserida;
- a capacidade de dinamizar o espaço regional no qual está inserida;
- a capacidade de manter uma certa autonomia quanto à criação de equipamentos com um certo padrão de intensidade, conectividade e abrangência;
- a capacidade de ter uma evolução da morfologia urbana coerente com suas características e equilibrada e que conte com um centro complexo, cujo raio de influência funcional ultrapasse os limites territoriais da cidade, a presença de subcentros em desenvolvimento e uma periferia crescente, resultando em uma estrutura polinuclear (AMORIM FILHO, 1976, *apud* CONTI, 2009, p. 336).

Amorim Filho (1978), em seu artigo, “Patos de Minas: uma cidade média em Minas Gerais e sua região” tem como foco as relações externas da cidade e suas infraestrutura e morfologia internas.

Através dos estudos desenvolvidos sobre as cidades médias ao longo da década de 1970, esta categoria de cidade passa a ser foco tanto dos pesquisadores quanto de administradores e planejadores nacionais. Amorim Filho destaca que as cidades médias passaram a integrar as políticas de planejamento regional a partir de meados dos anos setenta.

Na década de 80, diminui a atenção para o tema das cidades médias e logo, estas passam a ser mais de interesse acadêmico e de ações regionais e microrregionais, pois o foco, nesta época, eram principalmente os problemas das grandes cidades.

Mesmo neste cenário desfavorável para estudo sobre o tema, Amorim Filho deu continuidade aos trabalhos e, em 1982, juntamente com outros pesquisadores realizou a primeira classificação hierárquica das cidades médias do Estado de Minas Gerais. Esta pesquisa foi direcionada para as regiões com maiores problemas socioeconômicos e tinha como título “*Cidades de porte médio e o Programa de Ações Sócio-educativo culturais para as populações carentes do meio urbano de Minas Gerais*”.

No início dos anos oitenta, Amorim Filho publicou um trabalho, “*Cidades médias e a organização do espaço no Brasil*”, contemplando as políticas para as cidades médias Brasileiras na década de 1970, a importância do tema naquela época.

Em 1990, o autor passou a ter maior interesse pelo tema cidades médias, mas na escala regional e assim fez um estudo sobre a “*A rede urbana da Bacia do Mucuri*”, evidenciando que o papel das cidades médias nas redes urbanas é de

dinamizá-las e estruturá-las, mesmo que as redes estejam em fase inicial de estruturação ou em regiões menos desenvolvidas.

A partir dos anos noventa, o tema das cidades médias ganha novo impulso, aumentando o número de pesquisas, teses, dissertações e publicações sobre as classificações das cidades médias, seja do ponto de vista temático ou estadual.

Nesta época, o autor destaca outro aspecto pertencente às cidades médias em Minas Gerais, até então, não estudado, que seria o potencial que estas cidades têm de se transformarem em pólos tecnológicos, ou seja, tecnópoles.

Deste esforço, Amorim Filho juntamente com Abreu, 1996, elaborou uma nova hierarquia para as cidades médias mineiras destacando aquelas com maior potencial para se tornar tecnópoles.

Em 1997, o autor participou do 6º Congresso Internacional de Geógrafos Latinoamericanos realizado em Arequipa, no Peru, e retomou o tema cidades médias apresentando o artigo *“Um cuarto de siglo de una ciudad media em Minas Gerais: Formiga”*, no qual volta a refletir sobre os critérios definidos por ele para caracterizar uma cidade média, e aplicando-os novamente à cidade de Formiga, objeto do estudo pioneiro de 1973.

Segundo Conti, em 2001, Amorim Filho e Serra identificam três aspectos até então pouco estudados e que justificam o retorno do interesse pelas cidades médias:

- 1- Boa qualidade de vida, quase sempre mais presente neste grupo de cidades do que em outros níveis da hierarquia urbana.
- 2- A maior facilidade de conservação dos patrimônios ambientais e arquitetônicos neste grupo de cidades, favorecendo a manutenção da memória e da identidade coletivas, neste mundo marcado pelos nivelamentos da globalização, cujos principais emissores e difusores se encontram nas grandes metrópoles e megalópoles.
- 3- O fato das cidades médias representarem um foco privilegiado das “percepções, valores, motivações e preferências sociais e individuais, aspectos correlacionados com a intensidade e o direcionamento dos fluxos turísticos de massas humanas cada vez maiores” (AMORIM FILHO; SERRA *apud* CONTI, 2009, p. 341).

No início do século XXI, as cidades médias voltam a ser objeto de políticas públicas e iniciativas privadas, desta vez como lugares privilegiados em termos de qualidade de vida, de conservação do meio ambiente e como pólos de fluxos turísticos, aumentando o número de publicações e pesquisas sobre o tema.

Segundo Amorim Filho, as cidades de porte médio estão chamadas a desempenhar um papel importante e voltar, dessa maneira, a uma posição de liderança na ordem territorial futura do Estado de Minas Gerais (AMORIM FILHO; SENNA FILHO, 2005).

Em 2005, Amorim Filho, em parceria com Senna Filho, publicou o livro *“Morfologia das cidades médias”*, com uma análise da origem e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias e, sobretudo, pela primeira vez, com um modelo de zoneamento morfológico funcional do espaço intra-urbano para as cidades médias de Minas Gerais.

Em 2006, Amorim Filho, em colaboração de Rigotti e Campos, publicou uma nova classificação para as cidades médias mineiras, com o objetivo de manter atualizadas as informações sobre esta categoria de cidades no Estado.

Em 2007, Amorim Filho em parceria com Senna Filho, publicou a segunda edição do livro *“Morfologia das cidades médias”*, ampliando a parte teórica (Amorim Filho) e o número de estudo de casos (Senna Filho).

Enfim, esta parte do trabalho procurou elaborar uma breve trajetória dos estudos sobre as cidades médias no Estado de Minas Gerais. Como pioneiro nos estudos sobre cidade média em Minas Gerais, Amorim Filho juntamente com seu grupo de pesquisadores realizou três trabalhos, classificando as cidades médias mineiras. Assim, no próximo capítulo iremos analisar a cidade de Ponte Nova nestas classificações.

## **2 AS CLASSIFICAÇÕES DAS CIDADES MÉDIAS MINEIRAS E A POSIÇÃO DE PONTE NOVA EM MINAS GERAIS E NA ZONA DA MATA MINEIRA**

### **2.1 Ponte Nova nas hierarquias das cidades médias mineiras: 1982, 1999 e 2006**

Desde o final dos anos 70, três classificações das cidades médias de Minas Gerais foram realizadas por Amorim Filho e associados. A primeira classificação das cidades médias mineiras só foi possível como um dos resultados de cerca de dez anos de pesquisas sobre o tema, realizadas a partir de 1969; inicialmente na Fundação Universitária do Oeste de Minas (FUOM) em Formiga; em seguida (1971-1973), na Universidade de Bordeaux III (França); e, entre 1974 e 1981, no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais (AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007).

Do ponto de vista operacional, a primeira classificação hierárquica e a análise da distribuição dos diferentes níveis deste grupo de cidades nas regiões de Minas Gerais só se tornaram possíveis pela convergência de três contribuições fundamentais: a experiência acumulada por Amorim Filho em uma continuada reflexão teórica sobre o tema das cidades médias e um conhecimento empírico (em dezenas de trabalho de campo) de todas as cidades mineiras susceptíveis de se classificarem como médias; a competência desenvolvida por Abreu, no domínio de técnicas quantitativas de classificação, durante seu doutorado nos Estados Unidos e, finalmente, as habilidades cartográficas e gráficas, na confecção de mapas temáticos, desenvolvidas por Taitson Bueno, durante seus estudos na Universidade de Bordeaux III.

O primeiro desafio teórico-metodológico apareceu desde o início, com a necessidade de se definir qual seria o grupo de cidades a ser estudado e classificado. Desde o começo das pesquisas, optou-se, por razões teóricas, por não incluir na pesquisa Belo Horizonte e toda sua região metropolitana. Já se sabia naquela época que, mesmo englobando algumas cidades de porte médio, a atmosfera da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH), como qualquer outra região metropolitana, modifica o ambiente em que as cidades médias se

desenvolvem em plenitude as funções e as relações que, teoricamente, se esperam de tais cidades. Então, as características típicas das cidades médias são modificadas ou mascaradas naquelas cidades, por estarem inseridas em um organismo urbano de dimensão e complexidade bem maiores. (AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007)

Outro problema dizia respeito à escolha do limiar demográfico inferior, a partir do qual seria formado o grupo de cidades a ser pesquisado. A este respeito, Amorim Filho, Taitson Bueno e Abreu, em 1982 assim se pronunciavam:

[...] procurando trabalhar com a menor margem de erro possível, optou-se por incluir no universo de análise todas as cidades que tivessem cerca de 10.000 habitantes e mais na sede municipal, em 1970, com exclusão daquelas que fizessem parte da RMBH. Com isso, em um total de 722 cidades em todo o Estado, selecionaram-se 102 cidades (AMORIM FILHO; TAITSON BUENO; ABREU, 1982, p.35).

Além de um conhecimento bem mais detalhado de cada uma das cidades de Minas Gerais classificadas como médias, esta primeira classificação trouxe uma contribuição fundamental, pois, inicialmente, as reflexões teóricas e alguns estudos monográficos levavam a crer que o grupo das cidades médias fosse um grupo compacto, formado por cidades muito semelhantes entre si. Os estudos, especialmente os trabalhos de campo, que deram suporte e substância à publicação do texto de 1982, mostram, de maneira clara, que não é bem assim. Na verdade, com esses estudos foi possível chegar à identificação de pelo menos quatro níveis hierárquicos no interior do grupo das cidades médias:

- **Grandes Centros Regionais:** Trata-se do limiar superior, que serve para fazer a transição entre as cidades médias de nível superior e as grandes cidades. Esses grandes centros possuem um forte contingente populacional, no caso de Minas Gerais, uma população urbana em torno de 400.000 habitantes. Possuem uma economia saudável, equilibrada em seus setores secundário e terciário, além de já apresentarem núcleos de desenvolvimento de inovações tecnológicas. Polarizam vastos espaços regionais e mantêm relações econômicas, culturais e demográficas até mesmo com cidades e regiões situadas fora de Minas Gerais.

- **Cidades Médias de Nível Superior:** as cidades aqui incluídas são sempre visualizadas, em qualquer hierarquização, como cidades médias, quando se trata de classificações que cobrem todas as cidades do Estado. No interior de suas próprias regiões, são encaradas pela população regional como cidades grandes. São cidades que possuem um dinamismo demográfico sustentado e, no caso do estudo publicado em 1982, tinham população que se situavam entre um pouco mais de 70.000 até cerca de 100.000 habitantes. São cidades que desenvolveram, paralelamente à indústria,

dinâmicos setores de comércio e de serviços. Assim, essas cidades, além de fortalecerem sua posição e suas ligações no domínio regional, começam a estender essas ligações a pontos situados para além desses domínios. São, em síntese, cidades de estruturas já bem consolidadas e cujo crescimento futuro parece, sem dúvida, assegurado

**Cidades Médias Propriamente Ditas:** essas cidades são aquelas com características mais intermediárias, quando se trata do tamanho demográfico, da hierarquia e das funções econômicas. As cidades aqui incluídas se encontram em sua quase totalidade com população entre 20.000 e 100.000 habitantes. (AMORIM FILHO; BUENO; ABREU, 1982, p.41).

Amorim Filho, Bueno e Abreu (1982) afirmam ainda, que em suas relações externas, as cidades incluídas no grupo das médias propriamente ditas são caracterizadas por aspectos bem peculiares. De um lado, tendo em vista seu nível atual de desenvolvimento econômico, sua posição geográfica sempre nos eixos ou entroncamentos principais das vias de comunicação, essas cidades mantêm relações importantes com centros maiores. De outro lado, essas cidades médias continuam a manter relações intensas, constantes e diretas com as cidades menores e com o espaço microrregional a elas ligado. É essa função de ligação entre o espaço rural e as pequenas cidades microrregionais, de uma parte, e os centros urbanos mais importantes, de outra, que constitui a própria essência dessa noção de cidade média.

- **Centros Urbanos Emergentes:** é formado por cidades que se encontram na faixa transicional entre as pequenas cidades e as cidades médias propriamente ditas. Os centros emergentes não chegam a 50.000 habitantes na sede municipal. A economia desses municípios encontra-se em fase de estruturação, podendo, apresentar desequilíbrios. Em muitos desses centros emergentes, observam-se importantes ligações com o mundo rural que os envolve.

[...] para esses espaços rurais, os centros urbanos emergentes representam a primeira válvula de abertura em relação ao mundo exterior (AMORIM FILHO; BUENO; ABREU, 1982, p.44).

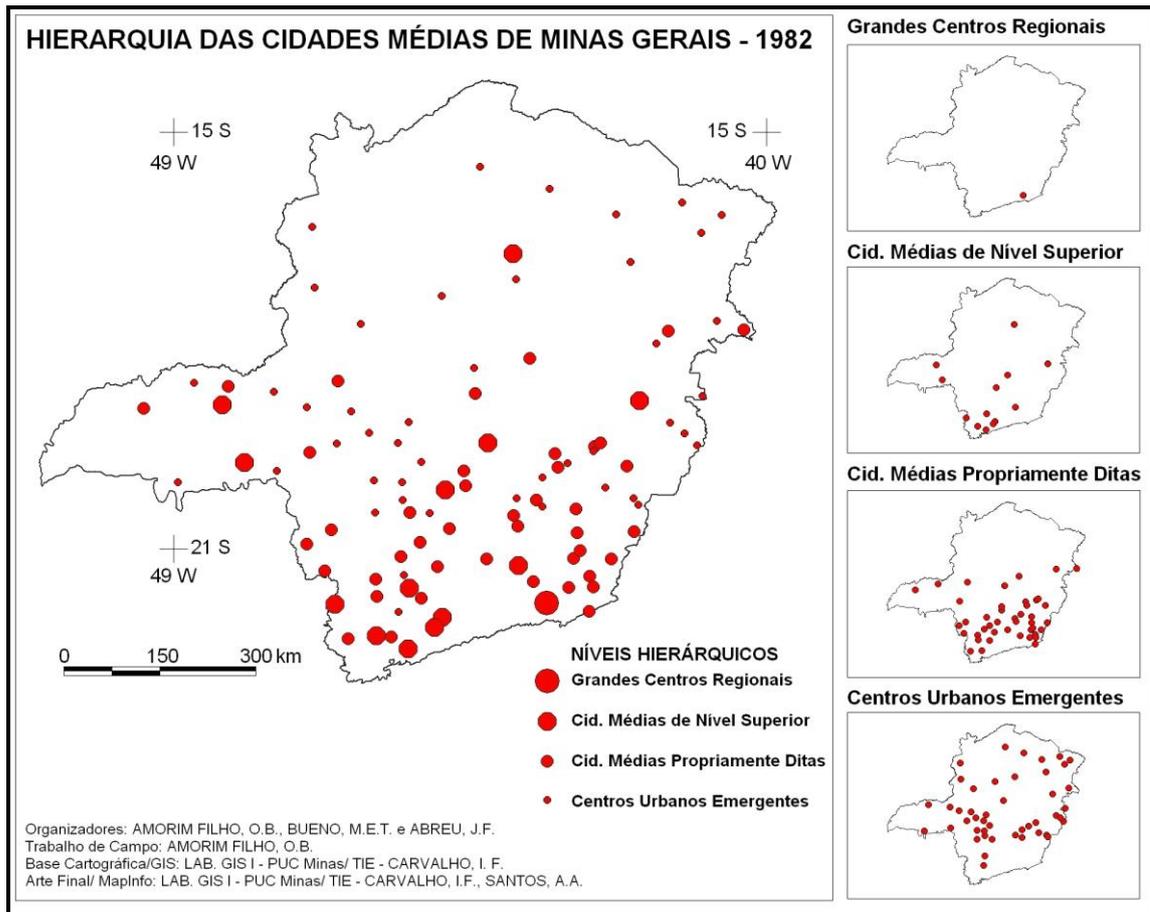
Tendo por base esses quatro níveis hierárquicos das cidades médias, com exceção das cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte, no trabalho de 1982, Ponte Nova encontra-se no patamar das cidades médias propriamente ditas, juntamente com mais 42 cidades que em sua maioria estão localizadas na metade sul de Minas Gerais, especialmente em três mesorregiões: Zona da Mata, Sul de Minas e Zona Metalúrgica, como mostra o Quadro 1 e Mapa 2.

<b>Hierarquia das cidades de porte médio em Minas Gerais - 1982</b>	
<b>Nível 1- Grande Centro Regional</b>	Juiz de Fora
<b>Nível 2- Cidades Médias de Nível Superior</b>	Uberlândia, Uberaba, Barbacena, Varginha, Poços de Caldas, Itajubá, Pouso Alegre, Governador Valadares, Sete Lagoas, Montes Claros, Divinópolis, São Lourenço e Caxambu*.
<b>Nível 3- Cidades Médias Propriamente Ditas</b>	Teófilo Otoni, Patos de Minas, Ituiutaba, Caratinga, Araguari, Passos, São João Del Rei, Formiga, Curvelo, Diamantina, Ubá, Araxá, Machado, Viçosa, Carangola, Itabira, Ponte Nova, Lavras, Alfenas, São Sebastião do Paraíso, Oliveira, Conselheiro Lafaiete, Três Corações, Itaúna, Leopoldina, Ouro Preto, Ouro Fino, Santa Rita do Sapucaí, Guaxupé, João Monlevade, Além Paraíba, Coronel Fabriciano, Pará de Minas, Cataguases, Ipatinga, Congonhas, Santos Dumont, Visconde do Rio Branco, Boa Esperança, Muriaé, São João Nepomuceno, Campo Belo e Nanuque.
<b>Nível 4- Centros Emergentes</b>	Patrocínio, Bom Despacho, Pirapora, Timóteo, Frutal, Tupaciguara, Manhuaçu, Sacramento, Manhumirim, Três Pontas, Arcos, Dolores do Indaiá, São Gonçalo do Sapucaó, Itabirito, Nova Era, Bambuí, Janaúba, Monte Carmelo, Carmo do Paranaíba, Pium-í, Abaeté, Ibiá, Lagoa da Prata, Mantena, Corinto, Pedra Azul, São Gotardo, Santa Bárbara, Itapeçerica, Resplendor, Raul Soares, Paracatu, Unai, João Pinheiro, Itambacuri, Aimorés, Carlos Chagas, Januária, Bocaiúva, Conselheiro Pena, Araçuaí, Almenara, Salinas, Jequitinhonha e Mariana.

Quadro 1: Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais - 1982

Fonte: Amorim Filho; Bueno; Abreu, 1982

(\*) Em função de problemas na transcrição de dados estatísticos, São Lourenço e Caxambu foram incluídos indevidamente nesta categoria elevada das cidades médias mineiras, na hierarquização de 1982. Nas classificações posteriores, o equívoco foi sanado.



Mapa 2: Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais - 1982  
 Fonte: Amorim Filho; Bueno; Abreu, 1982

Na maior parte da década de 1980 houve uma relativa queda de interesse pelas cidades médias, que estiveram, nos anos 1970, ligadas às políticas de planejamento urbano e regional que se inspiraram na teoria dos pólos de crescimento.

Porém, desde o alvorecer da década de 1990, as cidades médias voltam a figurar entre as prioridades de acadêmicos, planejadores, da mídia e da nova economia globalizada. Esse interesse se baseou no fato de que as cidades médias têm sido consideradas como lugares privilegiados em termos de qualidade de vida, de preservação do meio ambiente e do patrimônio urbanístico, e como pólos de atração de crescentes fluxos turísticos. Além disso, nos campos científico e tecnológico, as cidades médias têm sido vinculadas ao conceito de tecnópolis, um dos mais importantes fenômenos da economia globalizada.

A esse respeito, pensou-se originalmente que as grandes cidades, capitais e metrópoles seriam os locais ideais para a criação dos pólos tecnológicos. De fato, as

grandes aglomerações, principalmente nas regiões mais desenvolvida do globo, apresentam-se como candidatas a sediar esses complexos tecnológicos, cuja prioridade maior é a criação, reciclagem e difusão de inovações. (AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007)

Entretanto, logo se viu que as grandes aglomerações, já saturadas, marcadas por deseconomias, não poderiam ter o monopólio desses espaços de inovações tecnológicas. Assim, na opinião de alguns dos mais eminentes estudiosos deste tema, os parques tecnológicos têm melhores condições de desenvolvimento bem sucedido quando se localizam nas cidades médias.

Tendo em vista essas considerações, a FAPEMIG financiou um projeto para que, sob a coordenação de Amorim Filho e a participação de Abreu, já no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas, fosse realizada uma atualização dos conhecimentos sobre a rede e a hierarquia das cidades médias mineiras e, a partir daí, com a realização de trabalhos de campo, fossem identificadas aquelas que apresentassem maior potencial para se tornar tecnópoles (AMORIM FILHO; ABREU, 1999).

A pesquisa teve a duração de dois anos e os resultados finais foram publicados em 1999. Das cidades selecionadas para a pesquisa, foram eliminadas aquelas que pertenciam à Região Metropolitana de Belo Horizonte e as pequenas cidades, grande maioria das sedes municipais em Minas, e que não têm, pelo menos por enquanto, como preencher os requisitos necessários à implantação de parques tecnológicos.

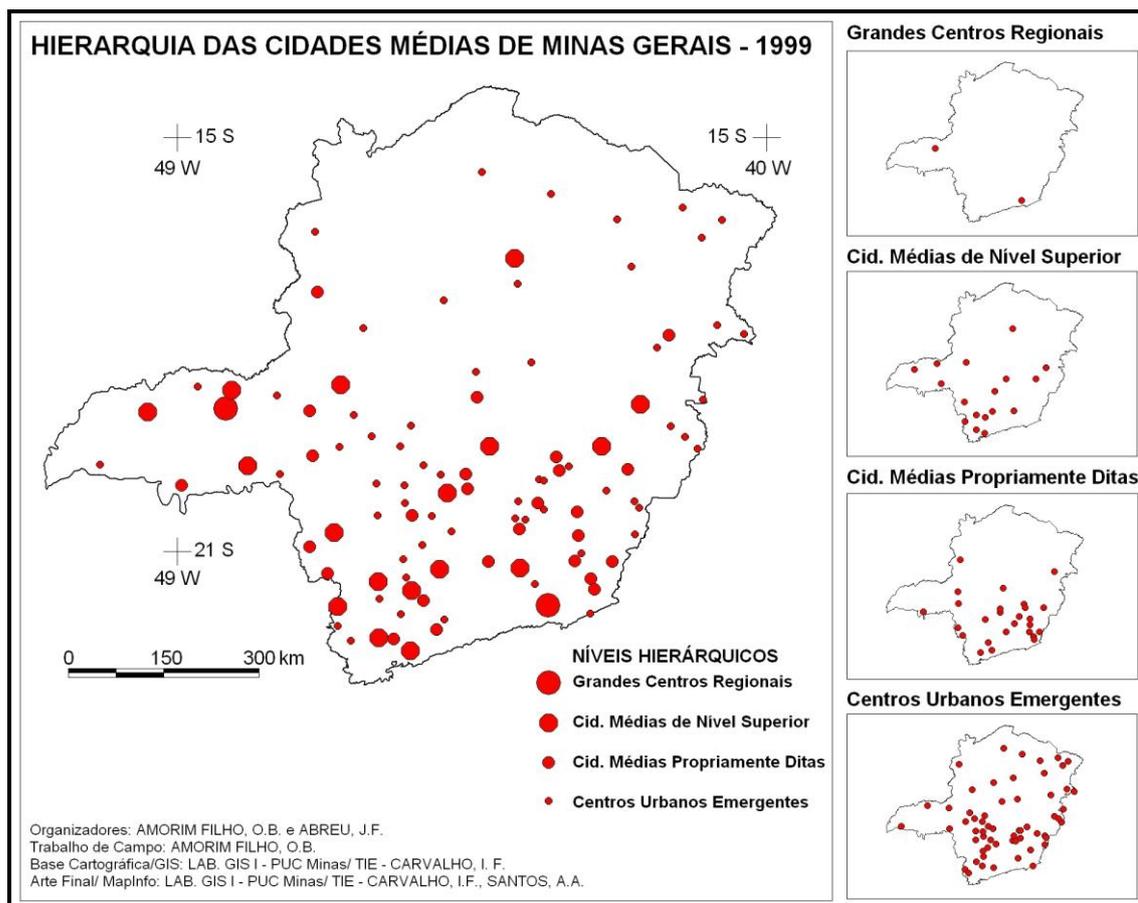
A elaboração dessa classificação é significativa, pois permite a comparação com o quadro hierárquico produzido em estudo semelhante, dos mesmos autores, publicado em 1982.

Os resultados alcançados aparecem no Quadro 2 e Mapa 3, a seguir:

<b>Hierarquia das cidades de porte médio em Minas Gerais - 1999</b>	
<b>Nível 1- Grande Centro Regional</b>	Juiz de fora e Uberlândia.
<b>Nível 2- Cidades Médias de Nível Superior</b>	Alfenas, Araguari, Barbacena, Divinópolis, Governador Valadares, Ipatinga (aglomeração), Itajubá, Ituiutaba, Lavras, Montes Claros, Passos, Patos de Minas, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Sete Lagoas, Uberaba, Varginha.
<b>Nível 3- Cidades Médias Propriamente Ditas</b>	Araxá, Caratinga, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Curvelo, Formiga, Frutal, Guaxupé, Itabira, Itaúna, João Monlevade, Leopoldina, Muriaé, Ouro Preto, Paracatu, Pará de Minas, Patrocínio, Ponte Nova, Santa Rita do Sapucaí, São João Del Rei, São Lourenço, São Sebastião do Paraíso, Três Corações, Teófilo Otoni, Ubá, Viçosa.
<b>Nível 4- Centros Emergentes</b>	Abaeté, Aimorés, Além Paraíba, Almenara, Andradas, Araçuaí, Arcos, Bambuí, Barão de Cocais, Boa Esperança, Bocaiúva, Bom Despacho, Campo Belo, Carangola, Carlos Chagas, Carmo do Paranaíba, Caxambu, Congonhas, Conselheiro Pena, Corinto, Diamantina, Dolores do Indaiá, Ibiá, Itabirito, Itambacuri, Itapecerica, Janaúba, Iturama, Januária, Jequitinhonha, João Pinheiro, Lagoa da Prata, Machado, Manhuaçu, Manhumirim, Mantena, Mariana, Monte Carmelo, Nanuque, Nova Era, Nova Serrana, Oliveira, Ouro Branco, Ouro Fino, Pedra Azul, Pirapora, Pium-í, Raul Soares, Resplendor, Sacramento, Salinas,, Santa Bárbara, Santos Dumont, São Gonçalo do Sapucaí, São Gotardo, Três Pontas, Tupaciguara, Unaí, Visconde do Rio Branco.

Quadro 2: Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais - 1999

Fonte: Amorim Filho; Abreu, 1999



Mapa 3: Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais - 1999  
 Fonte: Amorim Filho; Abreu, 1999

Enquanto várias cidades conseguiram manter sua posição hierárquica no nível 3, **cidades médias propriamente ditas**, nos últimos 20 anos, entre elas; Teófilo Otoni, Caratinga, São João Del Rei, Formiga, Curvelo, Ubá, Araxá, Viçosa, Itabira, Ponte Nova, São Sebastião do Paraíso, Conselheiro Lafaiete, Três Corações, Itaúna, Itabira, Leopoldina, Ouro Preto, Santa Rita do Sapucaí, Guaxupé, João Monlevade, Pará de Minas, Cataguases e Muriaé, muitas outras tiveram suas posições alteradas.

A cidade de São Lourenço que, na classificação de 1982, pertencia ao nível 2, **cidades médias de nível superior**, caiu para o nível 3, **cidades médias propriamente ditas**. Outra cidade que também pertencia ao nível 2, Caxambu, passou para o nível 4, **centros emergentes**.

Alfenas, Araguari, Ipatinga (aglomeração), Ituiutaba, Lavras, Passos e Patos de Minas, que antes pertenciam ao nível 3, subiram para o nível 2, **cidades médias de nível superior** e, cidades como, Boa Esperança, Campo Belo, Carangola,

Congonhas, Diamantina, Machado, Nanuque, Oliveira e Ouro Fino, que pertenciam ao nível 3, caíram para o nível 4, **centros emergentes**.

Ipatinga, Coronel Fabriciano (ambas no nível 3 em 1982) e Timóteo (no nível 4) passaram a formar, com outros municípios, uma nova aglomeração urbana, Região Metropolitana do Vale do Aço (RMVA). Se essas cidades forem consideradas separadamente, cada uma aparecerá em um nível hierárquico diferente. Se forem consideradas enquanto formadoras de uma nova unidade urbana - RMVA - sua classificação entre as cidades médias perde muito do sentido uma vez que as regiões metropolitanas possuem dinâmicas próprias e só devem, por princípio e coerência, ser comparadas entre elas mesmas.

Um aspecto interessante é que, entre os dois estudos, houve um aumento geral no número de cidades do nível 4, **centros urbanos emergentes**, enquanto diminuíram as cidades classificadas no nível 3, **cidades médias propriamente ditas**.

Em 2003, o colegiado do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas oficializou alguns projetos permanentes de reflexão e pesquisa, coordenados por professores seniores, com experiência e forte produção científica. A partir desse momento, um dos objetivos do coordenador deste projeto permanente é o de manter sempre atualizadas as informações sobre as cidades médias de Minas Gerais, devido ao aumento do interesse acadêmico, dos planejadores urbanos-regionais e da mídia em relação às cidades médias, desde o início dos anos 1990. Assim, em 2006, uma nova pesquisa foi realizada sobre as cidades médias mineiras.

Mais uma vez, Belo Horizonte e as demais cidades da RMBH foram excluídas pelos motivos teóricos já discutidos no presente texto.

O limiar demográfico inferior das cidades selecionadas para a pesquisa mudou de 10.000 habitantes, usado na primeira hierarquização (1982), para 14.000 habitantes. Essa mudança se deve a uma constatação de campo, de acordo com a qual, algumas cidades, a partir desse limiar demográfico, já começam, em certas regiões, a desenvolver equipamentos e funções próprios de cidades médias. Portanto, as cidades sedes municipais, com populações inferiores a 14.000 habitantes, consideradas como cidades pequenas, foram também descartadas. (AMORIM FILHO; RIGOTTI; CAMPOS, 2007)

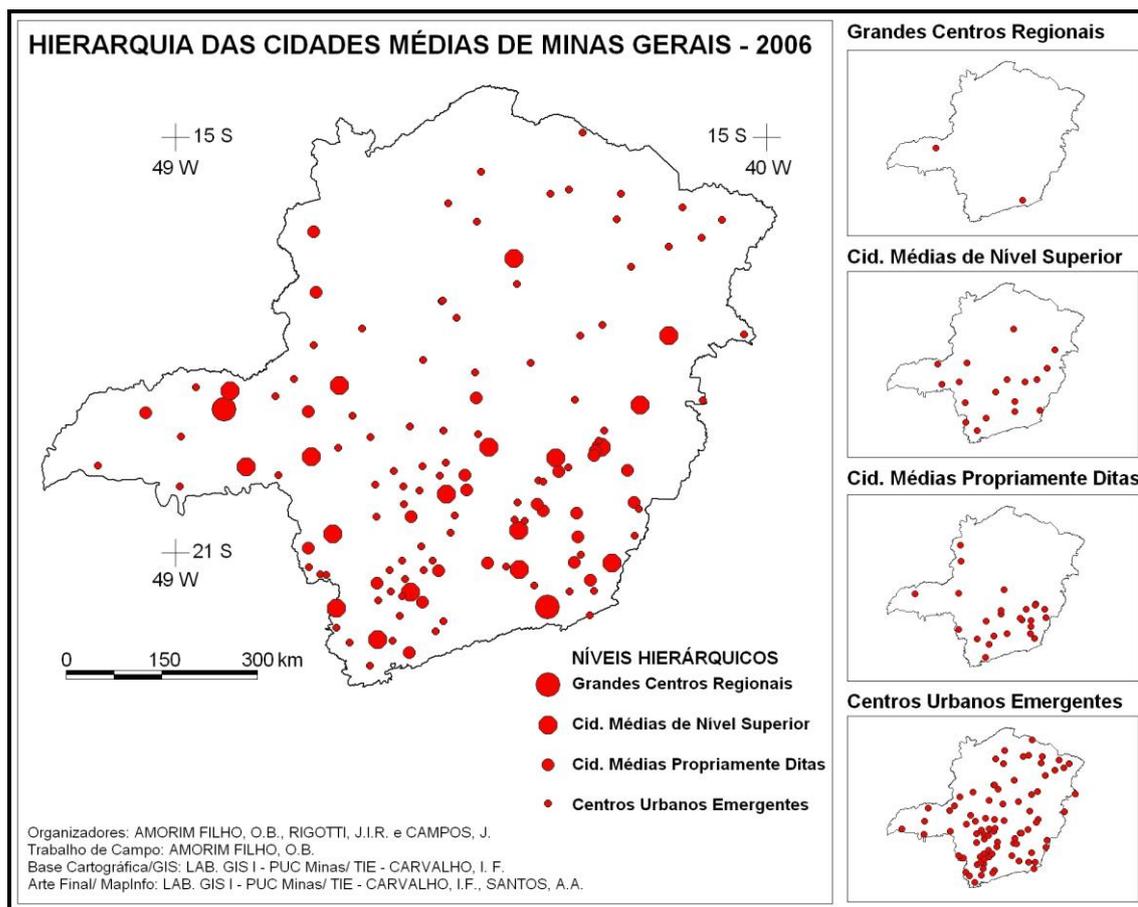
O total de cidades selecionadas compreendem 131, que correspondia ao número de cidades que então podiam ser consideradas médias em Minas Gerais, em seus quatro níveis hierárquicos.

Os resultados foram bastante interessantes para os estudiosos das cidades médias mineiras, como mostra o Quadro 3 e o Mapa 4 a seguir:

<b>Hierarquia das cidades de porte médio em Minas Gerais - 2006</b>	
<b>Nível 1- Grande Centro Regional</b>	Juiz de fora, Uberlândia.
<b>Nível 2- Cidades Médias de Nível Superior</b>	Araguari, Araxá, Barbacena, Conselheiro Lafaiete, Divinópolis, Governador Valadares, Ipatinga (aglomeração), Itabira, Montes Claros, Muriaé, Passos, Patos de Minas, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Sete Lagoas, Teófilo Otoni, Uberaba, Varginha.
<b>Nível 3- Cidades Médias Propriamente Ditas</b>	Alfenas, Caratinga, Cataguases, Coronel Fabriciano, Curvelo, Formiga, Itajubá, Itaúna, Ituiutaba, João Monlevade, Lavras, Manhuaçu, Mariana, Ouro Preto, Paracatu, Pará de Minas, Patrocínio, Ponte Nova, São João Del Rei, São Sebastião do Paraíso, Timóteo, Três Corações, Ubá, Unaí, Viçosa.
<b>Nível 4- Centros Emergentes</b>	Abaeté, Além Paraíba, Almenara, Andradas, Araçuaí, Arcos, Bambuí, Barão de Cocais, Barroso, Belo Oriente, Boa Esperança, Bocaiúva, Bom Despacho, Brasília de Minas, Buritizeiro, Cambuí, Campo Belo, Campos Gerais, Capelinha, Carangola, Carmo do Paranaíba, Caxambu, Cláudio, Congonhas, Corinto, Coromandel, Diamantina, Elói Mendes, Espinosa, Frutal, Guanhães, Guaranésia, Guaxupé, Ibiá, Itabirito, Itamarandiba, Itaobim, Iturama, Janaúba, Januária, Jequitinhonha, João Pinheiro, Lagoa da Prata, Leopoldina, Luz, Machado, Manhumirim, Mantena, Monte Carmelo, Monte Santo de Minas, Nanuque, Nepomuceno, Nova Era, Nova Serrana, Oliveira, Ouro Branco, Ouro Fino, Paraguaçu, Paraopeba, Pedra Azul, Perdões, Pirapora, Pitangui, Pium-í, Pompeu, Porteirinha, Prata, Sacramento, Salinas,, Santa Bárbara, Santa Rita do Sapucaí, Santana do Paraíso, Santo Antônio do Monte, Santos Dumont, São Francisco, São Gonçalo do Sapucaí, São Gotardo, São João Nepomuceno, São Lourenço, Taiobeiras, Três Marias, Três Pontas, Tupaciguara, Várzea da Palma, Vazante, Visconde do Rio Branco.

Quadro 3: Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais - 2006

Fonte: Amorim Filho; Rigotti; Campos, 2006



Mapa 4: Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais - 2006  
Fonte: Amorim Filho; Rigotti; Campos, 2006

No nível 3, aquele em que se classificam as **cidades médias propriamente ditas**, o número dessas cidades permaneceu quase inalterado entre as classificações de 1999 e 2006, diminuindo de 26 para 25 cidades.

Algumas cidades do nível 3 caíram para o nível 4: Frutal, Guaxupé, Leopoldina, Santa Rita do Sapucaí e São Lourenço. Outras fizeram o caminho inverso: Coronel Fabriciano, Manhuaçu e Mariana.

Ao analisar os três estudos, 1982, 1999 e 2006, percebe-se que algumas cidades tiveram a mesma classificação no nível 3 - **cidades médias propriamente ditas**, durante quase 20 anos, como Caratinga, Cataguases, Curvelo, Formiga, Itaúna, João Monlevade, Ouro Preto, Pará de Minas, Ponte Nova, São João Del Rei, São Sebastião do Paraíso, Três Corações, Ubá e Viçosa, e a razão disso pode estar no fato de que estas cidades tiveram um ritmo de crescimento mais lento do que outras classificadas originalmente na mesma categoria.

Assim, na próxima seção será trabalhado a cidade de Ponte Nova, que sempre foi classificada como cidade média propriamente dita no contexto das hierarquias da Zona da Mata Mineira.

## **2.2 A cidade de Ponte Nova nas hierarquias da Zona da Mata Mineira**

Para analisar o município de Ponte Nova na hierarquia urbana das cidades mineiras e comparar com os municípios pertencentes à Zona da Mata, adotou-se uma revisão bibliográfica do estudo de Amorim Filho e Arruda (2002), elaborado para o Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), estudo que faz uma revisão das pesquisas mais importantes sobre a rede urbana mineira a partir da década de 1970.

Através deste trabalho é possível compreender a evolução da rede urbana de Minas Gerais nos últimos 40 anos, num espaço dinâmico e historicamente polarizados por duas grandes metrópoles nacionais, São Paulo e Rio de Janeiro, que disputam com Belo Horizonte áreas de influência nos espaços regionais do território mineiro.

Neste estudo, Amorim e Arruda, citados por Alfio Conti (2009), afirmam que:

[...] O Estado de Minas Gerais é sempre lembrado por sua diversidade física e sócioeconômica refletindo dinâmicas diferenciadas na configuração do espaço. Neste contexto, a urbanização e o sistema urbano devem ser vistos não apenas como síntese do processo, mas também como elementos determinantes das alternativas de localização das atividades econômicas (AMORIM FILHO; ARRUDA *apud* CONTI, 2009, p. 189)

Isso significa que a articulação e as características do sistema urbano incorporam as transformações espaciais da economia e, como afirmam os autores citados, por estas razões, “*as características da rede urbana são um reflexo dos processos econômicos em ação em um determinado território, por outro lado, as cidades são atores privilegiados nesses mesmos processos econômicos*” (CONTI *apud* AMORIM FILHO; ARRUDA, 2002, p. 19)

No primeiro estudo, Yves Leloup (2002) analisa a conformação da tipologia das cidades mineiras quanto à gênese e hierarquia, para as décadas de 1950 e 1960. Assim, o autor francês identifica cinco tipos para as cidades mineiras:

- Cidades coloniais: localizadas na região central de Minas e remanescentes do período colonial em que predominou, econômica e culturalmente, o ciclo do ouro e dos diamantes. Tendo-se esgotado aqueles ciclos, estas cidades voltaram-se para outras funções: religiosa, administrativa, universitária e, a partir de meados do século XX, turística.
- Cidades agrícolas: desenvolveram-se como centros urbanos de regiões agropecuárias. Elas tiveram sua evolução ligada ao avanço de alguns produtos relevantes da agropecuária, como o café ou a pecuária de leite. Estas cidades localizam-se na metade sul do Estado.
- “Company Towns”: resultam do aparecimento de aglomerados que se criam isoladamente ou por justaposição a um distrito ou cidade já existente, em função da instalação de usinas metalúrgicas e seus anexos, promovidos em Minas Gerais por empresas siderúrgicas importantes a partir dos anos 20. Essas aglomerações localizam-se na “zona siderúrgica”, região central do Estado, próximas às jazidas minerais necessárias à produção metalúrgica.
- “Cidades cogumelo”: são cidades de crescimento rápido e localizadas em posições geográficas estratégicas nos eixos rodoviários. (LELOUP, *apud* AMORIM FILHO; ARRUDA, 2002, p. 190-191)

No caso de Belo Horizonte, Leloup (2002) a caracteriza como uma “explosão urbana” excepcional. Após apresentar estas tipologias genéticas, o autor elabora, com base em critérios geossocioeconômicos, duas hierarquias urbanas para Minas Gerais: uma para 1950 (Quadro 4) e outra para 1960 (Quadro 5). Em ambas, destacam-se algumas cidades da Zona da Mata Mineira, como mostram os quadros seguintes.

<b>Hierarquia urbana de Minas Gerais - 1950</b>	
1. Capitais Regionais	Belo Horizonte e Juiz de Fora.
2. Grandes Centros Regionais	Uberlândia e Uberaba.
3. Centros Regionais	Montes Claros, Teófilo Otoni, Governador Valadares, Araguari, Caratinga, Ponte Nova, Barbacena, São João Del Rei, Itajubé e Poços de Caldas.
4. Centros Intermediários	Ituiutaba, Patos, Diamantina, Araxá, Passos, Formiga, Lavras, Ubá, Leopoldina, Muriaé, Manhuaçu, Varginha, Três Corações e Pouso Alegre.
5. Centros Industriais	Pirapora, Curvelo, Sete Lagoas, Divinópolis, Nova Lima, Ouro Preto, Conselheiro Lafaiete, Santos Dumont, Cataguases e Além Paraíba.
6. As demais cidades são centros locais	

Quadro 4: Hierarquia Urbana de Minas Gerais - 1950

Fonte: Leloup citado por Amorim Filho e Arruda, 2002

<b>Hierarquia urbana de Minas Gerais - 1960</b>	
1. Metrópole Regional	Belo Horizonte.
2. Grandes Centros Regionais	Juiz de Fora, Governador Valadares, Uberlândia e Uberaba.
3. Centros Regionais	Montes Claros, Teófilo Otoni, Araguari, Patos de Minas, Ituiutaba, Ponte Nova, Barbacena, Poços de Caldas e Varginha.
4. Centros Regionais Industriais	Divinópolis, Barbacena e Itajub�.
5. Centros Intermediários de Serviços	Diamantina, Araxá, São Sebastião do Paraíso, Passos, Guaxupé, Alfenas, Pouso Alegre, Formiga, Lavras, Oliveira, São Lourenço, Ubá, Muriaé, Carangola, Manhuaçu e Caratinga.
6. Centros Intermediários Industriais	Curvelo, Sete Lagoas, Coronel Fabriciano, Conselheiro Lafaiete, São São João Del Rei e Leopoldina.
7. Pequenas Cidades Industriais	Nanuque, Itabira, João Monlevade, Caeté, Nova Lima, Pará de Minas, Betim, Itabirito, Ouro Preto, Santos Dumont, São João Nepomuceno, Além Paraíba, Cataguases e Itaúna.
8. As demais cidades são Centros Locais	

Quadro 5: Hierarquia Urbana de Minas Gerais - 1960  
 Fonte: Leloup citado por Amorim Filho e Arruda, 2002

Na década de 1950, ocorreram modifica es importantes na hierarquia da rede urbana de Minas Gerais que, durante aquela década, começava a alcançar patamares mais altos de estrutura o e organicidade. Neste período, Juiz de Fora e Belo Horizonte apareciam no topo da hierarquia como “capitais regionais”; abaixo deste patamar, encontram-se os “grandes centros regionais”, mas nenhuma cidade da Zona da Mata faz parte deste grupo; e logo abaixo aparecem dez cidades que possuíam, na época, um papel regional significativo, sendo classificadas como “centros regionais”, destacando-se a cidade de Ponte Nova; em níveis hierárquicos intermediários, Leloup identifica dois subconjuntos de cidades, os “centros intermediários” fazendo parte Manhuaçu, Muriaé e Ubá, e os “centros industriais” como Além Paraíba, Cataguases e Santos Dumont. As demais cidades possuem uma pequena hierarquia e são classificadas como “centros locais”. (LELOUP, *apud* AMORIM FILHO; ARRUDA, 2002, p. 192)

A classificação hierárquica realizada por Leloup em 1960 é mais complexa e diversificada que aquela de 1950, refletindo importantes transformações verificadas na geografia econômica e urbana de Minas Gerais. No topo da hierarquia, o grande crescimento de Belo Horizonte faz dela a primeira “metrópole regional” do Estado. Entre os “grandes centros regionais”, encontra-se Juiz de Fora que cai um nível hierárquico. No patamar dos “centros regionais”, Ponte Nova continua assumindo seu lugar juntamente com outras cidades e surge, nesse patamar, um novo grupo, os “centros regionais industriais” não apresentando cidades pertencentes à Zona da Mata.

Um grande número de cidades de porte médio se agrupa em dois patamares hierárquicos: os “centros intermediários de serviços”, destacando-se entre eles Manhuaçu, Muriaé, Carangola e Ubá, e os “centros intermediários industriais”, com destaque para Leopoldina.

Além desses níveis de maior hierarquia, Leloup citado por Amorim Filho e Arruda (2002), identifica “pequenas cidades industriais” como Além Paraíba, Cataguases, Santos Dumont e São João Nepomuceno e mais abaixo na hierarquia, centenas de “centros locais”.

Outra contribuição importante dos estudos de Leloup foi analisar as redes ou sistemas urbanos de Minas Gerais, com base nas relações e nos fluxos interurbanos,

[...] contemplando simultaneamente os níveis superiores da hierarquia urbana mineira e as principais áreas de influência dessas cidades, nas quais se incluem também as áreas de influência das metrópoles nacionais de São Paulo e Rio de Janeiro, com seus “relais” e seus espaços polarizados em Minas (LELOUP *apud* AMORIM FILHO; ARRUDA, 2002, p. 192)

No Quadro 6, abaixo, está representado o esquema da rede urbana e regiões polarizadas em Minas Gerais na década de 1960.

<b>Esquema da rede urbana e regiões polarizadas em Minas Gerais - 1960</b>			
<b>Metrópoles</b>	<b>Grandes Centros Regionais</b>	<b>Centros Regionais</b>	<b>Centros Intermediários</b>
<b>Belo Horizonte</b>			Sete Lagoas, Curvelo, Coronel Fabriciano, Ponte Nova, Conselheiro Lafaiete Lavras
		Divinópolis	Formiga
		Patos de Minas	Patrocínio
	Montes Claros		
<b>Rio de Janeiro</b>	Juiz de Fora		Leopoldina e Ubá
		Barbacena	São João Del Rei
		Muriaé	Carangola, Manhuaçu e Manhumirim
	Governador Valadares	Teófilo Otoni	Caratinga
<b>São Paulo</b>			Pouso Alegre, Itajubá, Alfenas e São Lourenço
		Varginha	
	Campinas	Poços Caldas	
	Ribeirão Preto		Passos, São Sebastião do Paraíso
	Uberaba		Araxá
	Uberlândia		Araguari
		Itajubá	

Quadro 6: Esquema da rede urbana e regiões polarizadas em Minas Gerais - 1960  
 Fonte: Leloup citado por Amorim Filho e Arruda, 2002

Para Leloup citado por Amorim Filho e Arruda (2002), nos anos 60, as metrópoles que possuíam uma influência difusa mais disseminada em Minas Gerais eram Belo Horizonte e Rio de Janeiro. No entanto, naquela época, observava-se, em termos de influência difusa, que a polarização tradicional do Rio de Janeiro perdia espaço para as polarizações mais modernas, particularmente de Belo Horizonte e mesmo de metrópole paulistana. A zona de influência de Belo Horizonte estendia-se,

então, desde a região dos Campos das Vertentes, com exceção de Barbacena e São João Del Rei, sul de Belo Horizonte, até a zona fronteira de Minas com a Bahia, no extremo norte.

Uma parte significativa da polarização de Belo Horizonte se faz através de cidades de porte médio consideradas “relais”, ou seja, cidades de intermediação/articulação, em áreas próximas, recebendo influência direta da capital mineira. A maioria destas cidades são centros intermediários que desempenham papel de intermediação entre o espaço regional de influência de cada uma delas e Belo Horizonte. Entre elas, destaca-se a cidade de Ponte Nova na Zona da Mata, conforme afirma Leloup citado por Amorim Filho e Arruda (2002).

Nos anos 60, algumas zonas geográficas experimentavam a polarização da metrópole do Rio de Janeiro: grande parte da Zona da Mata Mineira; uma porção dos Campos das Vertentes e uma parcela da parte nordeste do Sul de Minas; outra zona situada a leste e nordeste de Minas, incluindo o eixo da rodovia Rio-Bahia e sua área de drenagem regional. A influência do Rio de Janeiro na região da Zona da Mata Mineira se exercia através da cidade de Juiz de Fora, que se destaca por ser um grande centro regional na Mata Mineira e que, por sua vez, exercia influência sobre as cidades de Ubá e Leopoldina. A cidade de Muriaé exercia influência nas cidades de Carangola, Manhuaçu e Manhumirim, que também compõem a região de influência da metrópole do Rio de Janeiro.

Já a metrópole de São Paulo não tinha ou possuía apenas uma pequena influência na região da Zona da Mata.

Com base na tese de Leloup, nos anos 50 e 60, as redes urbanas de Minas começam a ganhar mais organicidade, e a hierarquia das cidades cresce em complexidade. Os fatores econômicos, o desenvolvimento dos demais sistemas e subsistemas urbanos de outros Estados da Região Sudeste do Brasil, a criação de Brasília e, talvez uma ampliação e modernização da rede rodoviária de Minas estão entre os motivos, na base dessas transformações das redes urbanas mineiras (Leloup citado por Amorim Filho e Arruda (2002, p. 194).

O segundo trabalho mencionado por Amorim Filho e Arruda (2002) foi desenvolvido em 1980, no Instituto de Geociências Aplicadas, sob a coordenação de Amorim Filho, com a finalidade de analisar a hierarquia urbana estadual vigente desde a década de 70, fundamentado numa análise de fluxos de ônibus, pois,

através desta análise, é possível compreender as interações espaciais que hierarquizam e definem as redes urbanas.

No caso deste trabalho, os fluxos analisados foram os dos ônibus, verificando-se o total de viagens de ônibus que servem a determinado centro e a percentagem desse total que se destina a localidades menores. Assim, através desses indicadores é possível perceber a dimensão espacial da rede urbana como também os níveis hierárquicos das localidades que compõem a rede urbana em estudo. Além de permitir estabelecer se a rede urbana em estudo está inserida em outra de hierarquia superior, dentro da qual ela funciona como um subsistema. Conforme Quadro 7 abaixo.

<b>Hierarquia das cidades de Minas Gerais com base na circulação de ônibus intermunicipais (níveis hierárquicos superiores)</b>	
1. Metrópole Regional	Belo Horizonte
2. Centro Regional (2ª ordem A)	Juiz de Fora
3. Centros Regionais (2ª ordem B)	Barbacena, Divinópolis, Governador Valadares, Itatubá, Montes Claros, Poços de Caldas, Muriaé, Uberaba, Uberlândia, Varginha.
4. Centros Sub-regionais (3ª ordem A)	Caratinga, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Formiga, João Monlevade, Passos, Patos de Minas, Ponte Nova, Pouso Alegre, São João Del Rei, São Lourenço, Sete Lagoas, Teófilo Otoni, Ubá.
4. Centros Sub-regionais (3ª ordem B)	Alfenas, Almenara, Araguari, Araxá, Bom Despacho, Carangola, Curvelo, Frutal, Ipatinga, Ituiutaba, Lavras, Manhuaçu, Nanuque, Ouro Fino, Ouro Preto, Paracatu, Pará de Minas, Patrocínio, Viçosa (conurbação)

Quadro 7: Hierarquia das cidades de Minas Gerais com base na circulação de ônibus intermunicipais, com base em estudo do I.G. A, 1980.

Fonte: Amorim Filho; Arruda, 2002

Dessa forma, Belo Horizonte é a única cidade do Estado de Minas Gerais a ser categorizada como metrópole regional, pois possui ligações diretas por ônibus com grande número de cidades mineiras, todas menores que a capital do Estado.

Um dos resultados mais significativos deste trabalho foi identificar o alcance real da influência das grandes aglomerações urbanas (algumas localizadas fora de Minas Gerais) no espaço geográfico mineiro. Para os técnicos do I.G.A:

Logo, metrópoles como Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Vitória, em menor proporção, exercem influência no território mineiro, que não chega a inibir a formação e consolidação de zonas polarizadas por centros regionais e intermediários mineiros. Estas zonas são subsistemas urbanos que se consolidam regionalmente. Entre os subsistemas urbanos consolidados no território de Minas Gerais e comandados por centros regionais mineiros, o estudo do IGA identifica Juiz de Fora, na Zona da Mata, com 150 municípios. (I.G.A., 1980; *apud* AMORIM FILHO; ARRUDA, 2002, p. 195-196).

O dinamismo e a estabilidade dos subsistemas urbanos regionais dependem das posições geográficas, pois a proximidade com cidades grandes e até mesmo com a metrópole exerce um fator inibidor sobre a formação e manutenção de subsistemas urbanos menores. No entanto, essa nova abordagem busca descrever e compreender melhor o papel das cidades médias nas redes urbanas.

Amorim Filho e Arruda (2002) lembram que, no decorrer da década de 70 e no início dos anos 80, passou a existir uma nova abordagem das cidades de Minas Gerais, baseada no tamanho demográfico e nas áreas de influência, que procurou descrever e identificar o papel das cidades médias nas redes urbanas. Deste modo, os autores fazem referência ao trabalho de Amorim Filho, Bueno e Abreu realizado em 1982 com o objetivo de classificar as cidades médias mineiras. Este estudo, como já foi visto em seção anterior, identifica uma variedade de cidades de porte médio em Minas, as quais são divididas em quatro níveis hierárquicos, podendo-se assim, perceber a complexidade de tais cidades.

Tendo por base o estudo de Amorim Filho, Bueno e Abreu, de 1982, e analisando exclusivamente a região da Zona da Mata, a cidade de Juiz de Fora se encontra no primeiro nível, o de “*grande centro regional*”; no segundo nível, estão as “*idades médias de nível superior*”, que não inclui nenhuma cidade desta região; já no terceiro nível, “*idades médias propriamente ditas*”, encontra-se o maior número de cidades, entre elas, Ubá, Viçosa, Carangola, Ponte Nova, Leopoldina, Além Paraíba, Cataguases, Santos Dumont, Visconde do Rio Branco, Muriaé e São João Nepomuceno; e, por fim, no quarto nível (“*centros emergentes*”), encontram-se as cidades de Manhuaçu, Manhumirim e Raul Soares.

Para os autores, acima citados, a maior contribuição deste trabalho foi a ênfase aos centros urbanos situados no limiar inferior das cidades médias, os “centros emergentes”, uma vez que a grande presença destes coincide com as zonas geográficas de Minas Gerais em que as redes urbanas estão em fase inicial de organização. Entretanto,

este estudo mostrou que, para compreender a rede urbana de um Estado, é preciso considerar tanto os níveis hierárquicos superiores como também os níveis urbanos intermediários, até chegar aos centros emergentes que estão em fase de gestação nos subsistemas urbanos e são fatores importantes no dinamismo e transformações da rede urbana (Amorim Filho; Bueno; Abreu, 1982, p. 198).

Cabe aqui lembrar que em 1988, a Fundação João Pinheiro publicou um trabalho sobre a estrutura espacial de Minas Gerais, com base na organização da suas redes de cidades. Um dos principais objetivos deste trabalho era conhecer as redes urbanas de Minas Gerais, através da identificação da hierarquia das cidades e dos sistemas e subsistemas de polarização urbana. Dessa forma, este estudo reproduziu a hierarquia das cidades mineiras em seus níveis superiores, ou seja, correspondentes praticamente à grande metrópole do Estado, às capitais regionais e às cidades médias já encontradas em outros estudos.

O Quadro 8 mostra a hierarquia urbana do estado de Minas Gerais (seis níveis superiores), de acordo com a pesquisa da Fundação João Pinheiro, em 1988.

<b>Hierarquia urbana do estado de Minas Gerais (seis níveis superiores)</b>	
<b>Níveis Hierárquicos</b>	<b>Centros Urbanos</b>
<b>1º</b>	Belo Horizonte
<b>2º</b>	Juiz de Fora e Uberlândia
<b>3º</b>	Governador Valadares, Montes Claros, Uberaba e Varginha
<b>4º</b>	Barbacena, Contagem, Divinópolis, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Teófilo Otoni,
<b>5º</b>	Alfenas, Araguari, Araxá, Caratinga, Coronel Fabriciano, Curvelo, Ipatinga, Itajubá, Ituiutaba, Lavras, Muriaé, Passos, Patos de Minas, Ponte Nova, São João Del Rei, Sete Lagoas e Ubá
<b>6º</b>	Betim, Campo Belo, Carangola, Cataguases, Conselheiro Lafaiete, Diamantina, Formiga, Guaxupé, Itabira, Itaúna, Janaúba, João Monlevade, Leopoldina, Manhuaçu, Ouro Preto, Paracatu, Pará de Minas, Patrocínio, Pirapora, São Lourenço, São Sebastião do Paraíso, Timóteo, Três Corações, Unai e Viçosa

Quadro 8: Hierarquia urbana do Estado de Minas Gerais (seis níveis superiores), de acordo com a FJP (1988).

Fonte: Amorim Filho; Arruda, 2002

Ao analisar os seis níveis superiores da hierarquia do Estado, foi possível encontrar algumas cidades da Zona da Mata, como Juiz de Fora no segundo nível; Muriaé, Ponte Nova e Ubá no quinto nível, e Carangola, Cataguases, Leopoldina, Manhuaçu e Viçosa, no sexto nível. No domínio das áreas de influência, Belo Horizonte ampliava sua área de influência em detrimento do Rio de Janeiro, que perdia espaço de polarização no território mineiro.

O processo de perda das interações do Rio de Janeiro com o espaço geográfico mineiro (Quadro 9) se agravava à medida que alguns centros urbanos que, no passado, funcionavam como “*cidades de intermediação*” da metrópole carioca, passaram a ter maior autonomia e desenvolveram suas próprias zonas de influência, caso típico da cidade de Juiz de Fora, na Zona da Mata Mineira (AMORIM FILHO; ARRUDA, 2002, Quadro 10, p. 199).

<b>Redes urbanas em minas gerais - zona de influência da cidade do Rio de Janeiro</b>		
<b>Centro de Macrorregião</b>	<b>Centros de Região</b>	<b>Centros de Microrregiões (nº de municípios subordinados)</b>
<b>Rio de Janeiro</b>	Juiz de Fora	Além Paraíba (6), Cataguases (7), Juiz de Fora (32), Leopoldina (5), Muriaé (15), Ubá (17)

Quadro 9: Redes urbanas em Minas Gerais - zona de influência da cidade do Rio de Janeiro (FJP,1988).

Fonte: Amorim Filho; Arruda, 2002

De acordo com Amorim Filho e Arruda (2002), com base no estudo da FJP, a capital mineira manteve suas tendências desde o final dos anos 60 e início dos 70, pois consolidou suas áreas de influência na região Central, Leste, Nordeste e Norte de Minas; expandiu sua zona de polarização, tendo ligações diretas com os municípios de Manhuaçu, Ponte Nova e Viçosa na Zona da Mata; e ampliou suas ligações indiretas, intermediadas por centros regionais e por numerosas cidades médias; conforme representado no Quadro 10.

Redes urbanas em minas gerais - zona de influência da cidade de Belo Horizonte		
Centro de Macrorregião	Centros de Região	Centros de Microrregiões (nº de municípios subordinados)
Belo Horizonte	Belo Horizonte	Belo Horizonte (44), Campo Belo (6), Conselheiro Lafaiete (19), Curvelo (12), Diamantina (13), Itabira (7), Guanhães (Centro de Apoio, 13), João Monlevade (10), Lavras (11), Manhuaçu (19), Oliveira (7), Pará de Minas (8), Patos de Minas (13), Ponte Nova (15), Sete Lagoas (16), Vale do Aço (12), Viçosa (11)
	Barbacena	Barbacena (18), São João Del Rei (13)
	Divinópolis	Abaeté (Centro de Apoio, 6), Divinópolis (22), Formiga (14)
	Governador Valadares	Aimorés (Centro de Apoio, também subordinado por Colatina – ES, 2), Caratinga (5), Governador Valadares (32)
	Montes Claros	Janaúba (Centro de Apoio, 8), Montes Claros (26), Pirapora (9)
	Teófilo Otoni	Almenara (Centro de Apoio, 12), Araçuaí (Centro de Apoio, 6), Capelinha (Centro de Apoio, 10), Nanuque (3), Pedra Azul (Centro de Apoio, também subordinado por Vitória da Conquista, 6), Teófilo Otoni (22)

Quadro 10: Redes urbanas em Minas Gerais - zona de influência da cidade de Belo Horizonte (FJP, 1988).

Fonte: Amorim Filho; Arruda, 2002

Na década de 90, Amorim Filho e Abreu realizaram um estudo (1999) já mencionado na presente dissertação, que permite a comparação com as classificações hierárquicas feitas em estudos semelhantes realizadas pelos mesmos autores na década de 70.

No referido estudo sobre as cidades médias de Minas Gerais, em 1999, os autores identificam, as seguintes cidades na Zona da Mata:

No nível superior da hierarquia, nível 1, (Grande Centro Regional) nota-se que Juiz de Fora continuou a manter sua posição de destaque no cenário urbano de Minas Gerais, ocupando a posição de grande centro regional. No nível 2, (Cidades Médias de Nível Superior) não há cidades que pertencem à região da Zona da Mata.

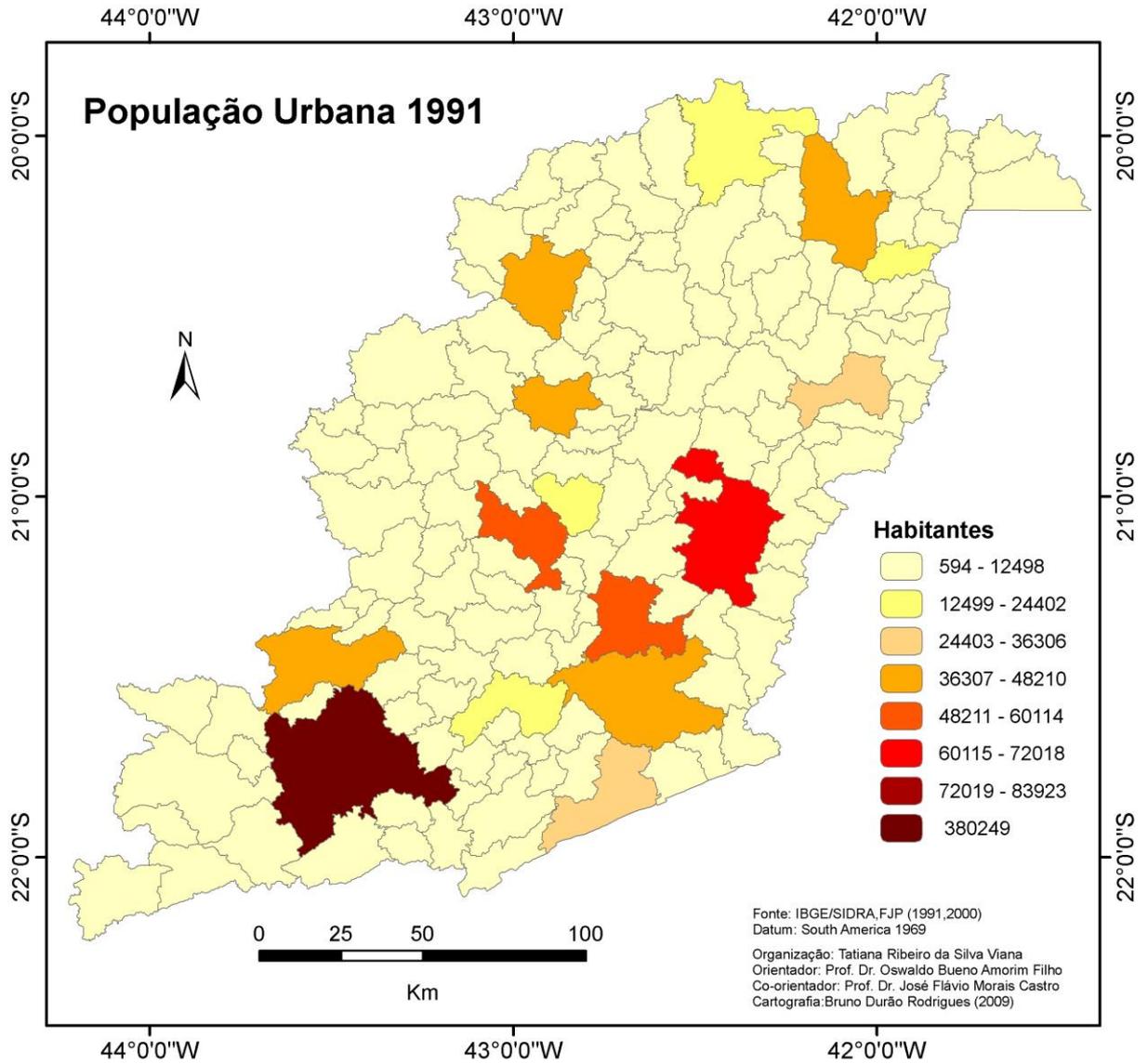
No nível 3, (Cidades Médias propriamente ditas) algumas cidades conseguiram manter suas posições hierárquicas nos últimos 20 anos, como Cataguases, Leopoldina, Muriaé, Ponte Nova, Ubá e Viçosa, outras tiveram suas posições alteradas como Além Paraíba, Carangola, Santos Dumont e Visconde do Rio Branco, que desceram para o nível 4 (Centros Emergentes) (AMORIM FILHO; ARRUDA, 2002, p. 203).

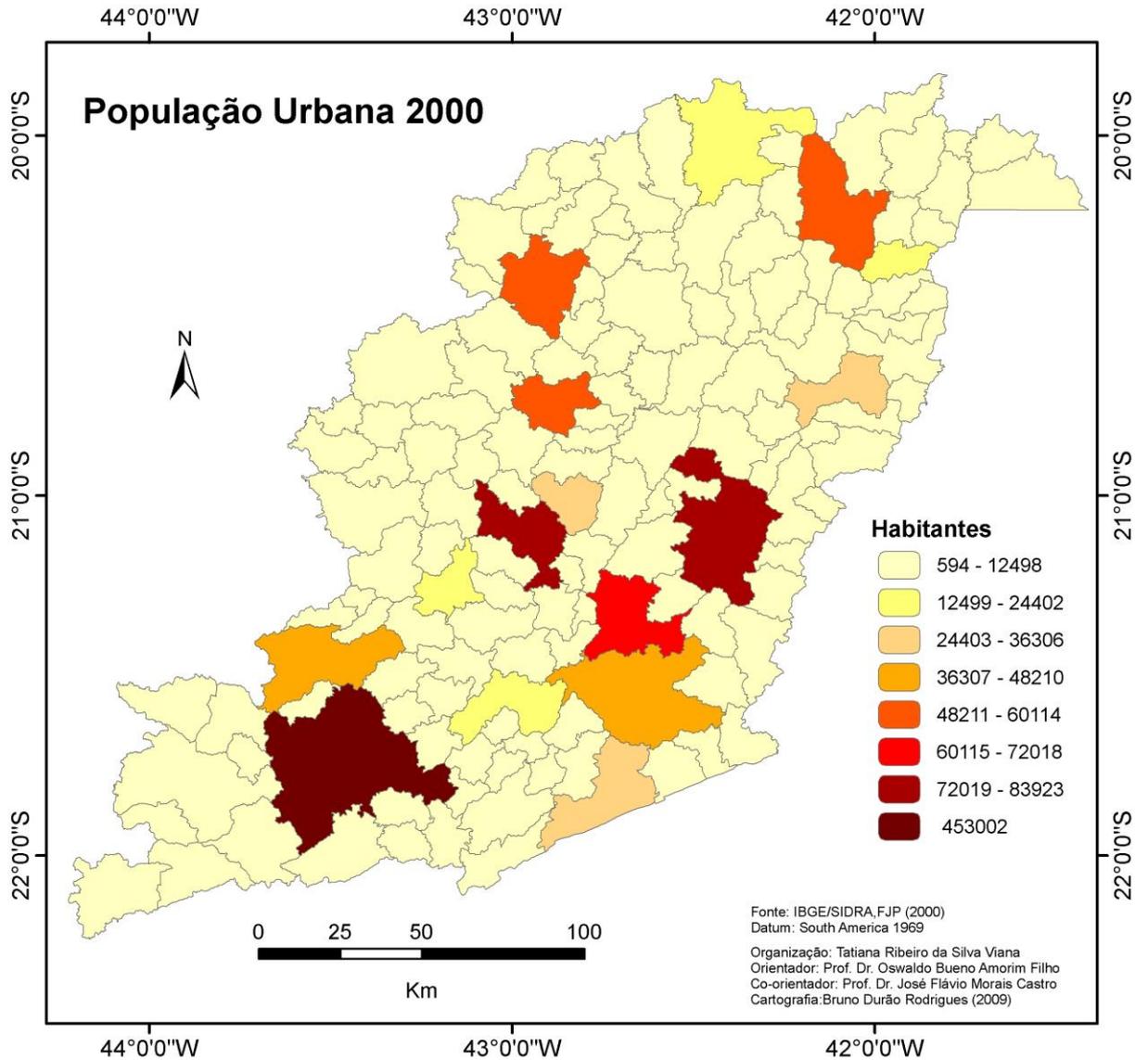
Por fim, o último trabalho foi realizado por Amorim Filho, Rigotti e Campos (2006), que trabalhou com indicadores demográficos, atividades econômicas, comunicações e transportes com a seguinte classificação para as cidades da Zona da Mata, Juiz de Fora pertence ao nível 1 (Grande Centro Regional), Muriaé pertence ao nível 2 (Cidade Média de Nível Superior), no nível 3 (Cidade Média propriamente dita) estão as cidades de Cataguases, Manhuaçu, Ponte Nova, Ubá e Viçosa e no nível 4 (Centros Emergentes).

De um modo geral, diante de estudos sobre as classificações hierárquicas, percebe-se a tendência de Ponte Nova ser sempre um importante centro sub-regional, ou seja, uma cidade média propriamente dita. Logo, entende-se que *“aspectos ligados às funções de intermediação dentro de uma rede urbana, assim como a posição geográfica da aglomeração são tão ou mais importantes do que o tamanho demográfico na caracterização das cidades médias”* (AMORIM FILHO; RIGOTTI, 2003, p. 24).

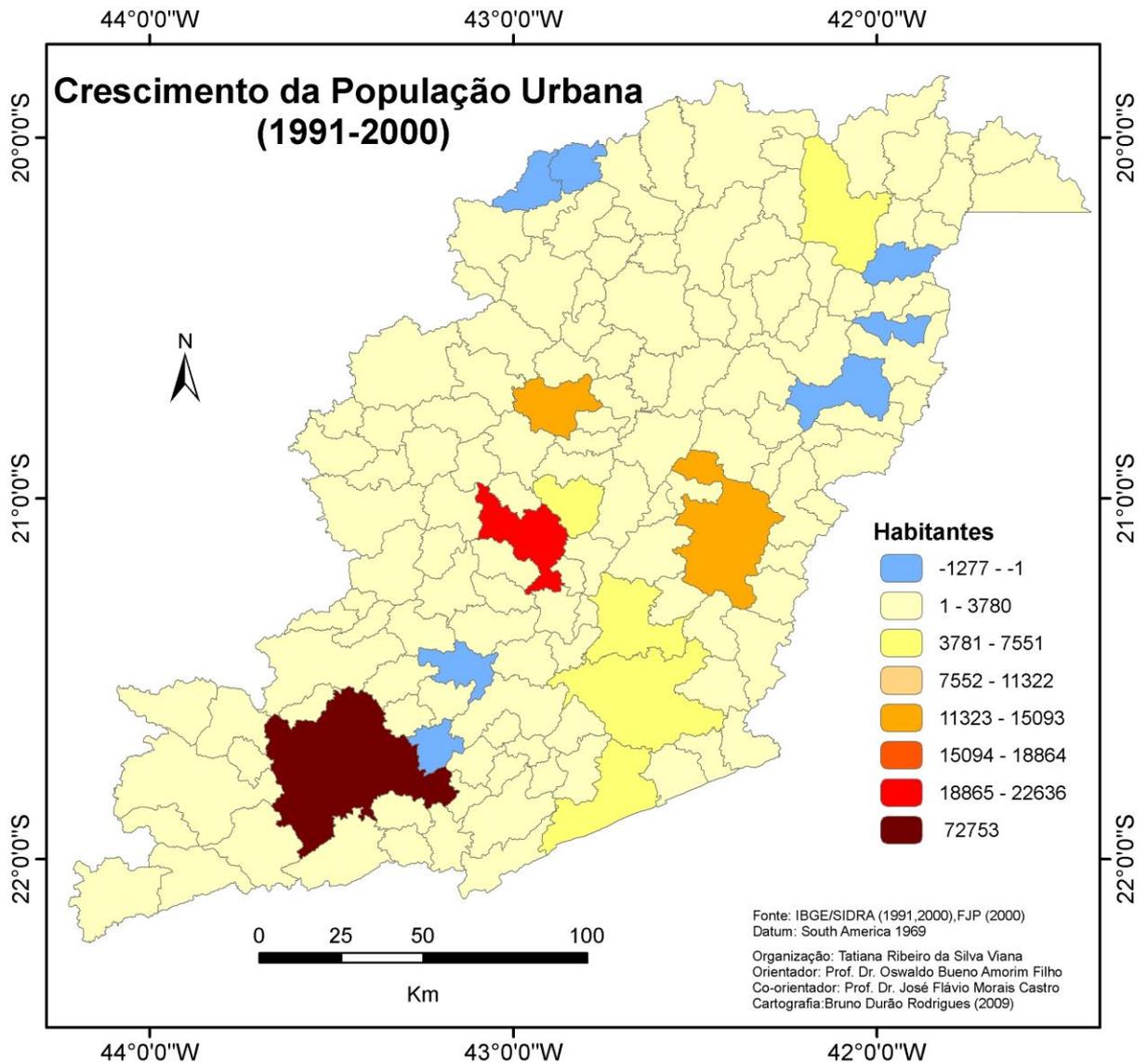
Ponte Nova nem sempre sofreu influência predominante de Belo Horizonte, uma vez que está inserida na mesorregião da Zona da Mata onde se encontra um grande centro regional, Juiz de Fora, o qual é, em grande parte, polarizado pela metrópole do Rio de Janeiro. Mas, a partir dos anos 1950 e 1960, com o aumento da capital mineira, o principal pólo para Ponte Nova passou a ser Belo Horizonte. A cidade de Ponte Nova também serve de elo de ligação com vários pequenos municípios e com o meio rural que a envolve, sendo, assim, o pólo regional da microrregião em que está inserida.

Desse modo, ao analisar as classificações hierárquicas de 1982, 1999 e 2006, é possível constatar que as cidades de Cataguases, Ponte Nova, Ubá e Viçosa, todas pertencentes à mesorregião da Zona da Mata, sempre estiveram no patamar das cidades médias propriamente ditas, mas Ubá e Viçosa tiveram maior crescimento populacional seguidas de Cataguases e, por último, Ponte Nova, com menor crescimento demográfico, como mostram os Mapas 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13.



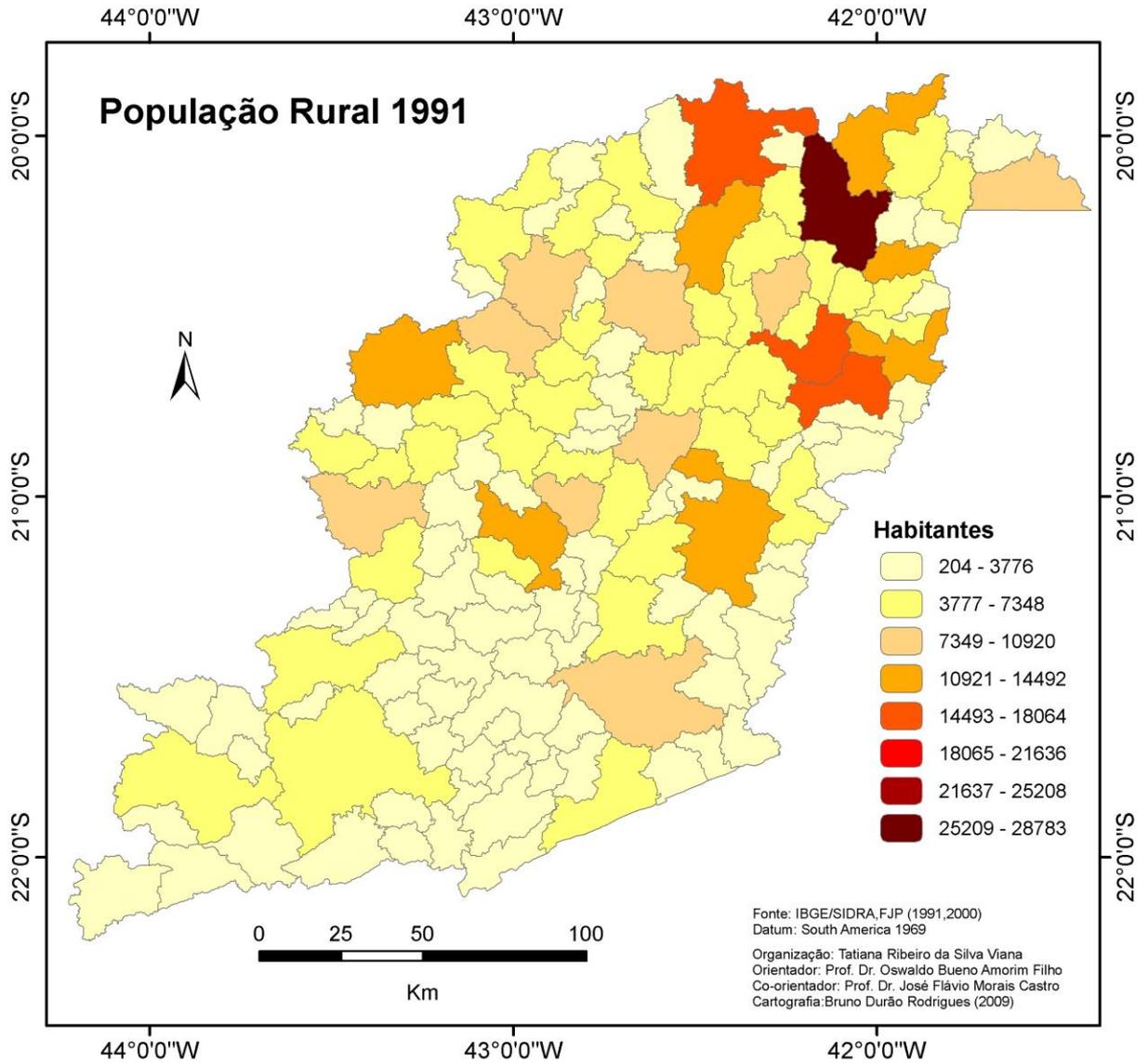


Mapa 6: População Urbana dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 2000  
Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000.

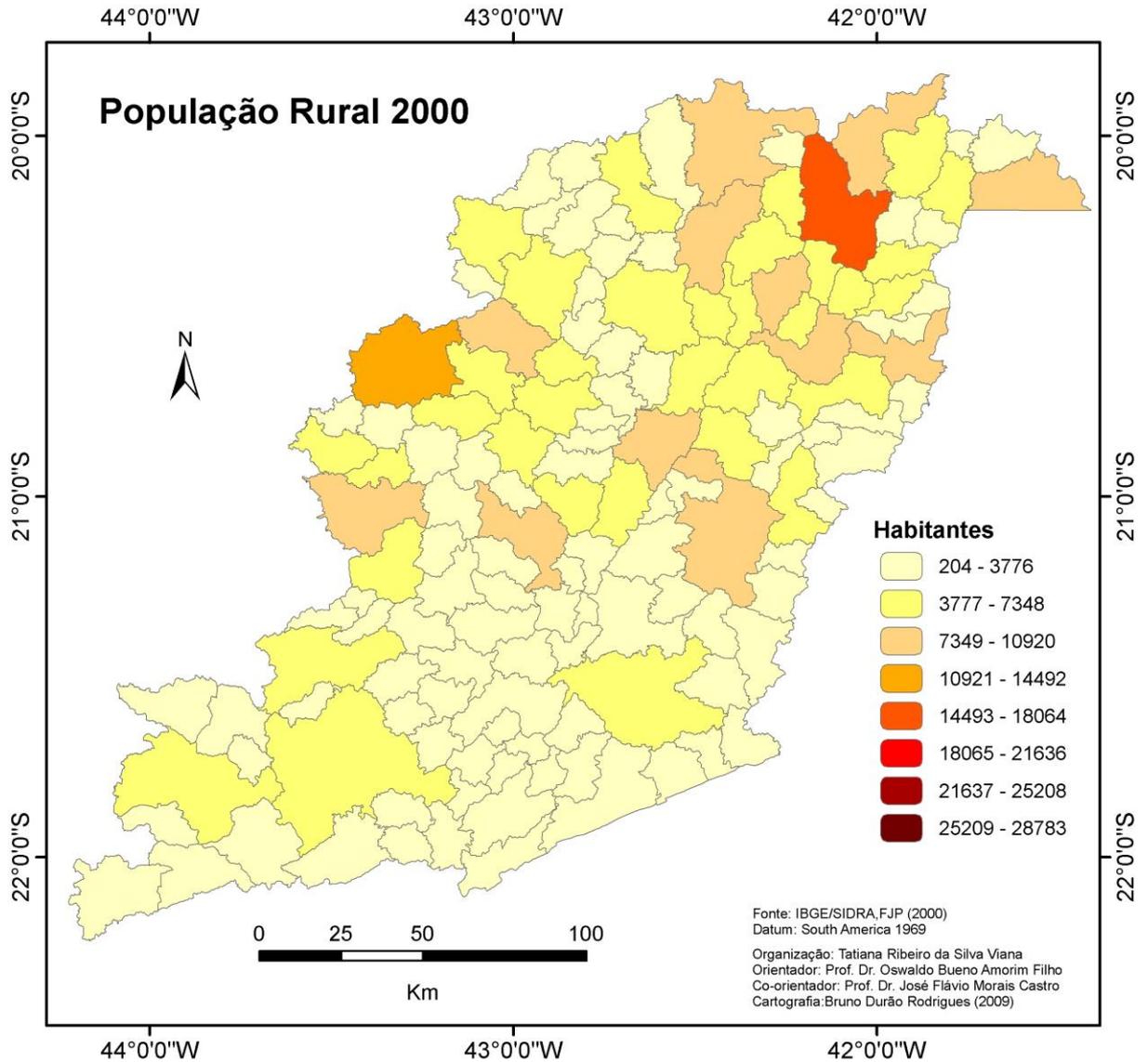


Mapa 7: Crescimento da população urbana dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira no período 1991 - 2000.

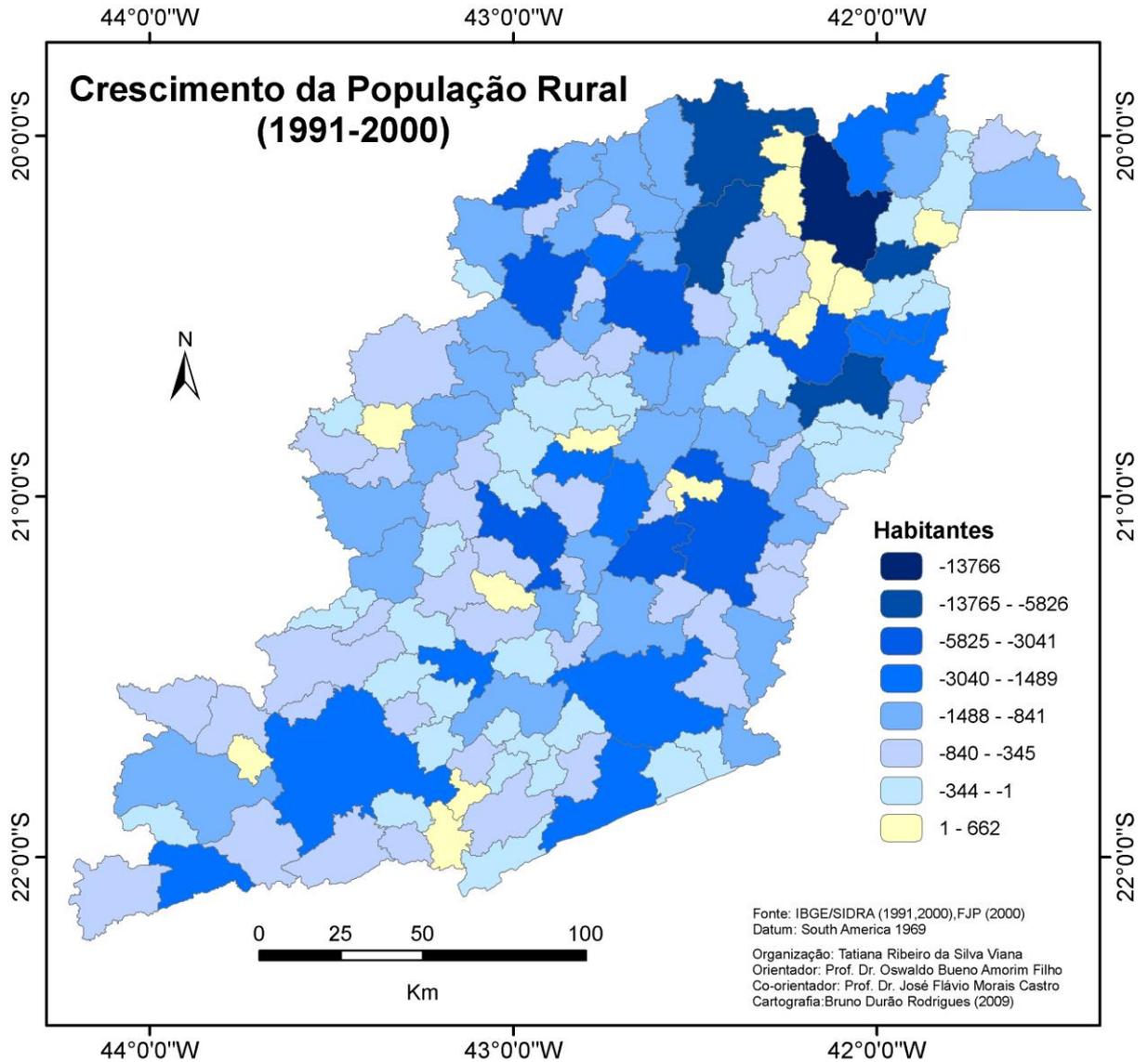
Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000



Mapa 8: População Rural dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 1991.  
 Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000

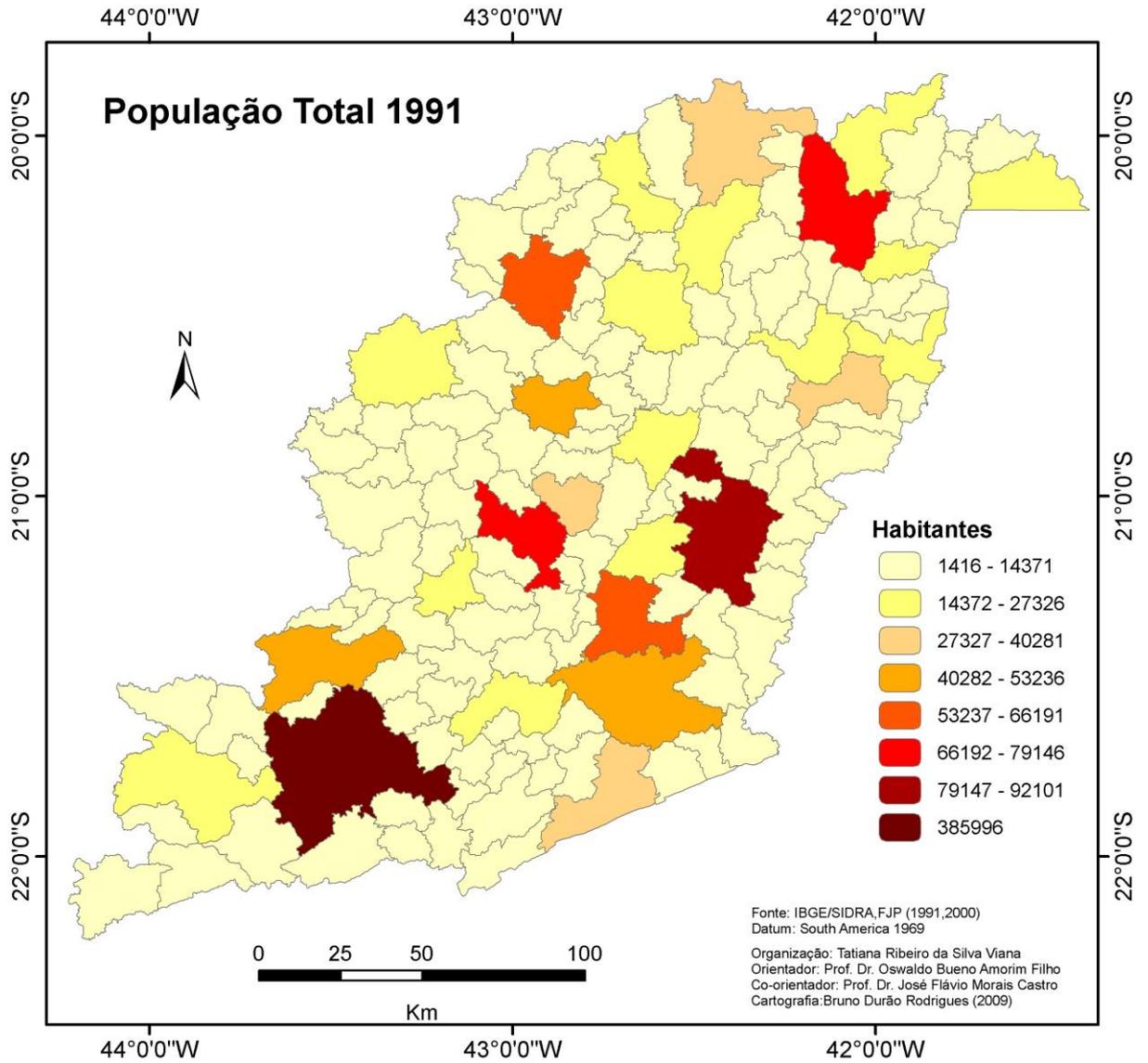


Mapa 9: População Rural dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 2000.  
 Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000

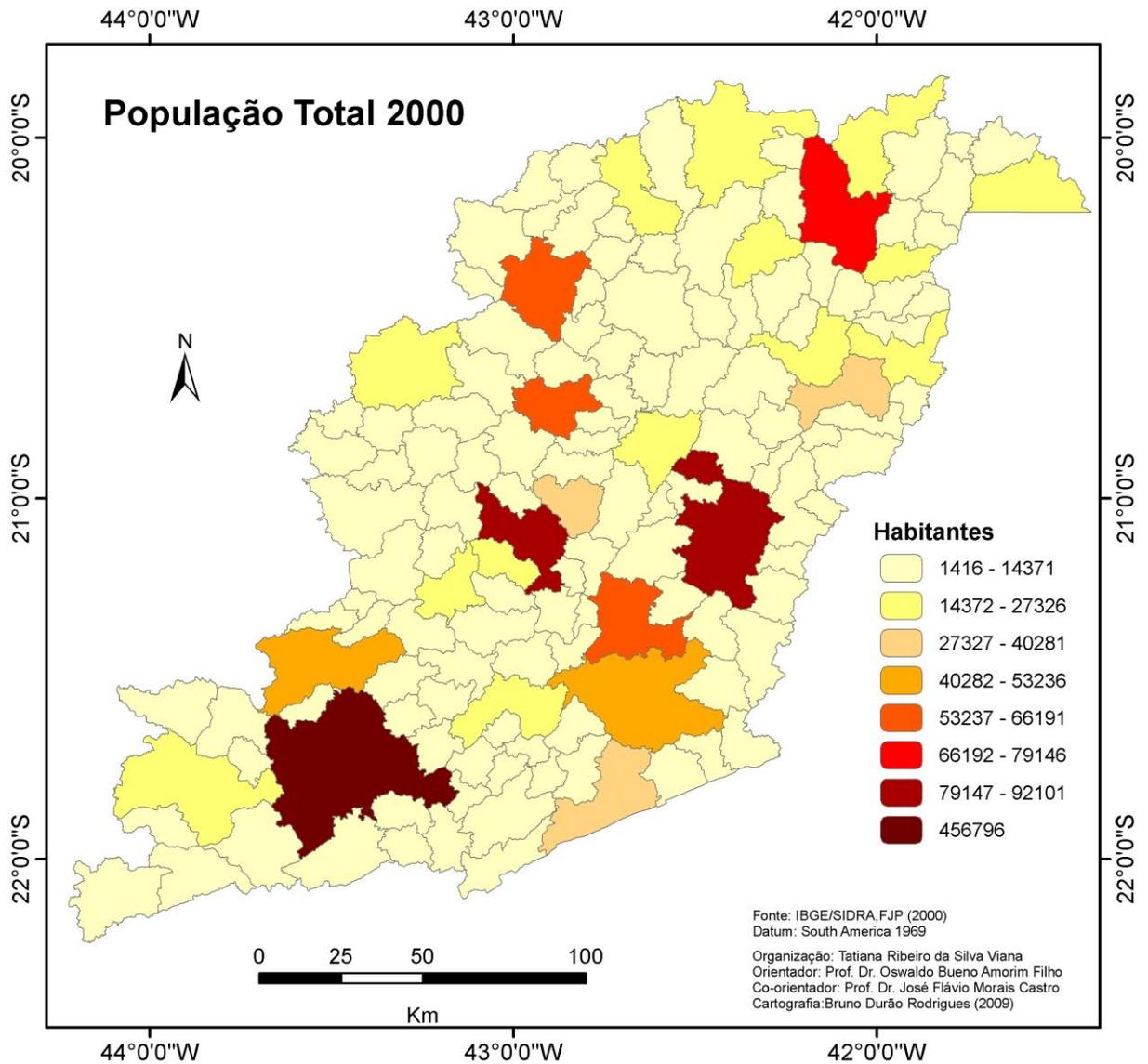


Mapa 10: Crescimento da população rural dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira no período 1991 - 2000.

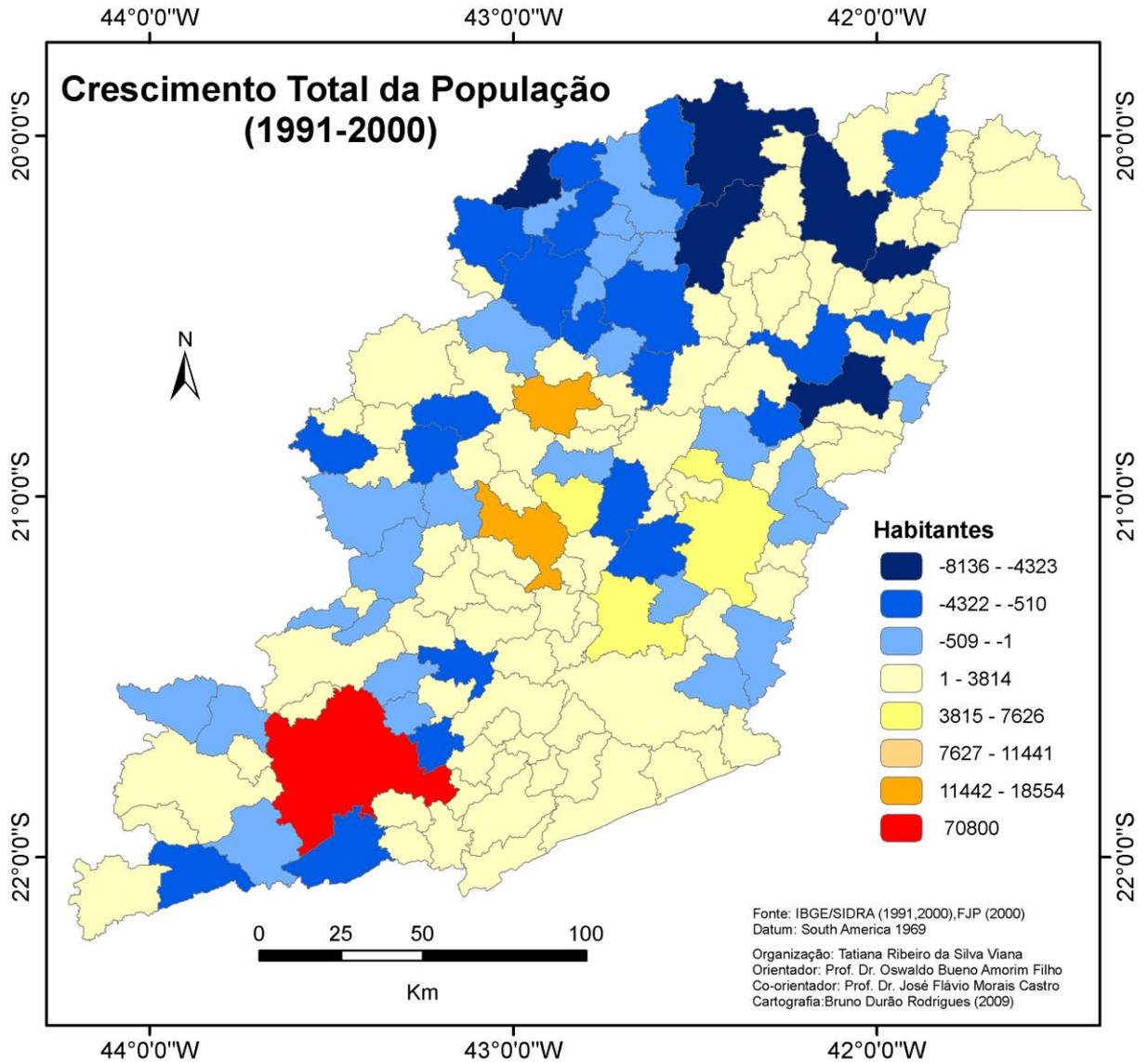
Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000



Mapa 11: População Total dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 1991.  
Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000



Mapa 12: População Total dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira em 2000.  
Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000



Mapa 13: Crescimento da população total dos municípios da mesorregião da Zona da Mata Mineira no período 1991 - 2000.

Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000

Em síntese, o Quadro 11 mostra a classificação de Ponte Nova nos diversos estudos sobre hierarquia urbana em Minas Gerais.

<b>Autor</b>	<b>Ano</b>	<b>Estudo</b>	<b>Classificação</b>
<b>Leloup</b>	1950	Hierarquia Urbana de Minas Gerais	Centro Regional
<b>Leloup</b>	1960	Hierarquia Urbana de Minas Gerais	Centro Regional
<b>Leloup</b>	1960	Rede Urbana e regiões Polarizadas	Centro Intermediário polarizado por Belo Horizonte
<b>IGA (Coord. Oswaldo Bueno Amorim Filho)</b>	1980	Hierarquia das Cidades Médias de Minas Gerais com Base na Circulação de Ônibus Intermunicipais	Centro Sub-Regional (3ª ordem A)
<b>Amorim Filho, O. B.; Bueno, M. E. T.; Abreu, J. F.</b>	1982	Hierarquia das Cidades de Porte Médio em Minas Gerais com base em uma “análise de componentes principais” e trabalhos de campo	Cidade Média Propriamente Dita – Nível 3
<b>Fundação João Pinheiro</b>	1988	Hierarquia Urbana de Minas Gerais	Cidade de Nível 5 (na região de influência de Belo Horizonte)
<b>Amorim Filho, O. B e Abreu, J. F.</b>	1999	Cidades Médias e o potencial para desenvolvimento de tecnópoles em Minas Gerais	Cidade Média Propriamente Dita – Nível 3
<b>Fundação João Pinheiro</b>	2002	Rede Urbana Estadual e o posicionamento dos “centros sub-regionais”-Índice ECOFIN	Nível Sub-Regional
<b>AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J.</b>	2006	Os Níveis Hierárquicos das Cidades Médias de Minas Gerais	Cidade Média propriamente Dita – Nível 3

Quadro 11: Classificação de Ponte Nova em diversos estudos sobre hierarquia urbana em Minas Gerais

Fonte: Amorim Filho; Arruda, 2002, Organizado por Tatiana Ribeiro da Silva Viana

Uma vez examinadas as classificações hierárquicas do município de Ponte Nova, é necessário estabelecer as relações deste município com os demais

pertencentes à microrregião em que estão inseridos para, assim, poder analisar a dinâmica urbana de Ponte Nova.

### **2.3 Ponte Nova em seu espaço de relações microrregional**

No estudo “Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais”, feito por Amorim Filho, Rigotti e Campos (2006), Ponte Nova é classificada como cidade média propriamente dita, embora faça parte de um espaço regional composto por pequenos centros com características rurais marcantes.

Ponte Nova localiza-se na microrregião de Ponte Nova que está inserida na mesorregião da Zona da Mata de Minas Gerais. Esta microrregião é composta por dezoito municípios, sendo que Ponte Nova é a cidade primaz, ou seja, cidade pólo da microrregião.

Esta posição de primazia se dá pelo fato de Ponte Nova desempenhar importantes funções urbanas que atendem estes pequenos centros, sendo assim, o centro polarizador da região. Desse ponto de vista, o desenvolvimento deste município depende dos pequenos centros.

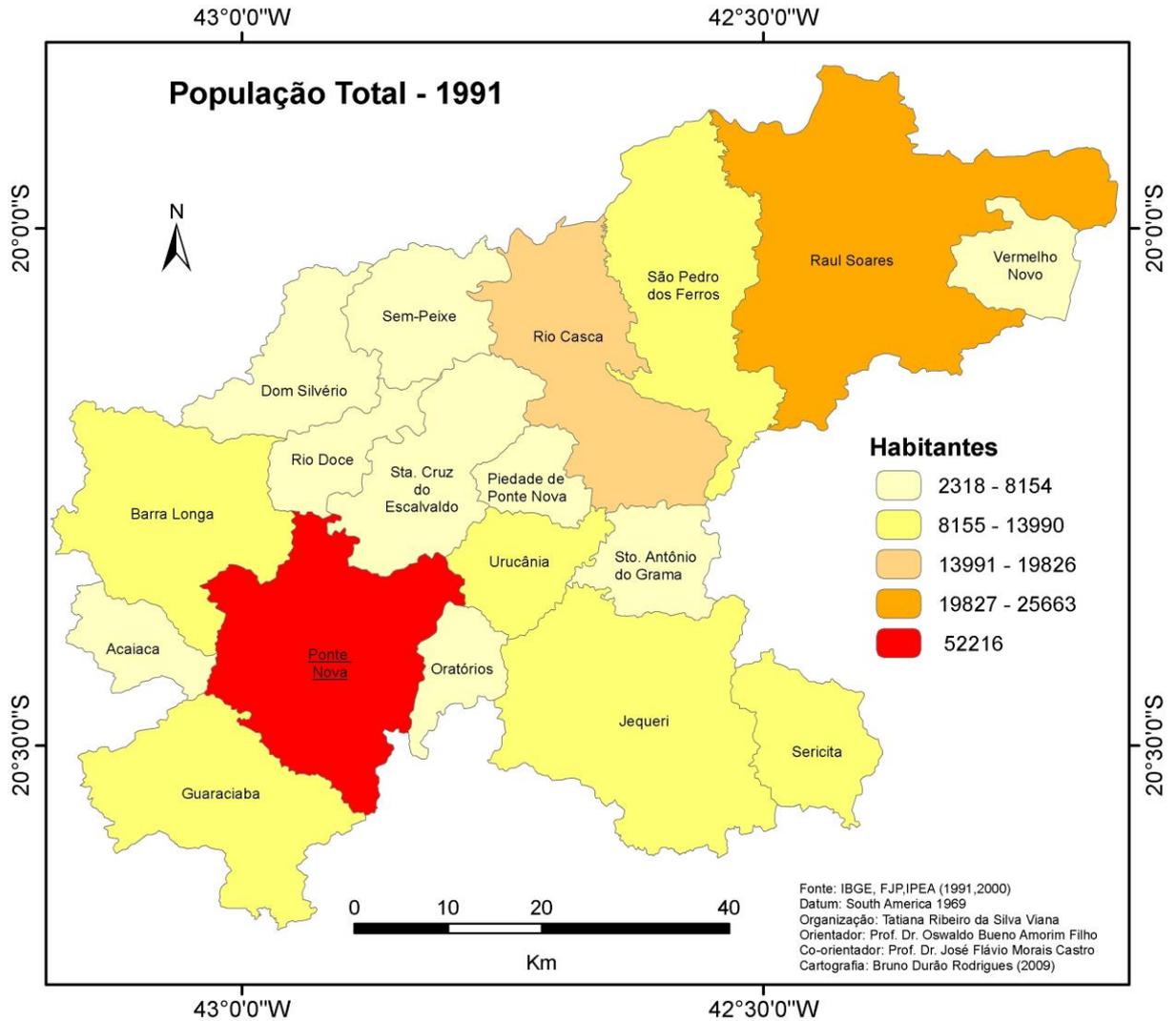
Dessa forma, é possível contextualizar o município de Ponte Nova na sua microrregião através dos mapas coropléticos da população total, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e renda per capita.

Dos dezoito municípios da microrregião de Ponte Nova, apenas um possui, em 2000, uma população superior a 50.000 habitantes, o município de Ponte Nova com 55.303 habitantes, o restante possui entre 2.000 e 10.000 habitantes, com exceção de Raul Soares, com população de 24.287 habitantes, e Rio Casca, com 15.260 habitantes (Mapa 15).

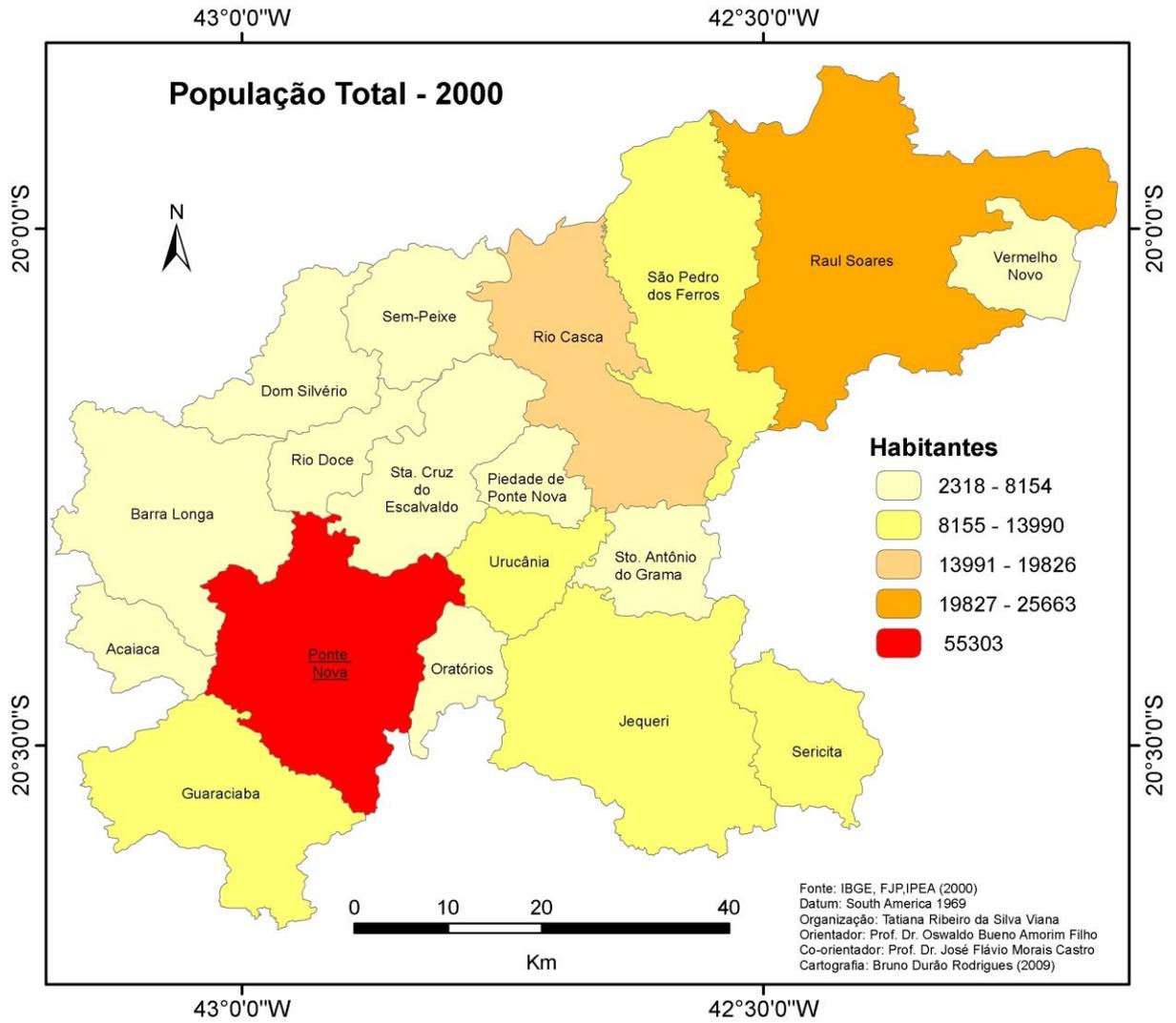
Ao analisar os Mapa 14, 15 e 16, percebe-se que quatro municípios tiveram crescimento populacional, dentre eles, Acaiaca, Ponte Nova, Sericita e Vermelho Novo. No que se refere à população rural desses municípios, enquanto Vermelho Novo teve aumento em sua população rural, Acaiaca, Ponte Nova e Sericita tiveram um decréscimo.

Quanto à taxa de crescimento, a microrregião de Ponte Nova apresentou, em seu conjunto, crescimento negativo, -0,3% entre 1991 e 2000 (FUNDAÇÃO JOÃO

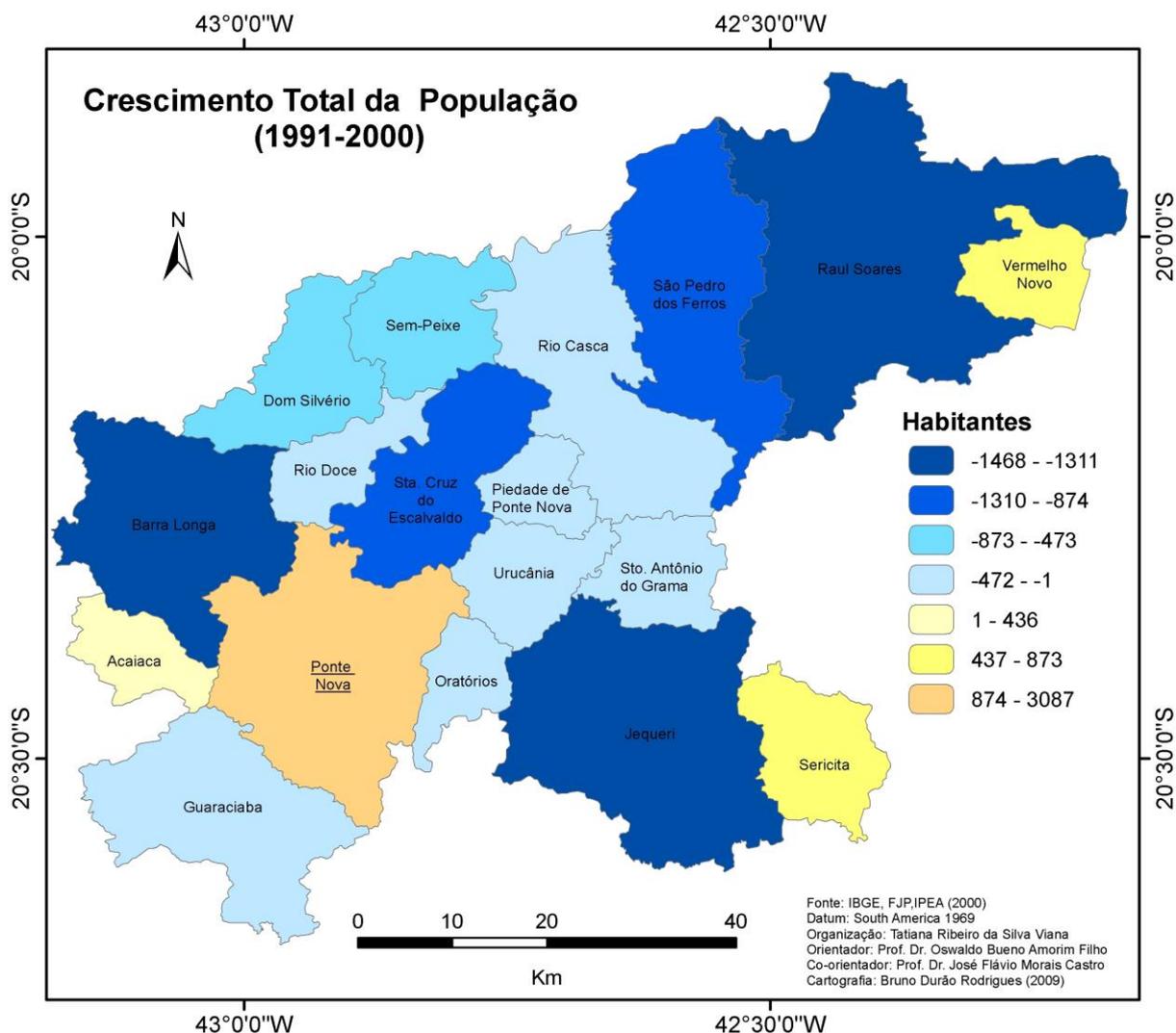
PINHEIRO, 2003), estando entre as seis microrregiões do Estado que tiveram perda populacional neste período.



Mapa 14: População Total dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 1991.  
Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000



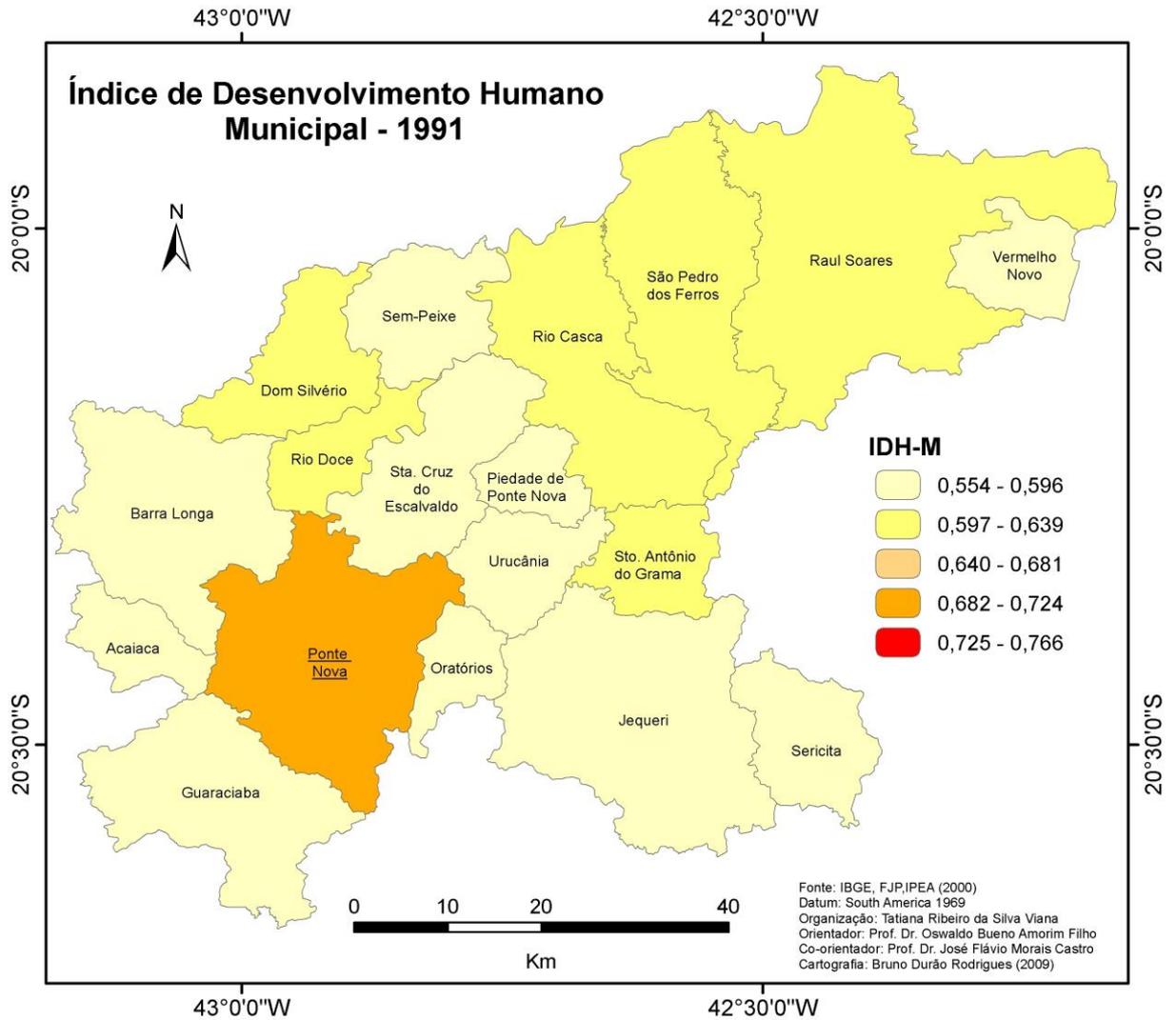
Mapa 15: População Total dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 2000.  
 Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000



Mapa 16: Crescimento da população total dos municípios da microrregião de Ponte Nova no período 1991 - 2000.

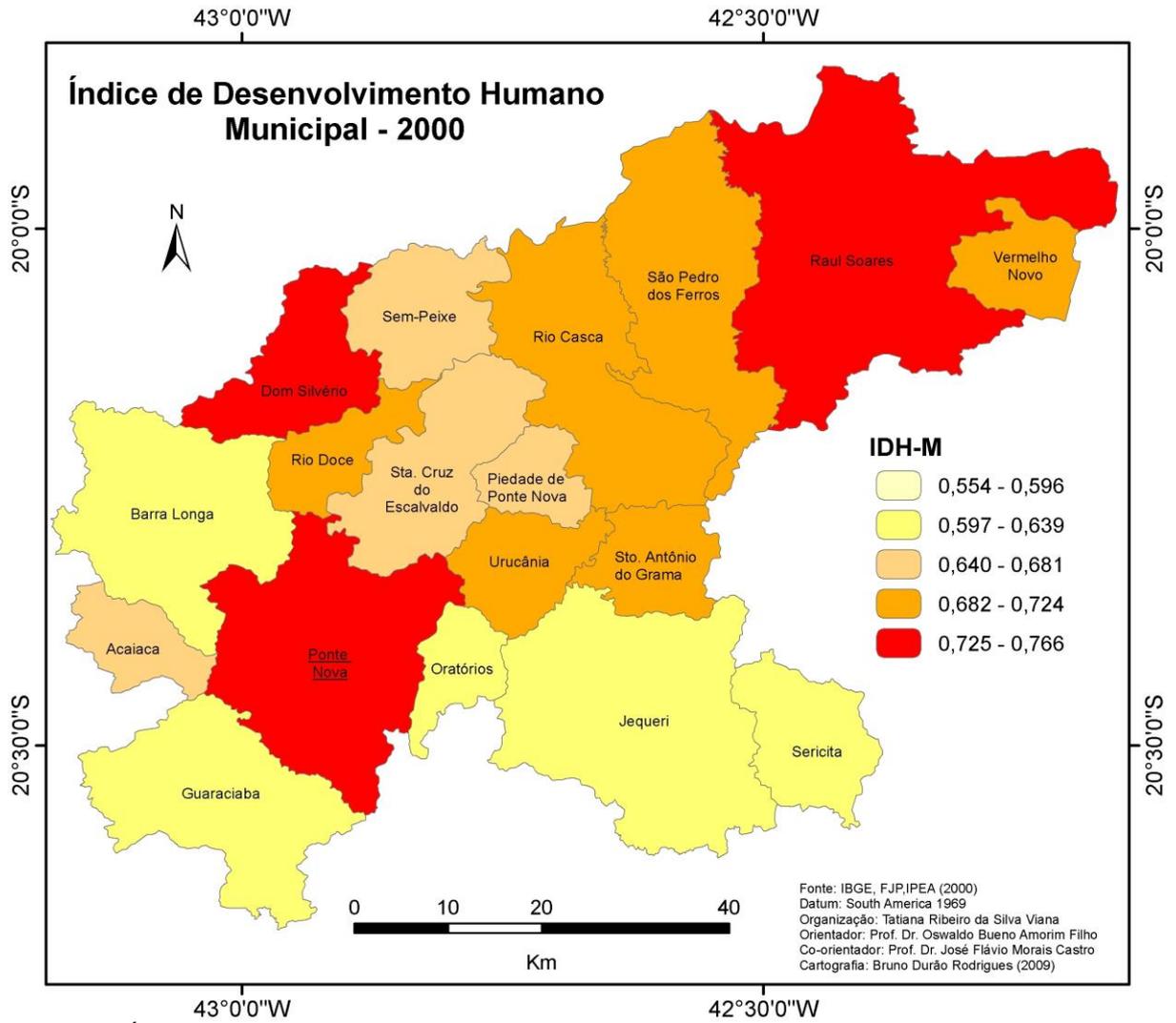
Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000

De acordo com os Mapas 17, 18 e 19, o Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios da microrregião de Ponte Nova, em 2000, coloca-os entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). E ao comparar o IDH dos municípios em 1991 e 2000, apenas seis municípios tiveram crescimento significativo no IDH; Dom Silvério, Guaraciaba, Piedade de Ponte Nova, São Pedro dos Ferros, Sem Peixe e Sericita.



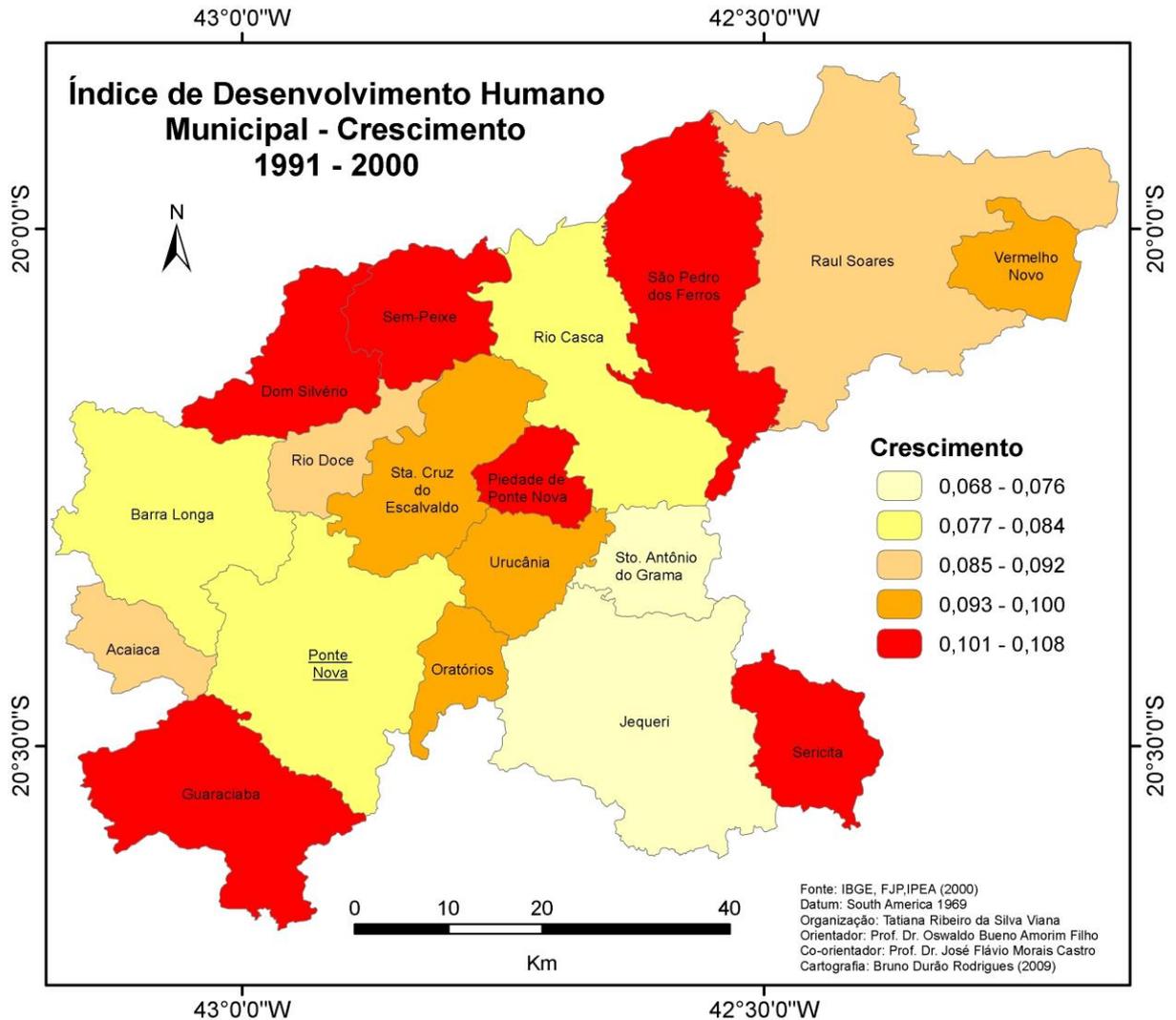
Mapa 17: Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 1991.

Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000



Mapa 18: Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 2000.

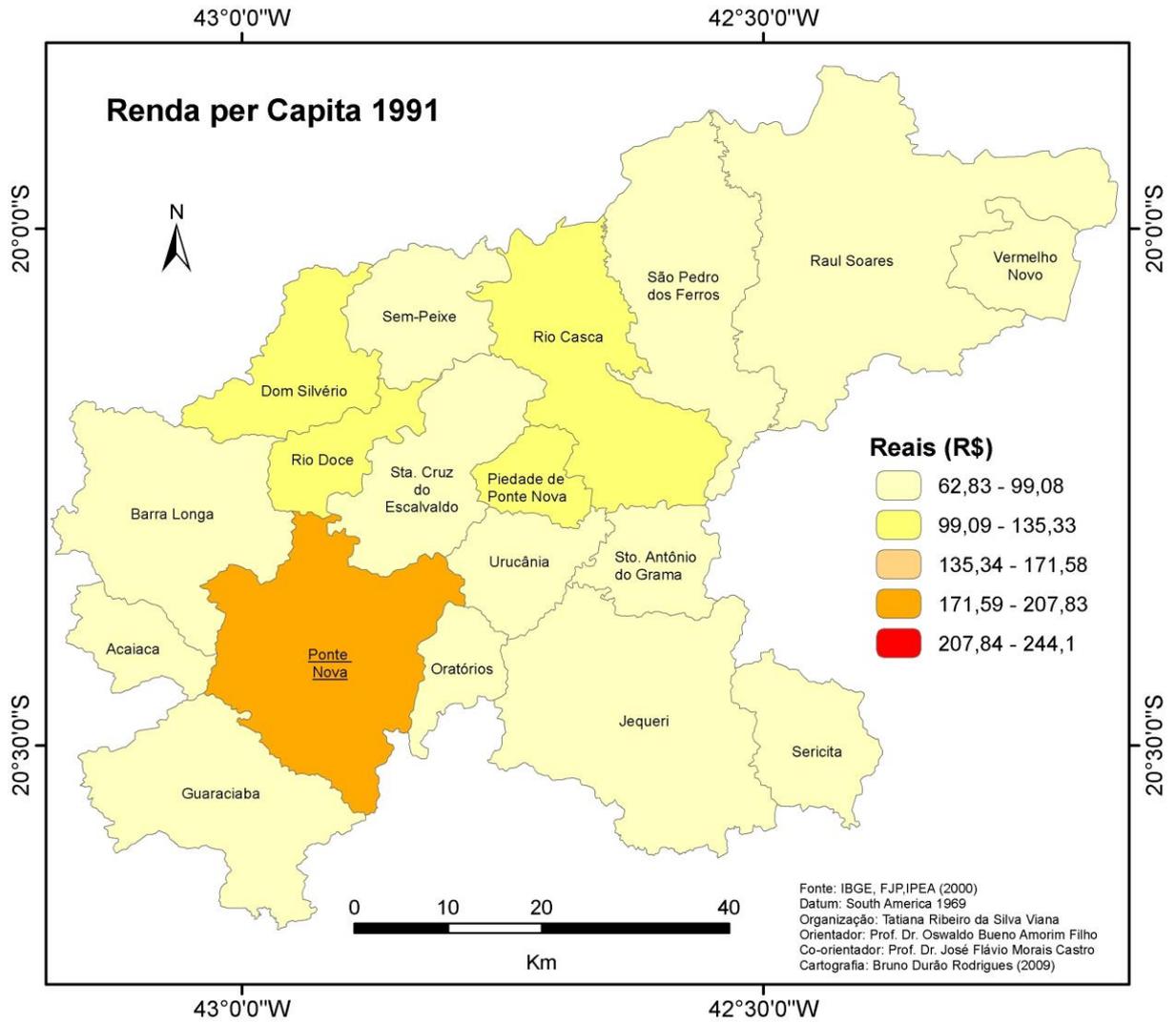
Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000



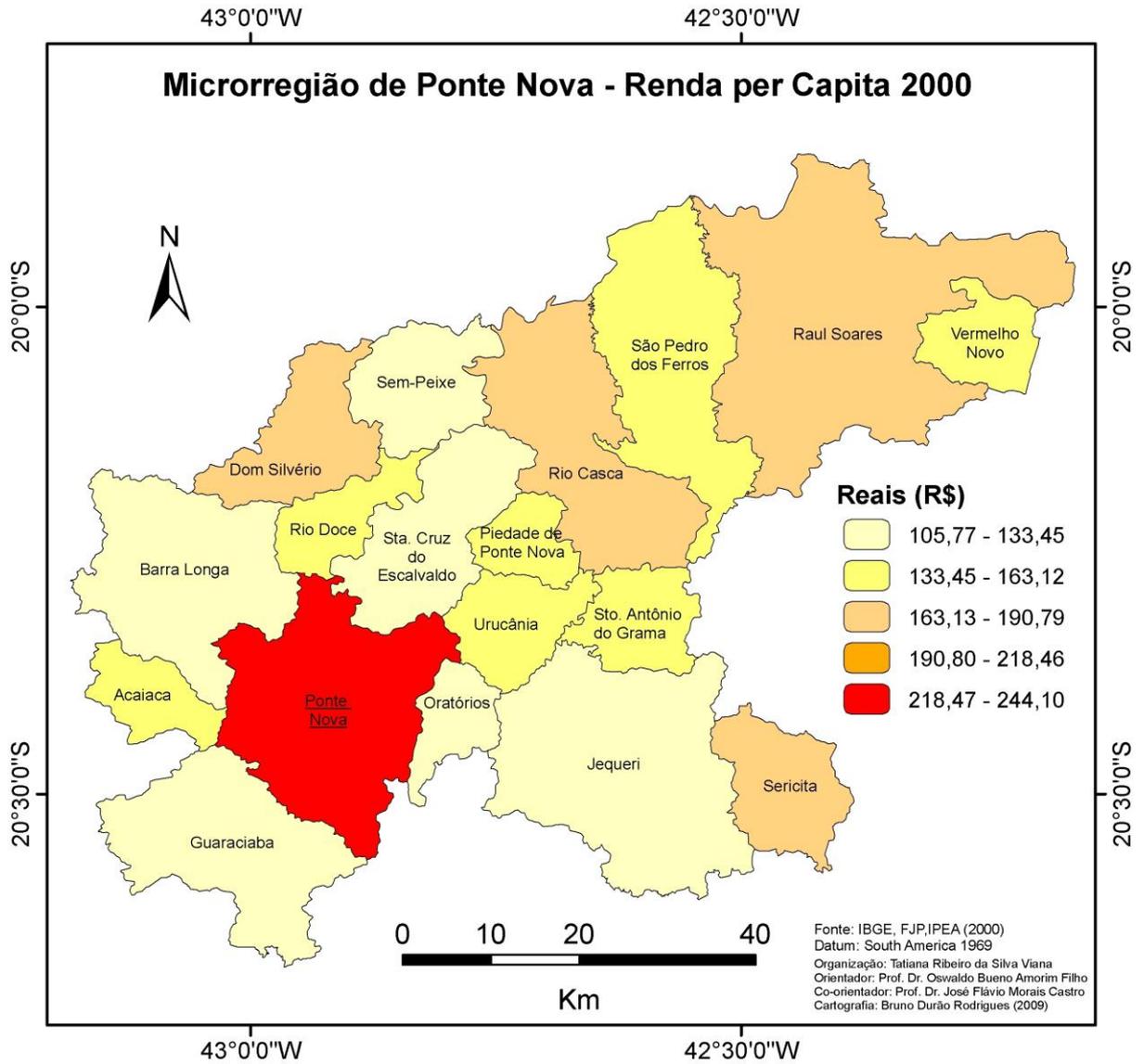
Mapa 19: Crescimento do Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios da microrregião de Ponte Nova no período 1991 - 2000.

Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000

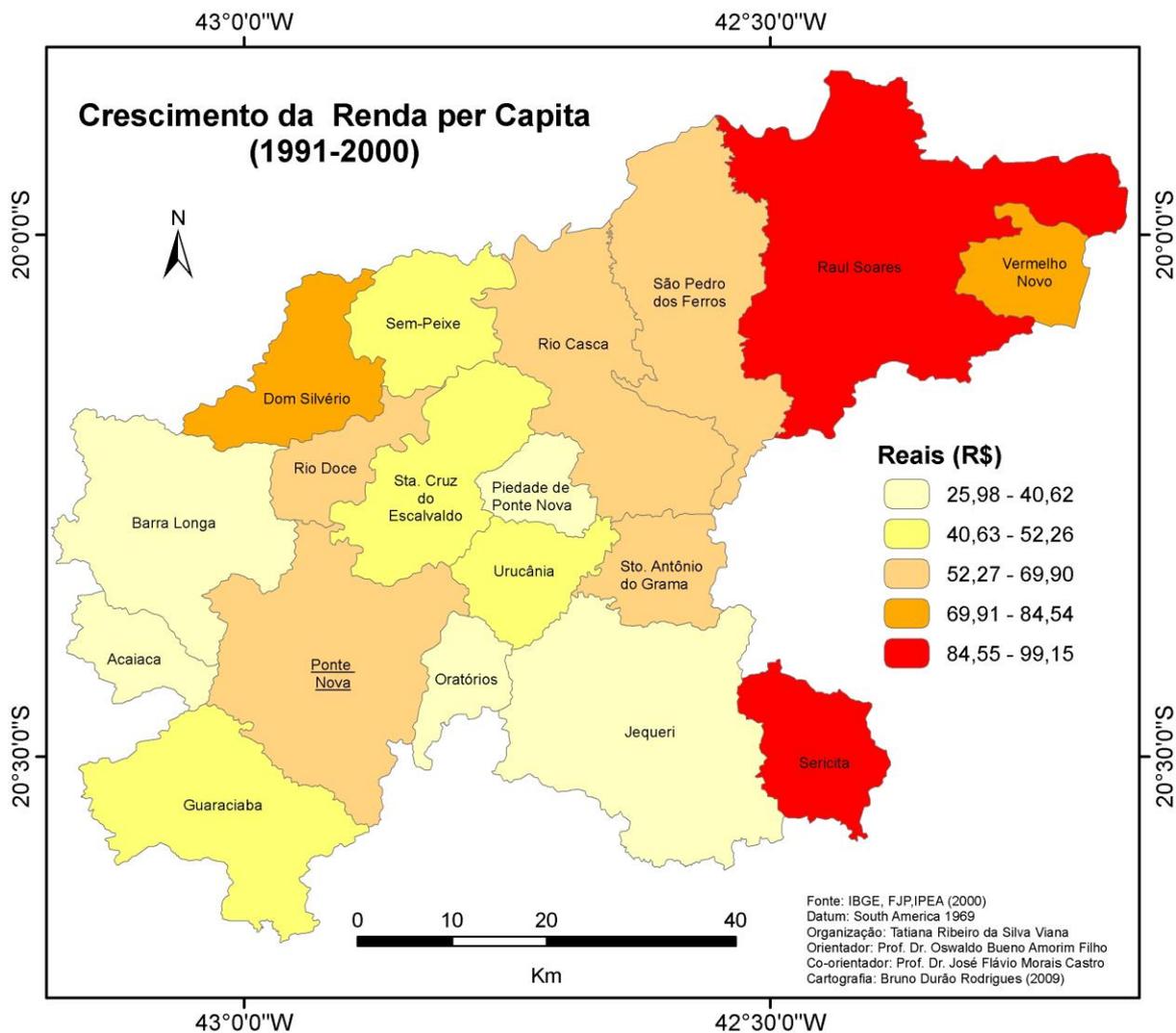
Em relação à renda per capita dos municípios da microrregião, representada nos Mapas 20, 21 e 22, Sericita teve um aumento expressivo, enquanto Acaiaca, Barra Longa, Jequeri, Oratórios e Piedade de Ponte Nova tiveram menor aumento.



Mapa 20: Renda per capita dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 1991.  
 Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000



Mapa 21: Renda per Capita dos municípios da microrregião de Ponte Nova em 2000.  
 Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000



Mapa 22: Crescimento da renda per capita dos municípios da microrregião de Ponte Nova no período 1991 - 2000.

Fonte: IBGE (SIDRA); FJP; 1991, 2000

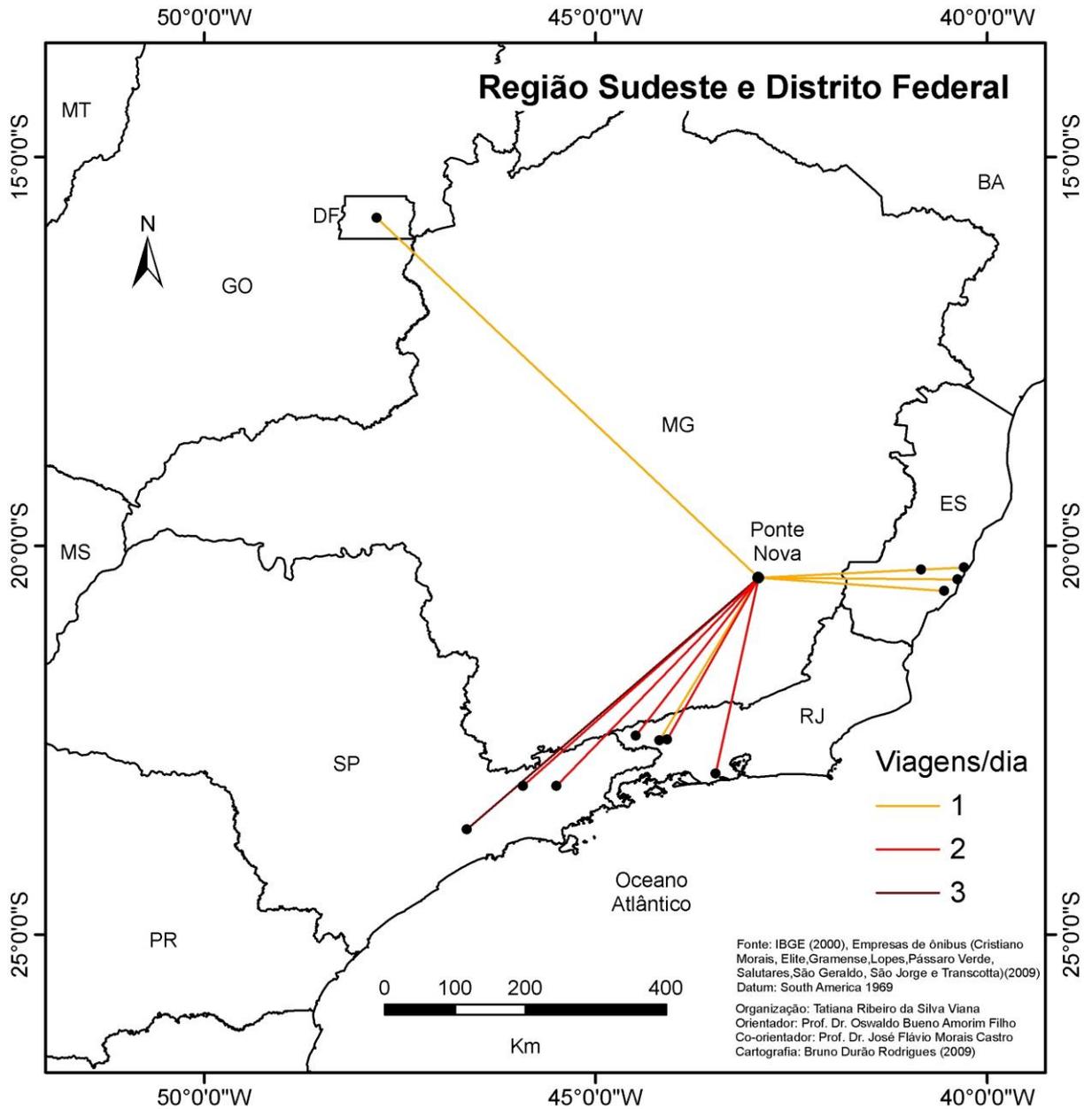
No entanto, o município de Ponte Nova tem função importante na microrregião a qual está inserida devido à interação entre os municípios da microrregião que é um fator de influência no desenvolvimento de Ponte Nova. Embora este município tenha forte relação regional, também sofre influência de importantes cidades mineiras que interfere em seu desenvolvimento e no comportamento populacional, como veremos na próxima seção.

### 3 AS RELAÇÕES EXTERNAS E A REDE URBANA DE PONTE NOVA

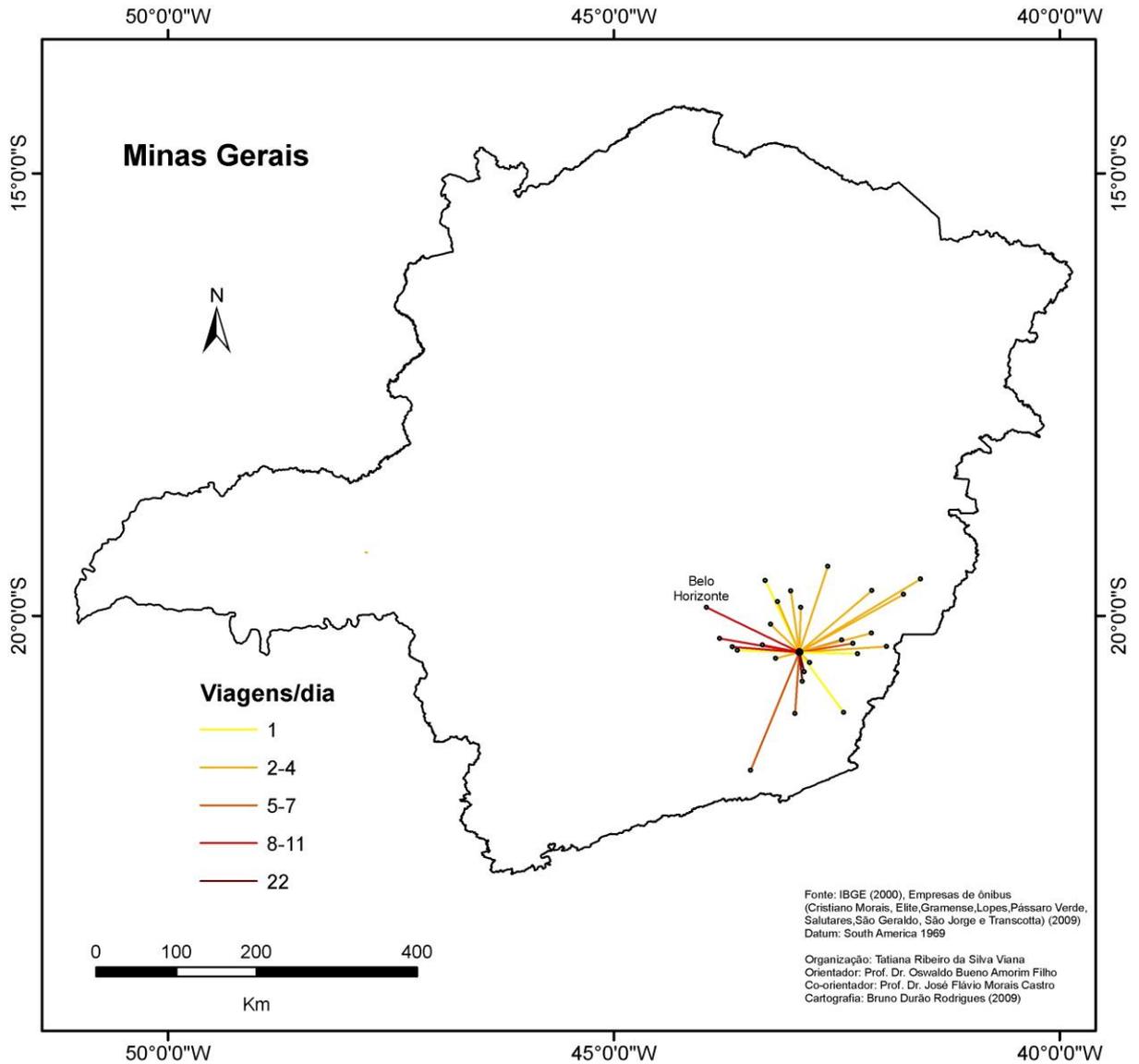
#### 3.1 As relações externas de Ponte Nova e sua área de influência

Segundo Beaujeu-Garnier, "*como o corpo humano é auxiliado pelo esqueleto e sustentado pelo sangue que lhe corre nas veias*", assim os "*organismos urbanos se assentam na rede de comunicações e nos meios de circulação que os percorrem*" (BEAUJEU-GARNIER *apud* AMORIM FILHO; SENA FILHO, 2007, p. 106;156). Aspecto de grande relevância, as vias de comunicação são responsáveis por dar vida a uma determinada rede urbana, tanto na ligação com locais próximos e distantes, como também na própria estruturação interna da região. Nos cartogramas abaixo, referentes às viagens de ônibus, procurou-se identificar como a estrutura da rede urbana de Ponte Nova a partir da identificação dos fluxos atuais de viagens. Através desta análise é possível traçar a direção dos fluxos e a partir daí criar uma hierarquia e identificar os centros de maior hierarquia como também os de menor hierarquia, que têm relações importantes na região de influência de Ponte Nova.

Conforme se vê no Mapa 23, Ponte Nova possui forte ligação com as metrópoles São Paulo e Rio de Janeiro, embora não pertença integralmente à zona de influência destas regiões, e relações menos intensas com a região Centro-Oeste e com o Estado do Espírito Santo.

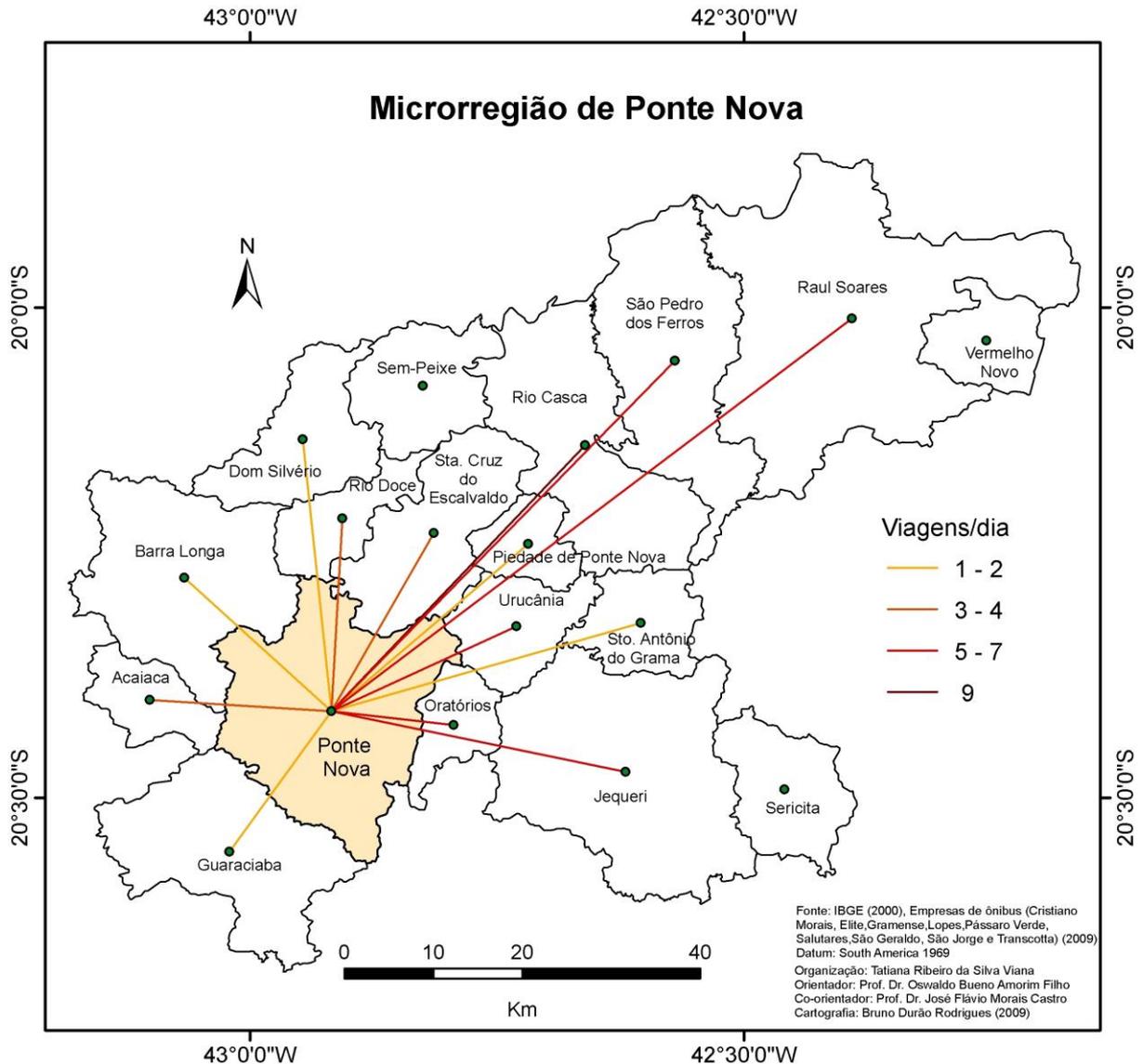


Mapa 23: Viagens diárias de ônibus a partir de Ponte Nova - Região Sudeste e Distrito Federal.  
 Fonte: IBGE, Empresas de ônibus (Cristiano Morais, Elite, Gramense, Lopes, Pássaro Verde, Salulares, São Geraldo, São Jorge, Transcotta e Unida, 2009)



Mapa 24: Viagens diárias de ônibus a partir de Ponte Nova - Minas Gerais.

Fonte: IBGE, Empresas de ônibus (Cristiano Morais, Elite, Gramense, Lopes, Pássaro Verde, Salulares, São Geraldo, São Jorge, Transcotta e Unida, 2009)



Mapa 25: Viagens diárias de ônibus a partir de Ponte Nova - Microrregião de Ponte Nova.  
 Fonte: IBGE, Empresas de ônibus (Cristiano Morais, Elite, Gramense, Lopes, Pássaro Verde, Salulares, São Geraldo, São Jorge, Transcotta e Unida, 2009)

Ao analisar o Mapa 24, percebe-se um intenso fluxo de viagens de Ponte Nova para Belo Horizonte, uma vez que Ponte Nova sofre influência direta da capital mineira. Outra observação importante é sobre o fluxo de viagens de Ponte Nova para Viçosa, onde se encontra uma Universidade Federal, e Juiz de Fora que é um grande centro regional da Zona da Mata Mineira. Há também uma ligação considerável entre Ponte Nova e a região Leste de Minas.

Através do Mapa 25, é possível visualizar que Ponte Nova é o mais importante pólo de sua região, possuindo um grande número de viagens para pequenos municípios, pois Ponte Nova oferece serviços e outras atividades

terciárias para esses pequenos centros, embora haja municípios que pertencem à microrregião de Ponte Nova e que não possuem conexão direta com ela, como Sem Peixe que tem partida de Dom Silvério, Sericita com partida de Viçosa e Vermelho Novo com partida de Raul Soares. Portanto, ao analisar os cartogramas acima, é possível perceber que Ponte Nova funciona exatamente como uma cidade média propriamente dita, pois exerce importante função de intermediação dentro de sua rede urbana, como descrita por Lajugie:

De modo mais preciso diremos que a cidade média se define, acima de tudo, por suas funções, pela posição que ela ocupa entre a metrópole com vocação regional e os pequenos centros urbanos, com influências puramente locais (LAJUGIE, 1974, p.12).

### **3.2 A rede urbana de Ponte Nova**

A partir de agora será analisada a estrutura atual da rede urbana de Ponte Nova, através da construção de uma matriz, seguindo a metodologia proposta por Amorim Filho (1978), realizada em um estudo sobre a cidade de Patos de Minas. Esta matriz recebe o nome de “*Matriz de Relações Externas*” e, lista 28 municípios atendidos por 37 equipamentos (Quadro 12) situados na cidade estudada. Tal matriz torna-se de grande interesse, pois permite avaliar a área de influência da cidade de Ponte Nova.

Estes equipamentos possuem ação regional, seguindo uma ordem de proximidade, ou alcançam municípios que, mesmo mais distantes, possuem melhor acesso à Ponte Nova. As cidades de Amparo do Serra, Guaraciaba, Oratórios, Acaiaca, Santa Cruz do Escalvado, Urucânia, Barra Longa, Piedade de Ponte Nova, Jequeri e Rio Doce sofrem uma influência maior dos equipamentos sediados em Ponte Nova. Outros municípios, mesmo fazendo parte da região, não sofrem tanta influência, pois ou estão mal conectados a Ponte Nova ou polarizados por cidades mais próximas a eles.

Um fato a ser observado é a quantidade de equipamentos ligados ao meio rural presentes em Ponte Nova, como comércio e manutenção de máquinas agrícolas, cooperativas agropecuárias, sindicato rural e orientação técnica, havendo uma importante relação - cidade e meio rural.

No estudo sobre Patos de Minas, Amorim Filho afirma sua preferência mais pela expressão “espaço de relações” do que “espaço de polarização” ou “espaço de dominação”, uma vez que os municípios pertencentes à região possuem relações de complementaridade com Ponte Nova.

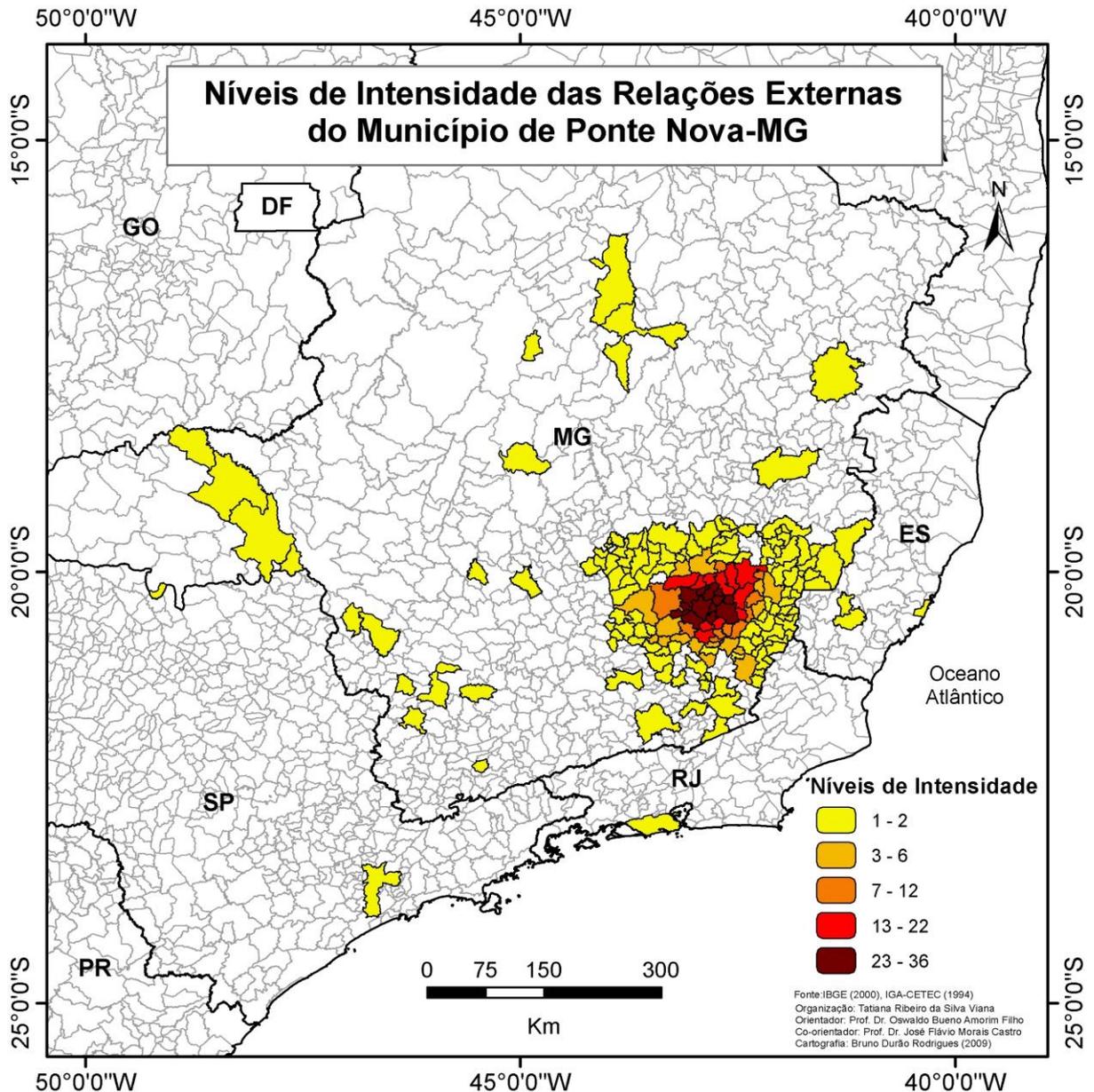
Ao analisar os equipamentos, Junta do Serviço Militar, DMAES (Departamento Municipal de Água e Esgoto) e Câmara dos Dirigentes Lojistas, percebe-se que estes só atendem ao município de Ponte Nova.

Já os hotéis, atendem aos municípios mais distantes, ou seja, não pertencentes à região, pois muitos destes hóspedes são viajantes que estão em Ponte Nova para fins comerciais. Assim alguns equipamentos possuem ação extra-regional, como é o caso das cooperativas agropecuárias e o do comércio de máquinas agrícolas.

Pode-se dizer que a região de Ponte Nova tem localização privilegiada, pois está próxima de três importantes metrópoles como São Paulo a 689 km, Rio de Janeiro a 395 km e Belo Horizonte a 180 km. Esta região conta com excelente malha viária, pois apresenta uma rodovia federal: BR-120 e, três rodovias estaduais: MG-262, MG-329, MG-123.

Embora a cidade tenha fortes relações com seu espaço regional, existem vários centros de hierarquia superior que mantêm importantes relações com Ponte Nova, mas é com a capital mineira, Belo Horizonte, que as relações são mais intensas.

A relação externa de Ponte Nova com outros centros urbanos pode ser vista no cartograma abaixo, Mapa 26, a começar por aquelas que se tecem com os municípios da região.



Mapa 26: Níveis de intensidade das relações externas do município de Ponte Nova - MG  
 Fonte: IBGE, CETEC, 1994

Em resumo, Ponte Nova possui um espaço de relações bem consolidadas com a microrregião que centraliza e com alguns espaços sub-regionais da Zona da Mata. As relações possuem, ainda, importância quando se consideram a Região Metropolitana de Belo Horizonte, assim como as principais cidades médias de Minas Gerais. De outro lado, não se pode esquecer que, tanto na Zona da Mata, quanto em regiões próximas, outras cidades médias começam a ampliar suas influências no próprio espaço polarizado prioritariamente por Ponte Nova. Estão neste caso cidades como João Monlevade, Viçosa, Ouro Preto, Ubá e Juiz de Fora.

## **4 O MUNICÍPIO E A CIDADE DE PONTE NOVA**

### **4.1 O município de Ponte Nova**

#### *4.1.1 História*

O processo de ocupação do município de Ponte Nova e região está vinculado à procura pelo ouro em Minas Gerais, pois após ter descoberto a região mineradora, os bandeirantes penetravam rumo ao interior das Minas Gerais em busca do metal precioso.

No decorrer de suas bandeiras, eles paravam para descansar em locais chamados de pousos ou rancharias onde também, plantavam roças para garantir a sobrevivência, assim, formavam-se os povoados.

À medida que os bandeirantes desbravavam as terras mineiras, penetrando nos vales dos rios rumo ao leste, eram descobertas minas de ouro. Tais descobertas deram início a um intenso processo de desenvolvimento econômico e demográfico que atraiu grande quantidade de exploradores e possibilitou o surgimento de povoados e vilas, criando condições para a ocupação.

Em certa fase do ciclo do ouro, os homens dedicavam apenas para à mineração, deixando o plantio de roças e a criação de gado. Deste modo, os alimentos tinham que vir do Rio de Janeiro, São Paulo e Bahia o que tornava inviável a importação destes gêneros, pois os caminhos eram escassos e a viagem demorada (RIBEIRO FILHO, 2004).

Com a crise no abastecimento de gêneros alimentícios, juntamente com o declínio da mineração, a população da região das minas foram em busca de terras para a agricultura e a criação de animais, com isso, esta região passou por um processo de dispersão populacional.

Embora fosse necessário ter terras para o plantio e criação de animais, o Governo da Capitania de Minas Gerais passou a conceder sesmarias para incentivar a ocupação de outras regiões de Minas. Logo, a farta distribuição de terras permitiu o homem a fixar e espalhar pelo território mineiro.

Desta forma, as fazendas instaladas em sesmarias distribuídas pelo governo da Capitania foram responsáveis pelo desenvolvimento econômico da região de Ponte Nova, pois nelas produziam-se gêneros alimentícios e criavam animais, sendo que as principais atividades agrícolas foram o cultivo do café e da cana-de-açúcar. Neste cenário, instalaram-se as primeiras fazendas, às margens do Rio Piranga, na região de Ponte Nova.

A região oferecia condições para que tal fato acontecesse, pois, tinha terras para o cultivo, como também, abundância de mão-de-obra as quais foram dispensadas pela mineração.

Então, esta região contou com duas atividades agrícolas para seu desenvolvimento econômico, o café e a cana-de-açúcar, embora a primazia do café vá até a década de 1960, momento em que ocorreu a significativa substituição da cafeicultura pela lavoura de cana.

Em virtude do declínio do café, surge o desenvolvimento da atividade açucareira, sobretudo em Ponte Nova, como alternativa para minimizar o impacto da crise. Embora, o plantio da cana-de-açúcar tivesse começado nos primórdios da ocupação da região, com os primeiros núcleos populacionais, originários, sobretudo, de São Paulo e da Bahia, a produção da cana passou a se destacar na economia mineira.

A produção açucareira, na região de Ponte Nova, contou com duas personalidades importantes, os irmãos José Vieira Martins e Francisco Vieira Martins que introduziram o primeiro Engenho Central para a fabricação do açúcar cristalizado, no Estado de Minas Gerais, e principalmente, no município de Ponte Nova, em 1883, através da inauguração da Usina Ana Florência. A instalação desta usina contribuiu para acelerar a produção do setor usineiro e expandir a produção da cana-de-açúcar, como também, introduziu a figura do fornecedor de cana os quais produziam a cana-de-açúcar e as vendiam para os usineiros. Nesta mesma época, chegaram ao município os trilhos da estrada de ferro Leopoldina Railway.

A inauguração de tal usina serviu de incentivo a outros agricultores, fazendo surgir novas usinas no município de Ponte Nova e em seus arredores. Então, nesta foram instaladas, por volta de, sete usinas, sendo que algumas no século XIX e outras no século XX, mas nem todas conseguiram sobreviver aos momentos em que o cultivo da cana passava por crises, inclusive, a Usina Ana Florência, logo, elas foram desativadas. Dentre elas, apenas a Usina Jatiboca, fundada em 1926, está

em plena atividade e contribui, hoje, com boa parte da produção de açúcar no Estado de Minas Gerais.

Posteriormente, o álcool aparece com relevância no setor industrial, mesmo com o encerramento das atividades industriais das usinas de açúcar no século XX. E no setor agrícola houve uma diversificação na produção surgindo, assim, produtos de subsistência e criação de gado (suinocultura e bovinocultura), uma vez que a pecuária era tida como atividade secundária nos momentos de crise tanto da cana quanto do café, em que os produtores recorriam a esta atividade.

Concomitantemente ao álcool, outras atividades industriais merecem destaque, tais como fábricas de caderno, condimentos, laticínios, gaiolas e estruturas metálicas para a construção civil<sup>1</sup>.

Além do significado histórico das atividades econômicas de Ponte Nova, a cidade traz uma forte herança comercial, sempre tendo grande importância o comércio atacadista. Em relação ao comércio, a cidade atende aos pequenos centros que se localizam em seu entorno o que contribui significativamente para o desenvolvimento econômico.

Atualmente, outras áreas como saúde e educação, também movimentam a economia do município.

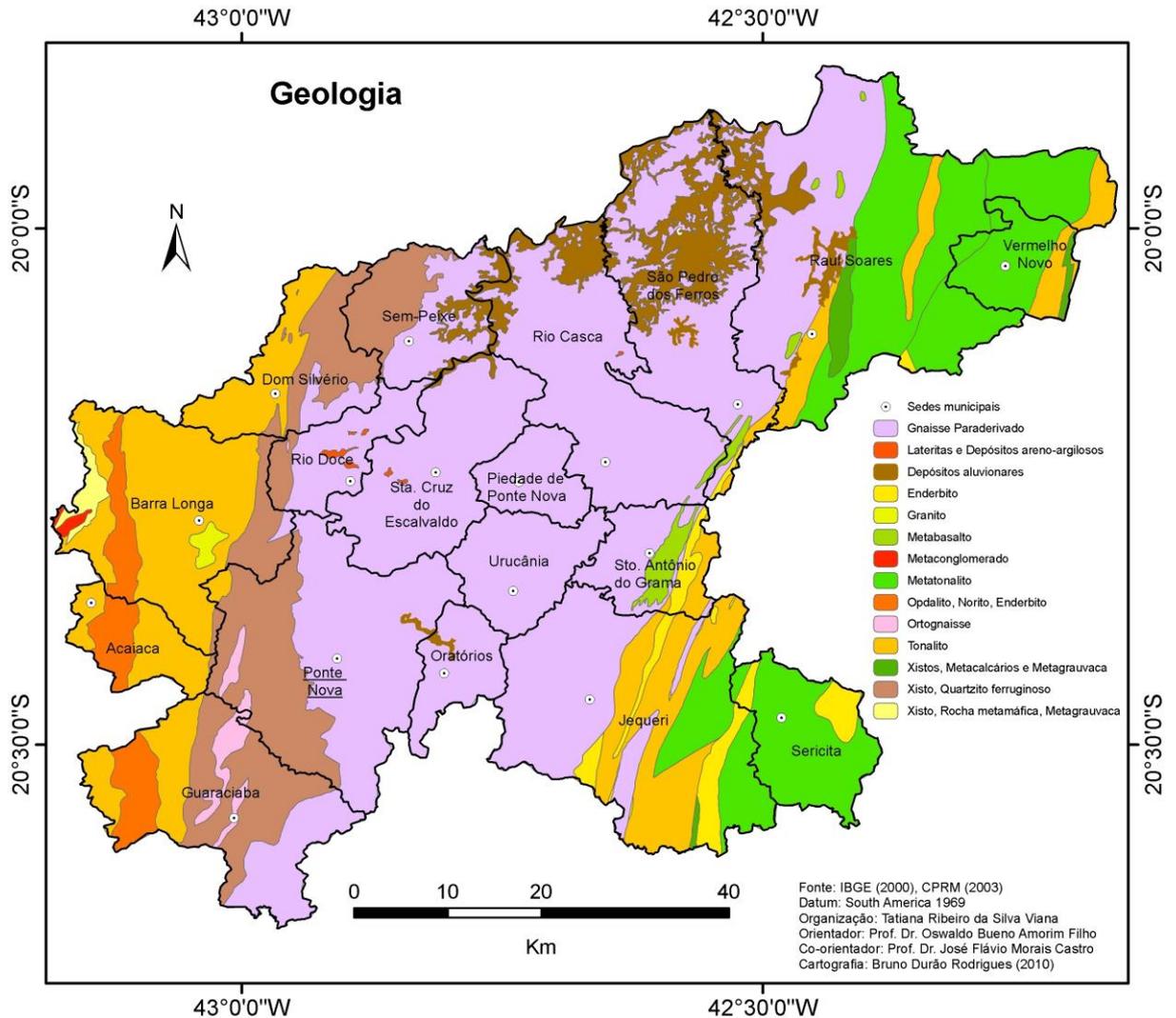
---

<sup>1</sup> As informações históricas, em sua maioria, foram extraídas do historiador Antônio Brant Ribeiro Filho, citado no Plano Diretor do município de Ponte Nova. )

#### 4.1.2 *Quadro Natural*

##### 4.1.2.1 Geologia

A formação geológica do município de Ponte Nova pode ser dividida em três porções distintas. A primeira compreende o extremo leste e é formada por rochas granito-gnaíssicas metamorfizadas, charnoquitos e rochas ígneas em diques, veios de quartzo e pegmatitos, pertencentes ao Grupo Paraíba (Pré-Cambriano Inferior). A segunda porção abrange a maior parte do município (nordeste, parte do norte, centro, sudeste, sul e partes do oeste), sendo constituída por rochas do Complexo Cristalino (Embasamento Granito- Gnaíssico). A terceira é formada por predomínio de rochas metassedimentares, como filitos, dolomitos, grauvacas, conglomerados, micaxistos, rochas metavulcânicas e formações ferríferas que pertence ao Grupo Rio das Velhas, do Pré-Cambriano Inferior. Sobre estas rochas encontram-se cobertura terciária e aluviões quaternários (IGA, 1982).



Mapa 27: Geologia da microrregião de Ponte Nova.  
Fonte: IBGE (2000); CPRM (2003)

#### 4.1.2.2 Relevo

Do ponto de vista das unidades de relevo, o município de Ponte Nova insere-se no Domínio dos Planaltos Cristalinos Rebaixados que estão sobre a Serra da Mantiqueira, a leste, e a Serra do Espinhaço, a oeste.

A maior parte do terreno do município de Ponte Nova situa-se entre 330m e 862m de altitude. O ponto mais elevado localiza-se junto à divisa do município de Guaraciaba, próximo à cabeceira do ribeirão das Poses.

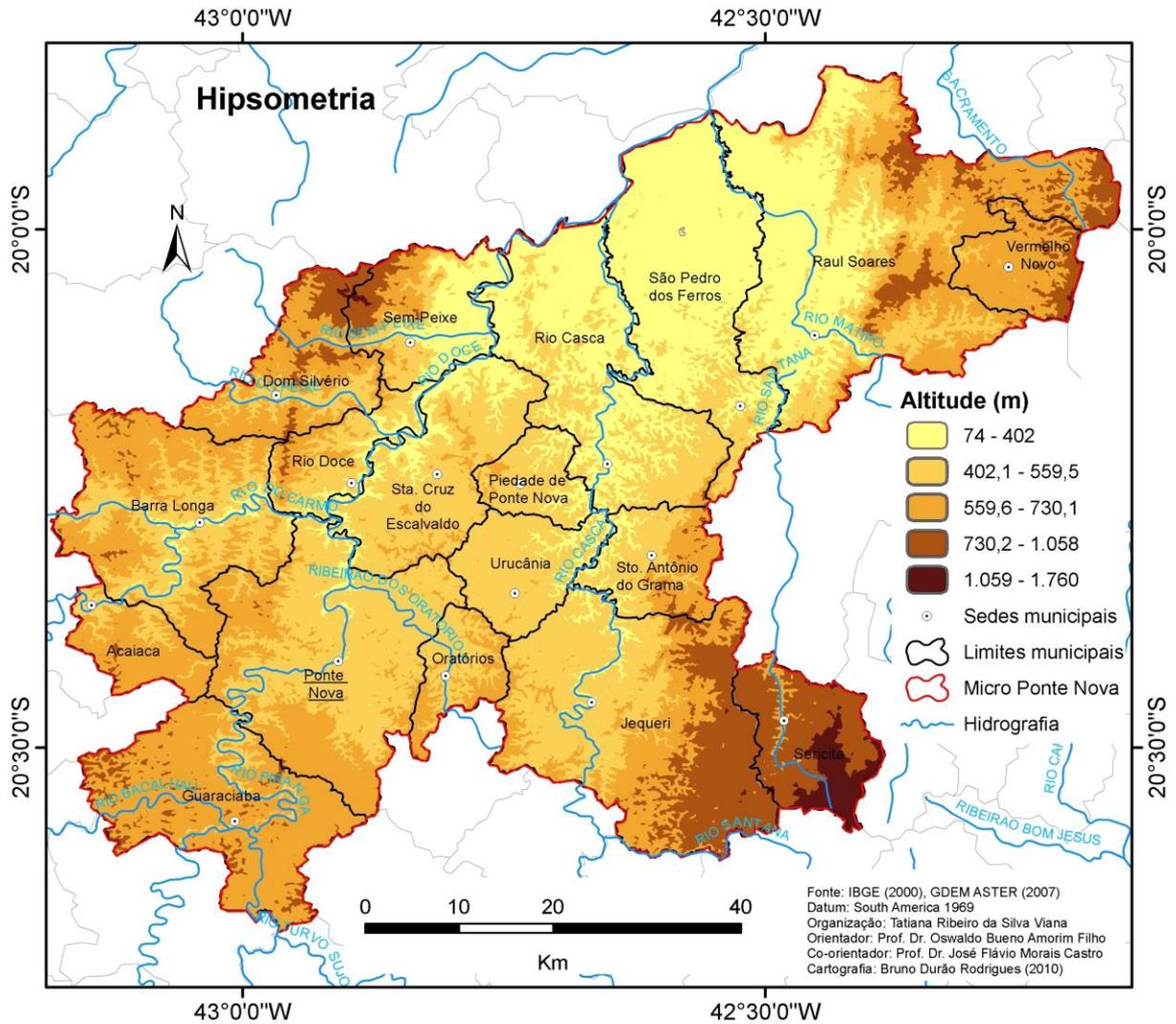
O relevo é bastante montanhoso, com predomínio de colinas interligadas através dos topos, formando alinhamento de espigões com aspecto de planalto

colinoso que entram em contato com os fundos de vale de topografia plana. Embora, apresenta-se uma homogeneidade, esta região apresenta duas porções distintas.

A primeira porção caracteriza-se pela existência de alinhamentos de altos espigões que dominam as regiões nordeste, oeste (com exceção do Vale do Piranga), extremo sul, leste e nordeste. As maiores altitudes encontram-se nos espigões situados nos limites dos municípios de Barra Longa, Acaiaca, Guaraciaba Amparo do Serra e Jequeri. Os níveis dos topos situam-se entre 600 a 800m aproximadamente. O ponto mais elevado localiza-se entre a região de Bonfim e Derrubada, com altitude de 862m. Embora, os vales abertos sejam mais comuns, na cabeceira, os vales são encaixados com fundos planos. Há ocorrência de várzeas como as dos Ribeirões Vau-Acu, Ribeirão das Posses, Ribeirão dos Oratórios e a do Córrego Lagoa Seca. Frequentemente encontram-se afloramentos de rochas na porção ocidental do município.

A segunda região caracteriza-se pela presença de colinas isoladas e espigões mais baixos com formas mais pesadas e níveis aplainados. Os topos são abaulados e aplainados e as vertentes são longas compondo vales amplos, com fundo plano, com exceção das áreas em que a drenagem sofre controle estrutural. Este relevo predomina-se em toda porção central e norte do município de Ponte Nova. A sede municipal localiza-se à margem do Rio Piranga, estendendo por algumas colinas que margeiam o vale (IGA, 1982).

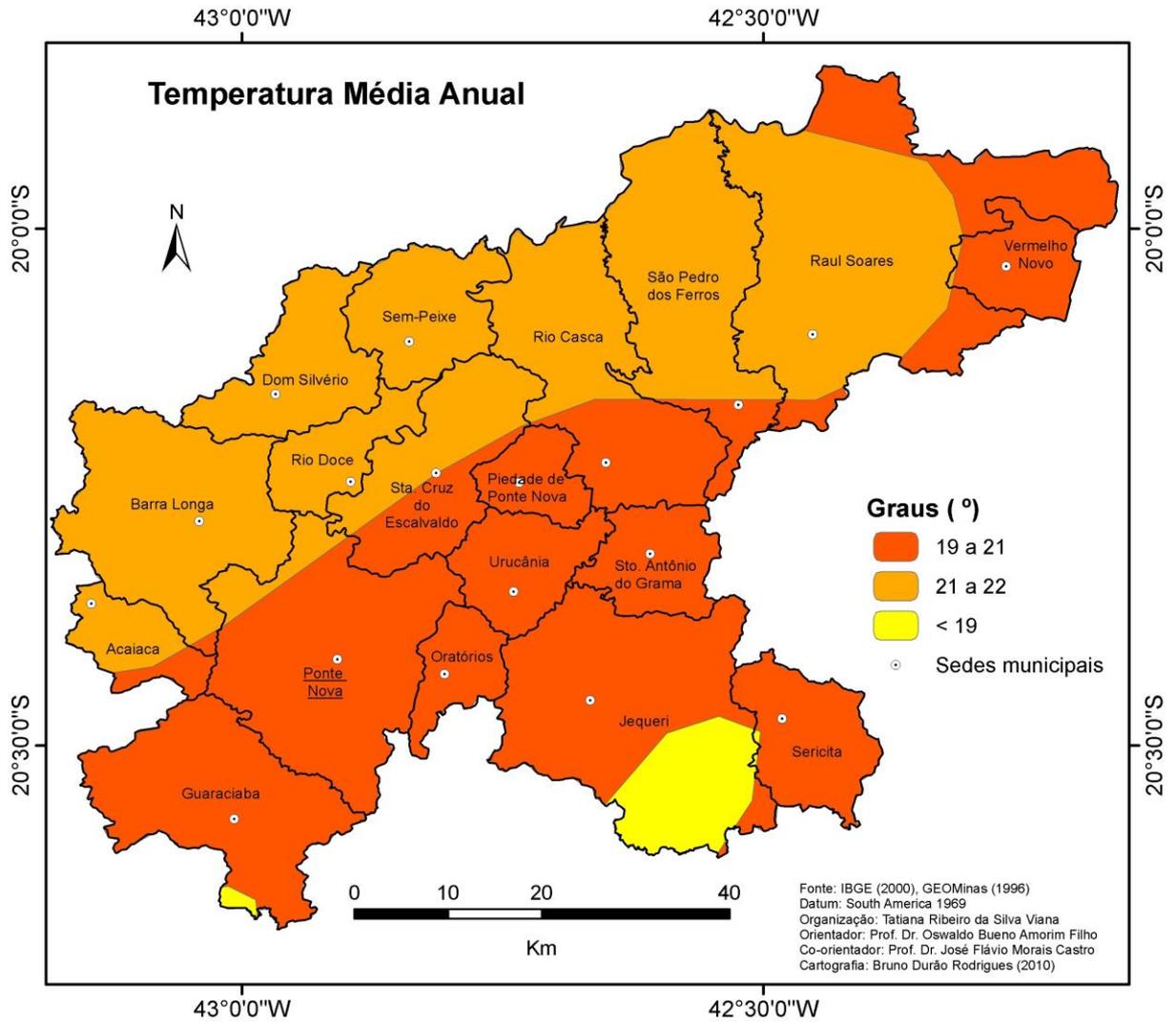
A topografia influencia tanto a vida da população quanto a economia do município, uma vez que a grande quantidade de terrenos acidentados inviabiliza a agricultura mecanizada, a irrigação e maior produção agrícola.



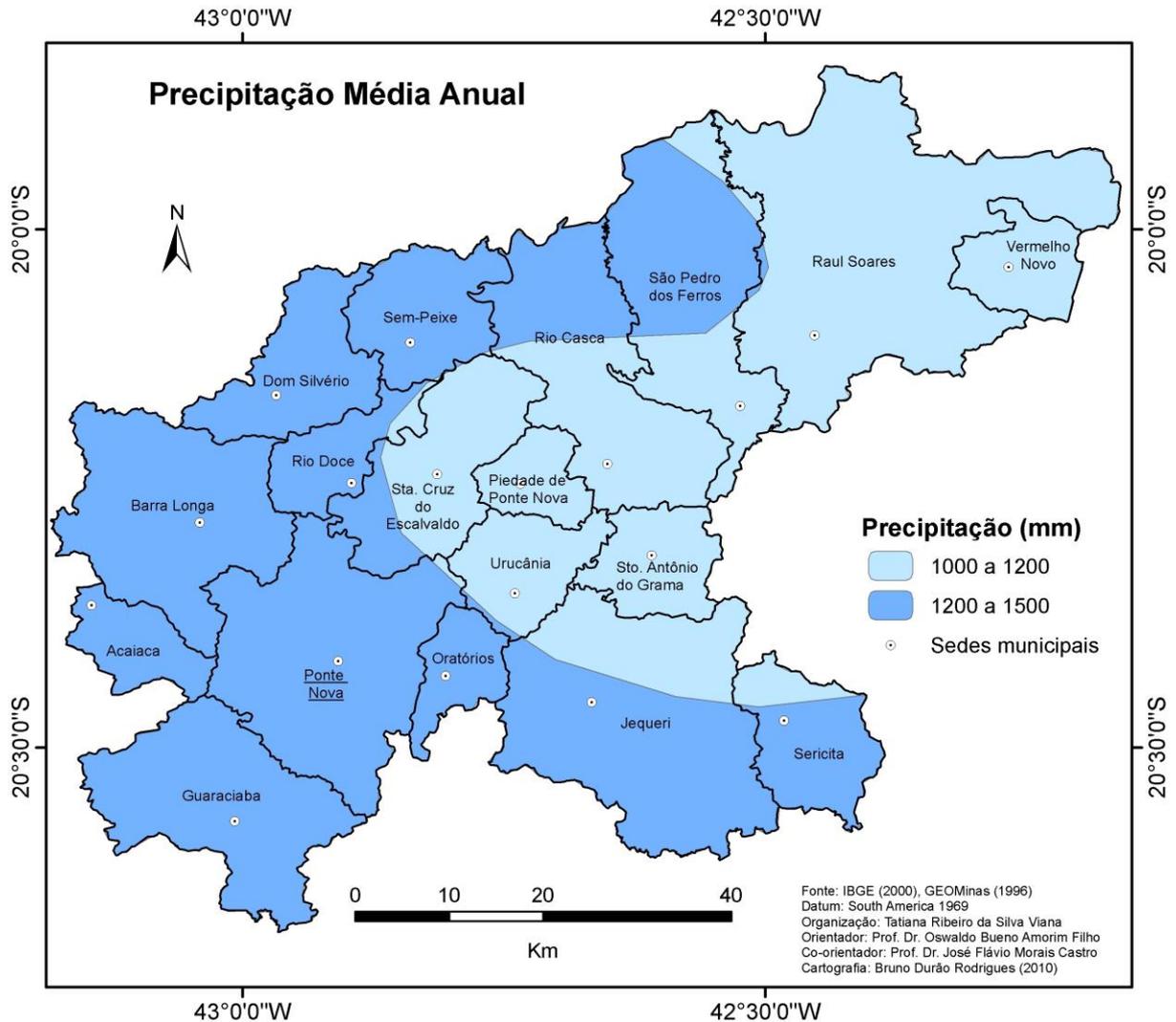
Mapa 28: Altimetria da microrregião de Ponte Nova  
 Fonte: IBGE (2000); GDEM ASTER (2007)

#### 4.1.2.3 Clima

Segundo a classificação de Köppen, o clima da região é o Cwa, isto é, clima mesotérmico, caracterizado por verões quentes e úmidos e o inverno seco e frio. O período de seca ocorre em torno de três meses, sendo os meses de junho, julho e agosto, os mais frios do ano. A temperatura média anual é de 21°C, sendo que a amplitude térmica varia entre 5 a 7°C. O índice médio pluviométrico anual é de 1500mm. A região de Ponte Nova faz parte do Domínio Tropical Atlântico de Mares de Morros.



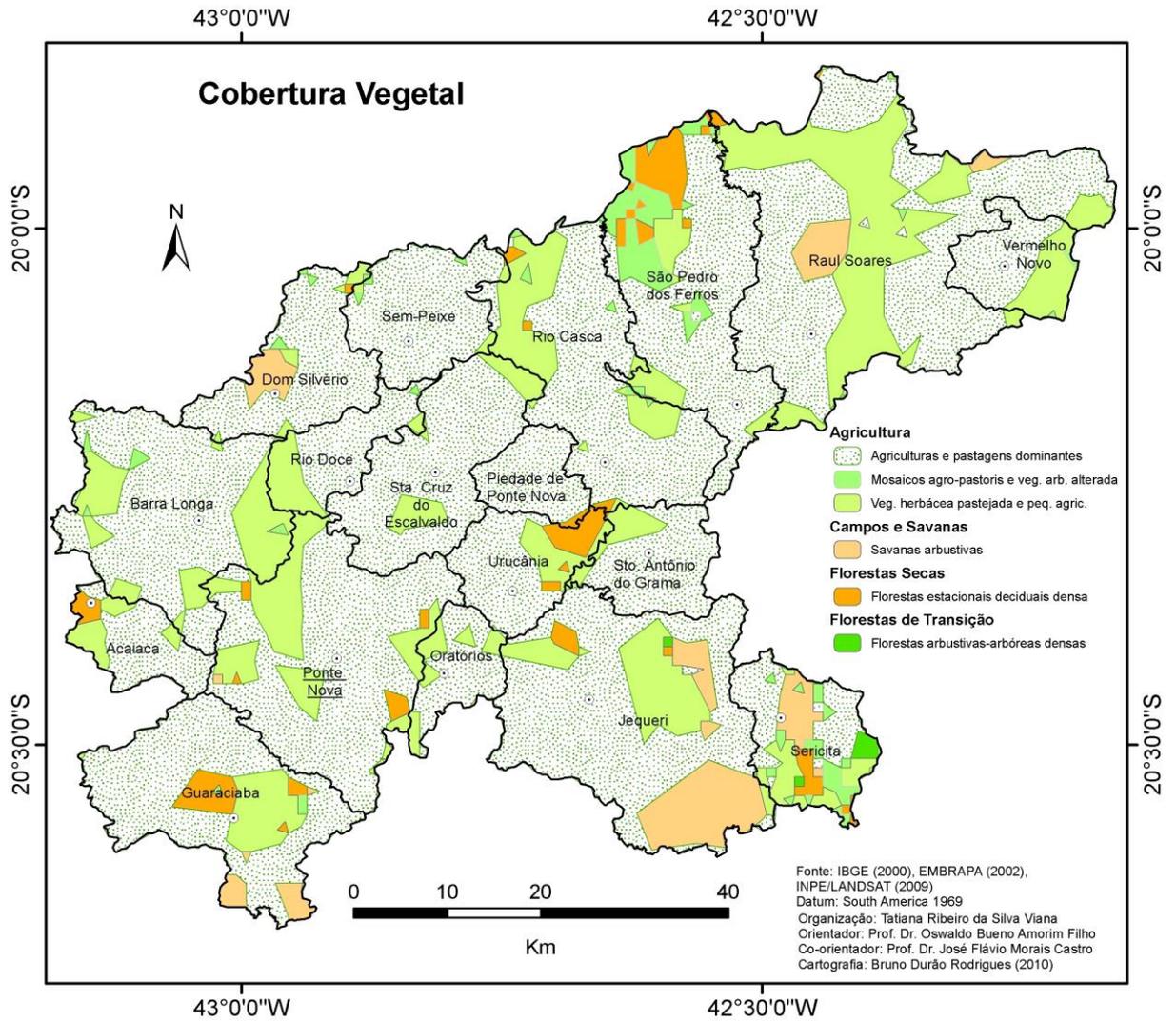
Mapa 29: Temperatura média anual da microrregião de Ponte Nova  
 Fonte: IBGE (2000); GEOMINAS (1996)



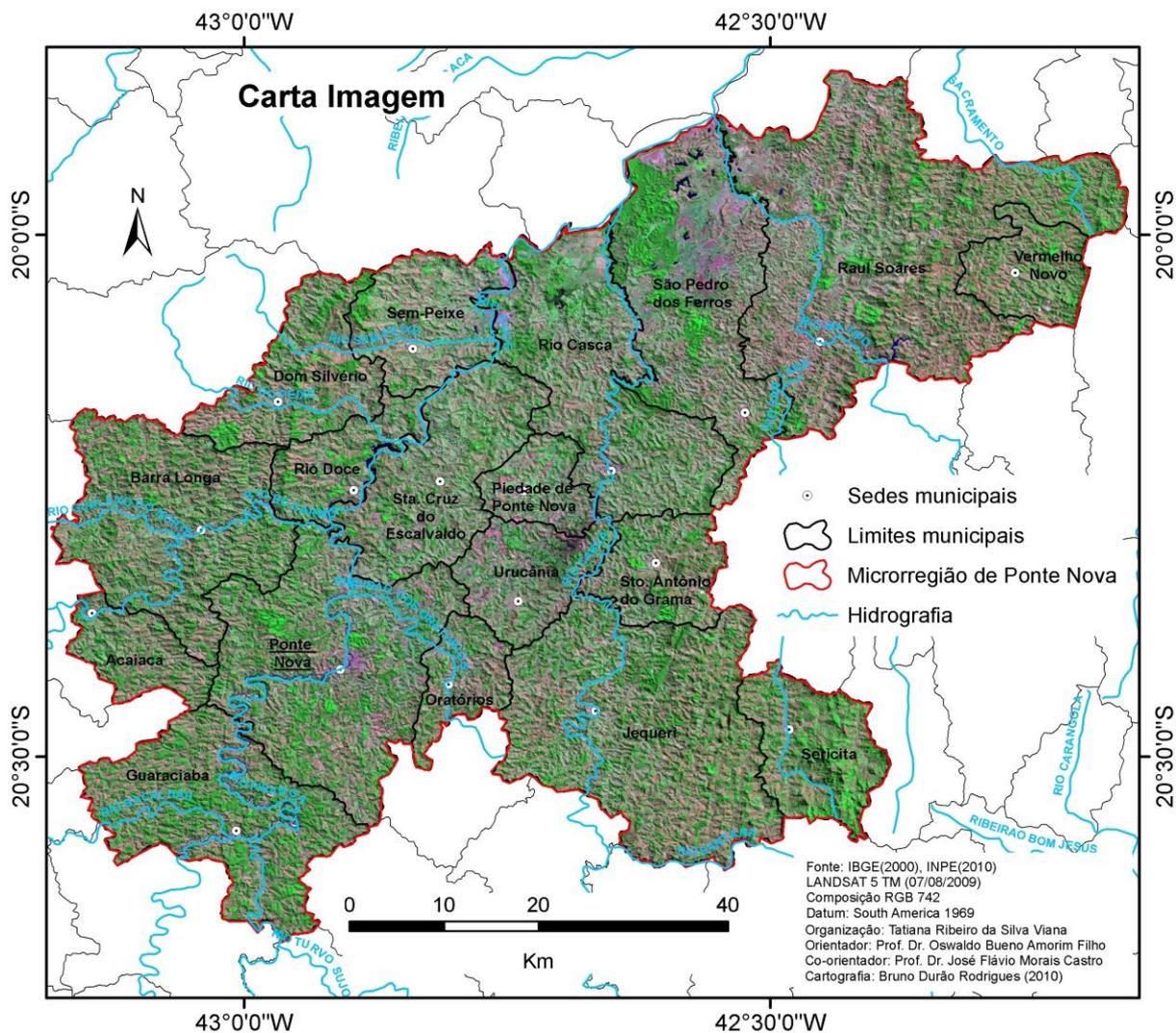
Mapa 30: Precipitação média anual da microrregião de Ponte Nova  
 Fonte: IBGE (2000); GEOMINAS (1996)

#### 4.1.2.4 Vegetação original e atual

Antes da ocupação humana, o município era coberto pela Floresta Tropical Atlântica Subperinofila, incluída nos Domínios da Mata Atlântica. Atualmente encontram-se apenas matas secundárias, capões e capoeiras devido ao desmatamento da terra para atividades agropecuárias. Outra atividade que vem sendo desenvolvida nas proximidades do município é a monocultura de eucalipto. Destacam-se, na região, embora pequenas, algumas reservas como a de Mane Lucas, Várzea Alegre, Cunha, Fazenda Santa Helena, Quilombo e Pião.



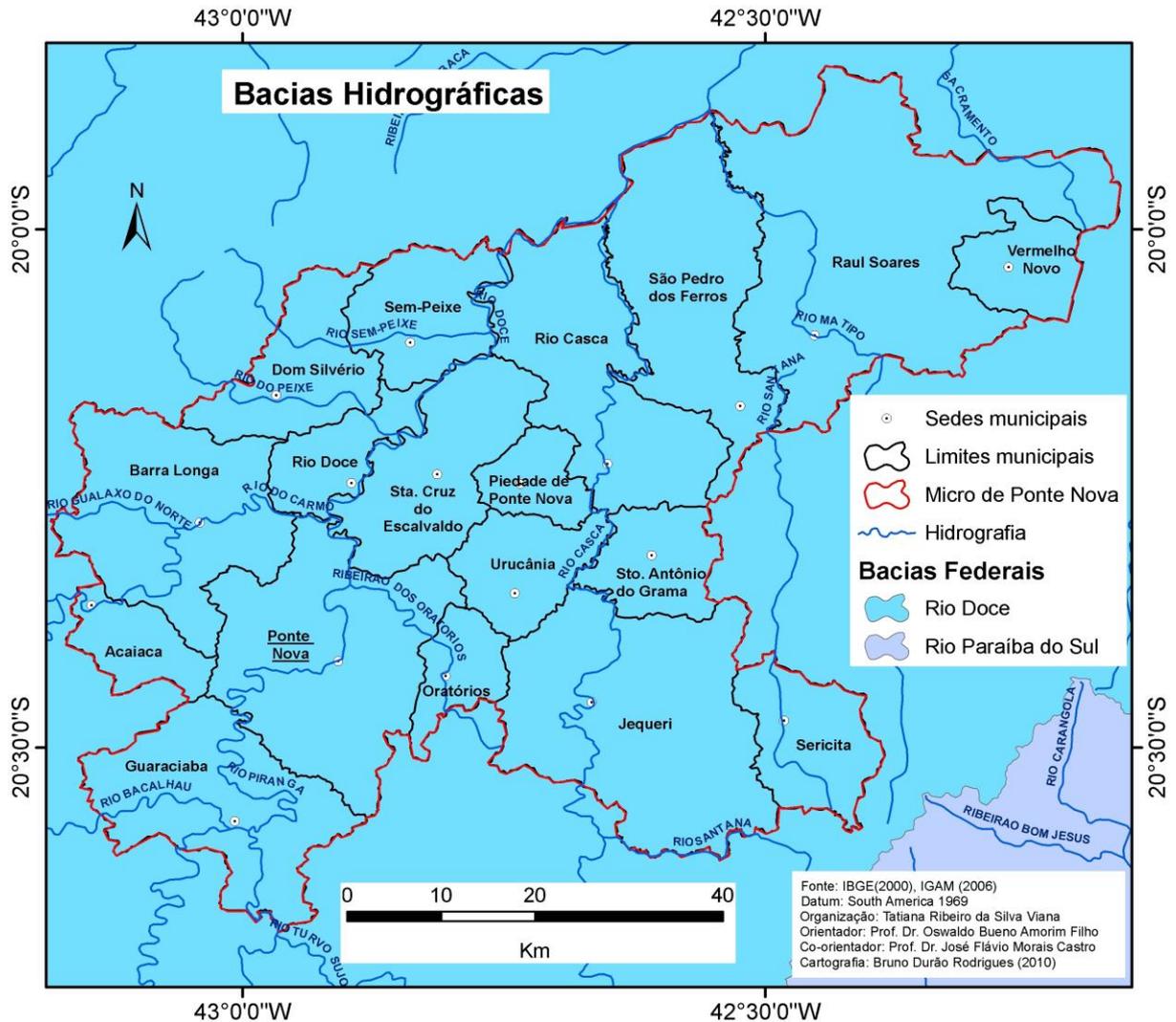
Mapa 31: Vegetação atual da microrregião de Ponte Nova  
 Fonte: IBGE (2000); EMBRAPA (2002)



Mapa 32: Carta Imagem da microrregião de Ponte Nova  
 Fonte: IBGE (2000); INPE (2010)

#### 4.1.2.5 Hidrografia

O município de Ponte Nova, inserido na Bacia do Rio Doce, é cortado por pelo rio Piranga, principal rio do município, que apresenta vários afluentes como, Ribeirões da Cachoeira, Mata Cães, Vau-Acu, dos Oratórios, além de muitos córregos. O rio do Carmo corre ao extremo norte da região formando os limites com o município de Rio Doce, que ao confluir com o Rio Piranga forma o Rio Doce.



Mapa 33: Hidrografia da microrregião de Ponte Nova  
 Fonte: IBGE (2000); IGAM (2006)

## 4.2 As enchentes

Atualmente, está crescendo o número de estudos em relação ao meio ambiente, impactos ambientais, desenvolvimento econômico dentre outros temas relacionados com os problemas ambientais em geral, uma vez que os planejadores encontram-se preocupados com a ocupação e uso do solo tanto da área rural quanto do tecido urbano.

Como o município de Ponte Nova possui um relevo acidentado, o tecido urbano se desenvolve tanto nas planícies e em morros. Tal fato é preocupante, uma

vez que as ocupações das encostas ocorrem sem planejamento, trazendo sérios riscos na época das chuvas devido aos deslizamentos.

O rio Piranga que atravessa a cidade de Ponte Nova sempre foi cenário de grandes enchentes. No final do século XIX e início do século XX, começou um intenso desmatamento para o plantio de cana de açúcar, café e também para a criação de gado.

Desde meados do século XIX, há notícias de cheias em Ponte Nova. O registro da primeira enchente na cidade ocorreu em fevereiro de 1865. Em consequência deste fato, a população da parte baixa transferiu-se para a região mais alta, abrigando-se em casas de familiares e amigos, pois houve grande número de desabamentos devidos à fragilidade das construções daquela época.

Em janeiro de 1906, um temporal provocou uma segunda inundação no rio Piranga, mas pouco se sabe sobre os danos causados pela mesma.

No final de 1918 e início 1919, acontece uma terceira enchente que teve como consequência a queda de uma chaminé de uma usina de açúcar, Usina do Piranga, que se localizava às margens do rio.

Mas foi em março de 1951, como mostra a Figura 1, que ocorreu uma das mais violentas enchentes na cidade. Ela destruiu várias casas, deixando boa parte da população desabrigada e sem vias de comunicação, ficando alguns dias, também, sem luz elétrica.

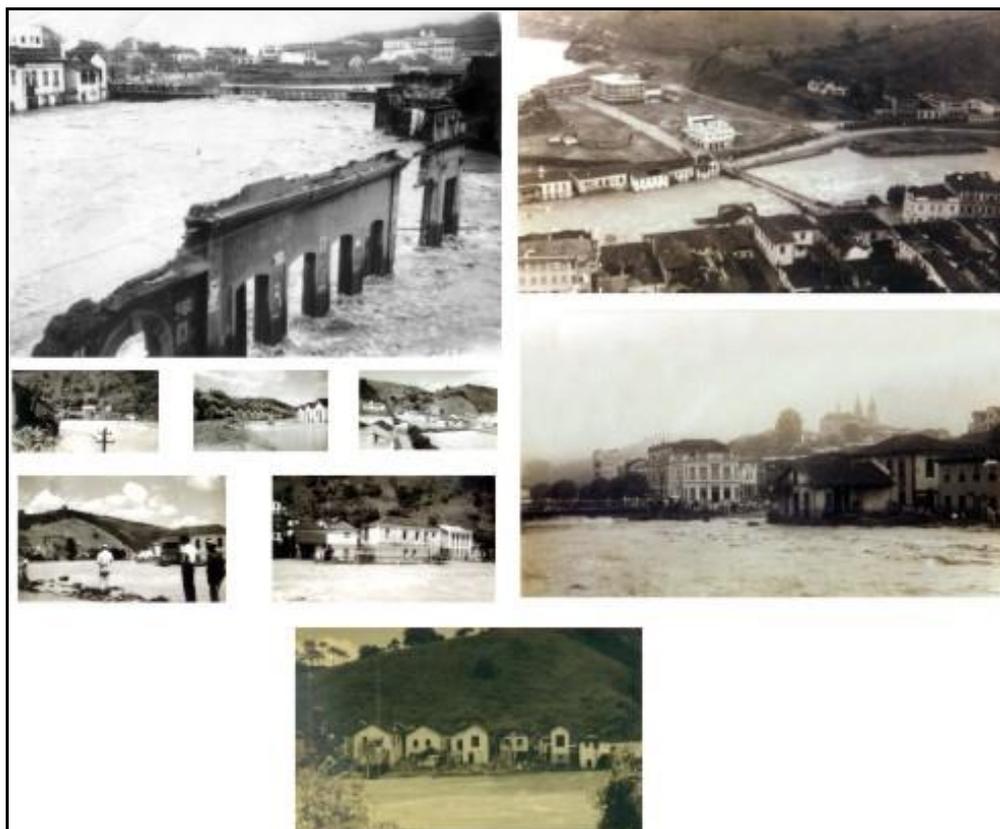


Figura 1: Enchente de 1951 - Ponte Nova/MG

Fonte: Acervo da Prefeitura e Câmara Municipal de Ponte Nova, 2010

Quase quarenta anos mais tarde, em 1979, como ilustra a Figura 2, o rio Piranga transborda novamente, comprometendo o sistema de captação de água, o que deixou a cidade sem água potável por alguns dias. Houve, também, vários casos de deslizamentos e as pontes ficaram encobertas pela água. Um grande número de casas foi destruído, deixando uma parcela da população desabrigada e as estradas rurais ficaram intransitáveis.



Figura 2: Enchente de 1979 - Ponte Nova/MG  
Fonte: Acervo da Prefeitura e Câmara Municipal de Ponte Nova, 2010

Em janeiro de 1997, instalou-se, novamente o caos na cidade de Ponte Nova, com outra cheia do rio Piranga. Logo, voltaram a acontecer deslizamentos na parte alta da cidade deixando parte da população desta região desabrigada; vários bairros estiveram inundados e as estradas municipais ficaram intansitáveis (Figura 3).



Figura 3: Enchente de 1997 - Ponte Nova/MG  
Fonte: João Mattos, 2010

E assim, as enchentes continuam a acontecer, tendo havido mais uma inundação do rio, em dezembro de 2008, como mostram as Figuras 4 e 5, preocupando a população e o poder público do município de Ponte Nova, que está tentando desvendar os motivos destas enchentes que têm trazido destruição e prejuízos para a população pontenovense.

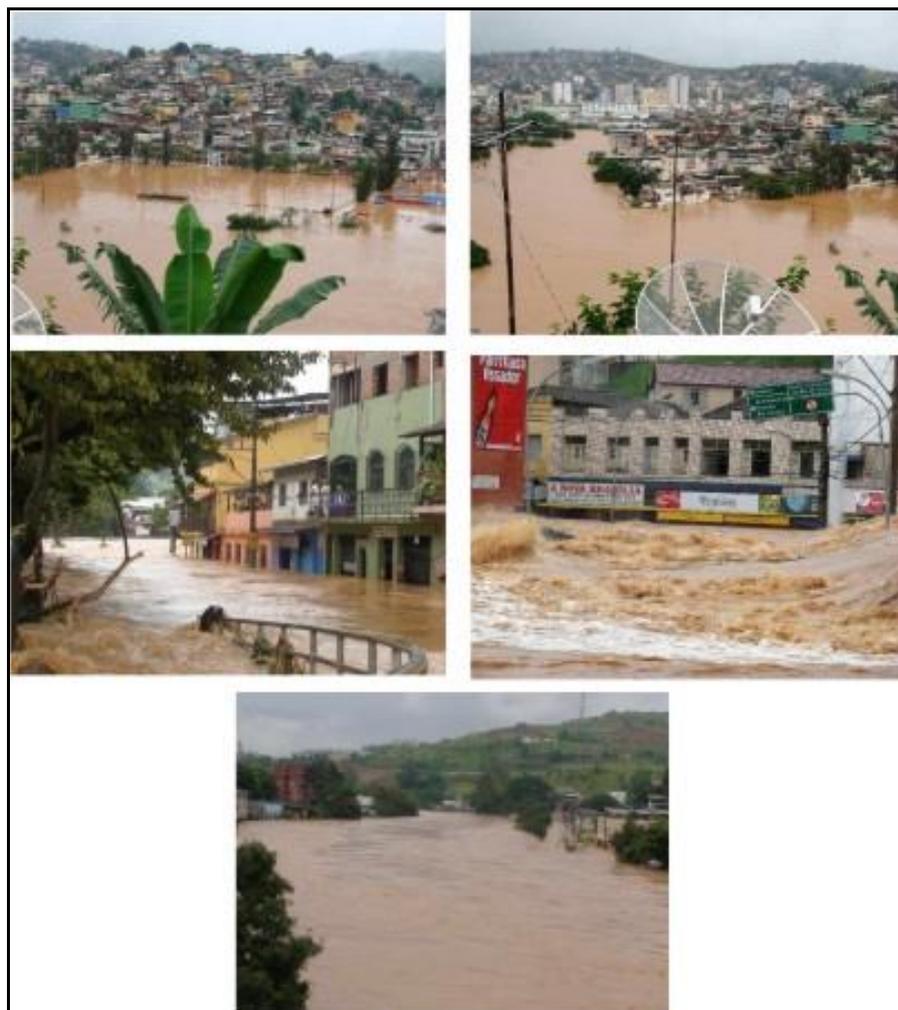


Figura 4: Enchente de 2008 - Ponte Nova/MG  
Fonte: João Mattos, 2010



Figura 5: Enchente de 2008 - Ponte Nova/MG  
Fonte: João Mattos, 2010

### 4.3 Estrutura morfológico-funcional da cidade de Ponte Nova

O início do povoamento da cidade de Ponte Nova ocorreu às margens do rio Piranga, próximo onde hoje se encontra a ponte Arthur Bernardes, antes da chegada dos primeiros sesmeiros. Uma das primeiras famílias a integrar-se na região de Ponte Nova foi a Monte Medeiros, proprietários de quatro fazendas interligadas entre si às margens do rio. O padre João do Monte Medeiros, um dos membros da família, sonhava com o surgimento de uma cidade naquela região logo, providenciou a construção de uma capela (Figura 6) onde hoje se encontra a Matriz de São Sebastião de Ponte Nova (RIBEIRO FILHO, 1993).

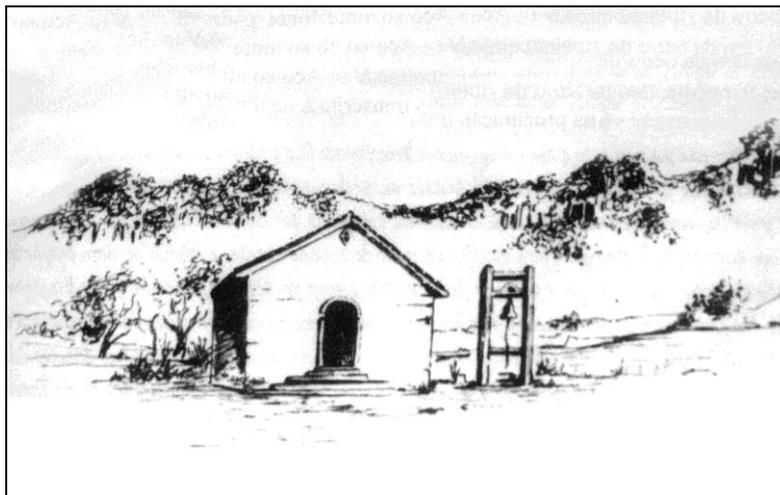


Figura 6: Desenho feito a bico de pena da primeira capela de São Sebastião e Almas de Ponte Nova  
Fonte: Acervo da Prefeitura e Câmara Municipal de Ponte Nova, 2010

Assim, ao redor da capela, formou-se um pequeno núcleo habitacional (Figura 7) que se estendeu ao longo de um de seus lados onde atualmente encontra-se a Avenida Caetano Marinho. Outras ruas como Cantídio Drummond e Benedito Valadares, também próximas à capela, que desembocavam na Avenida Caetano Marinho ganharam construções de moradias. Deste modo, surgiu o primeiro centro da cidade de Ponte Nova.



Figura 7: Origem do povoado de Ponte Nova - Capela de São Sebastião e Almas de Ponte Nova  
Fonte: Acervo da Prefeitura e Câmara Municipal de Ponte Nova, 2010

A ocupação inicial da cidade se deu na área do vale junto à primeira ponte e no alto da elevação onde se construiu a capela, núcleo inicial da cidade. Posteriormente, a cidade foi desenvolvendo-se ao longo do vale do rio Piranga, inicialmente com uma forma linear. A Figura 8 mostra a ocupação do antigo centro de Ponte Nova.

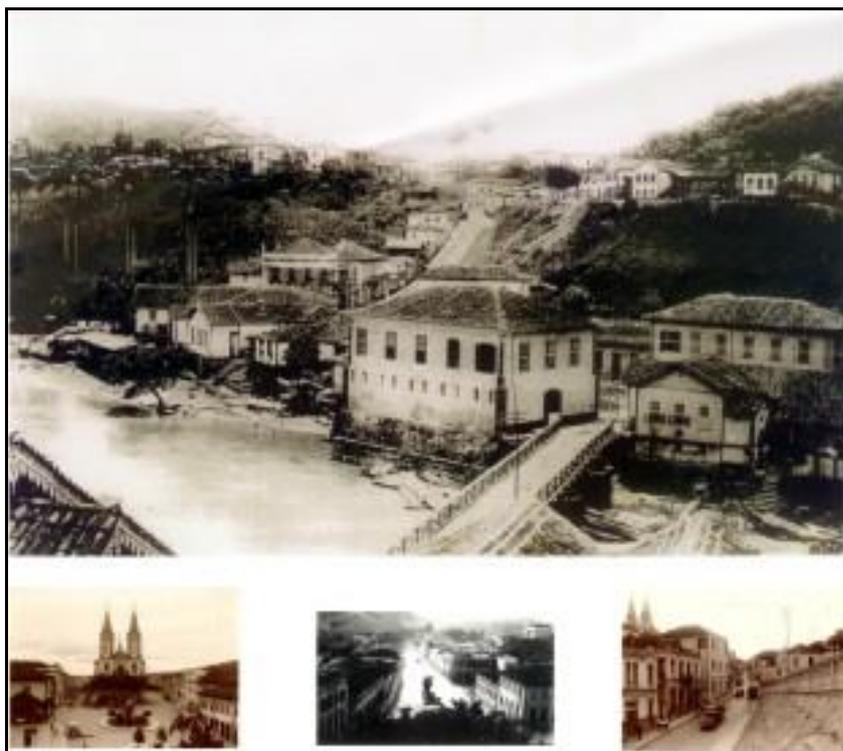


Figura 8: Ocupação do antigo centro da cidade de Ponte Nova  
Fonte: Acervo da Prefeitura e Câmara Municipal de Ponte Nova, 2010

Ao analisar as características do crescimento da cidade é possível identificar quatro períodos diferenciados em relação à ocupação urbana. Inicialmente, a ocupação ocorre junto à primeira ponte da cidade (Figura 8) e no alto do morro onde foi construída a capela. É nesta área que surgiu o centro urbano principal da cidade, predominando aí a função residencial, com equipamentos urbanos ainda incipientes e com presença marcante do meio rural na vida urbana e que, segundo Amorim Filho e Senna Filho (2007) deveria assemelhar-se ao centro urbano de grande parte das cidades pequenas de Minas Gerais, onde predomina a função residencial, “à exceção de uma ou duas praças e algumas poucas ruas, onde se localizam algumas

*casas comerciais, uma igreja e certos equipamentos de serviços indispensáveis*” (AMORIM FILHO; SENNA FILHO, 2007. p.133-134).

Num segundo momento, já na virada do século XX, a ocupação passa a se desenvolver ao longo do rio, no sentido do bairro Palmeiras. (Figura 9).



Figura 9: Av. Custódio Silva - décadas de 50 e 60  
Fonte: Acervo da Prefeitura e Câmara Municipal de Ponte Nova, 2010

Como terceiro momento de ocupação, em meados do século XX, observa-se um “preenchimento” das áreas remanescente do vale do rio, caracterizado pelo uso de áreas baixas e encostas dos vales, neste caso, o bairro Guarapiranga, como pode ser visto na Figura 10 abaixo.



Figura 10: Início da ocupação do bairro Guarapiranga  
Fonte: Acervo da Prefeitura e Câmara Municipal de Ponte Nova, 2010

Num quarto momento, mais recente, ocorre ocupação de áreas nas médias e nas altas encostas que limitam sua mancha, preenchendo vazios urbanos (Diagnóstico Municipal do Plano Diretor do município de Ponte Nova, p. 19, 2001).

Ao comparar a morfologia urbana de Ponte Nova em 1937, Figuras 11 e 12, com a atual (Figura 13), percebe-se um contraste evidenciando, assim, a diferença entre uma pequena cidade e uma cidade média. No caso da cidade de Ponte Nova, pode-se usar a frase de Beaujeu-Garnier, segundo a qual, o traçado de uma cidade é o resumo de sua história, pois mesmo que o tecido urbano atual seja complexo, ele guarda marcas do seu traçado inicial.

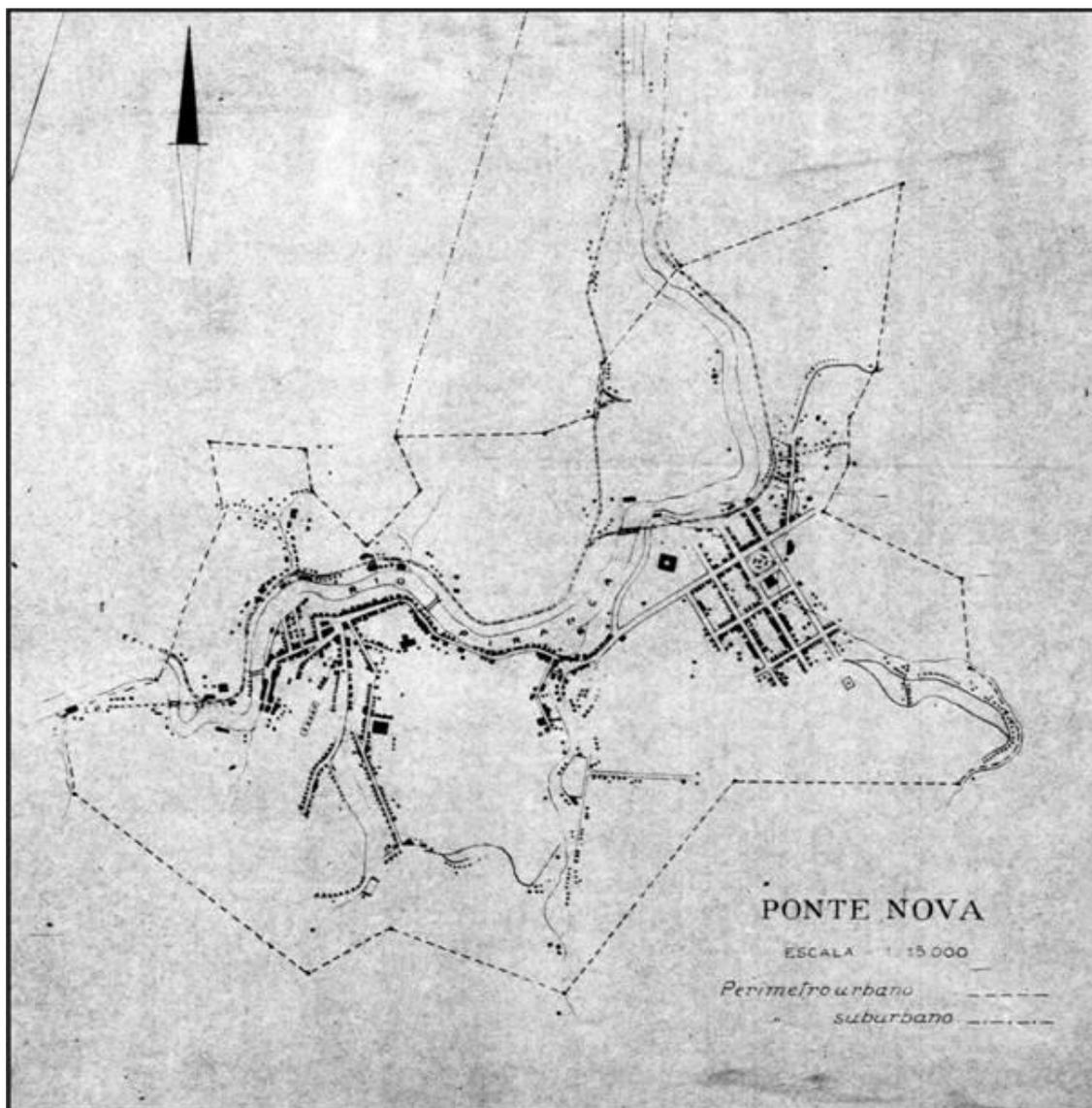


Figura 11: Mancha urbana de Ponte Nova (1937), já com seu dois núcleos principais.  
Fonte: Instituto de Geociência Aplicada de Minas Gerais, 1937

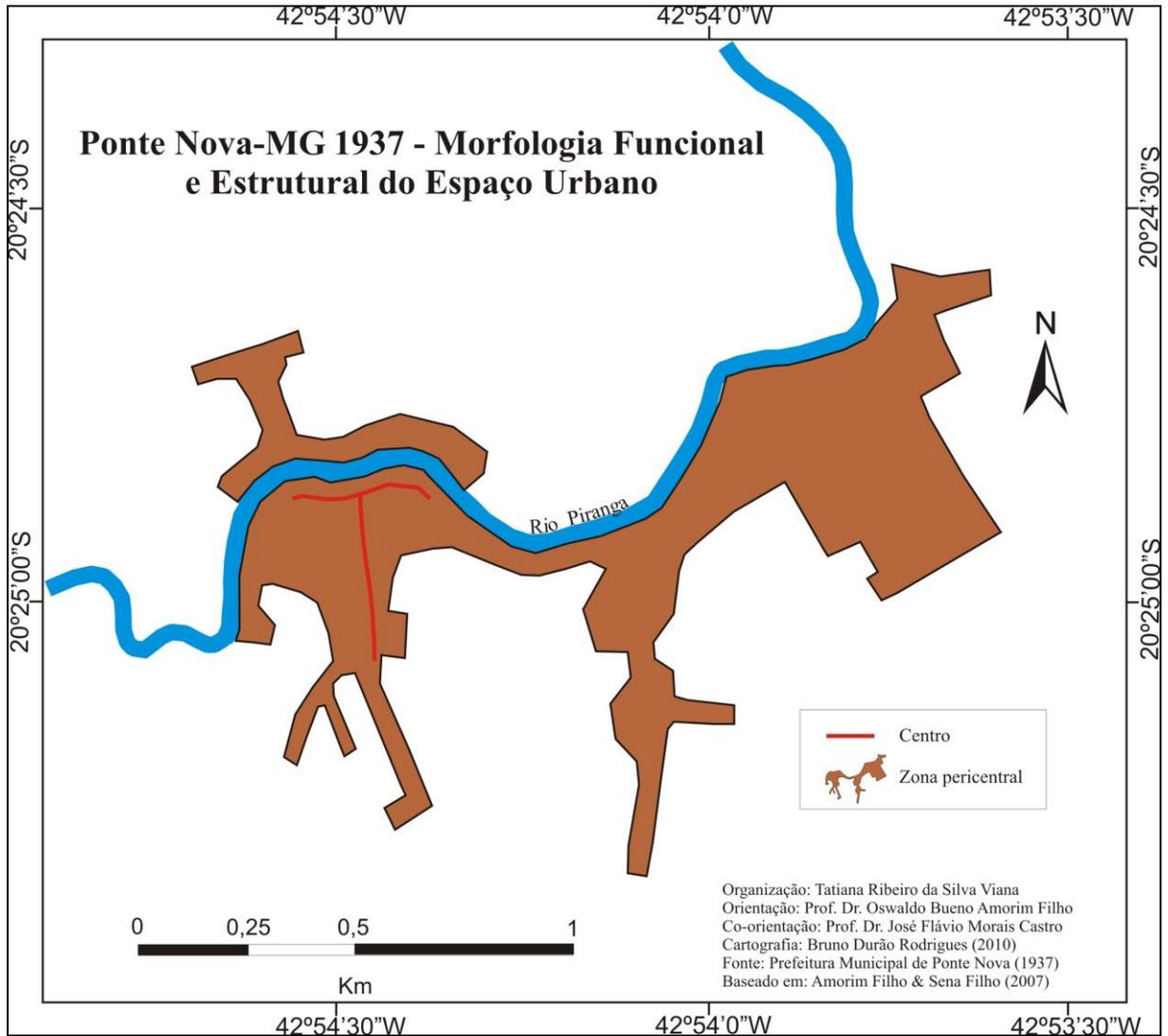


Figura 12: Morfologia urbana de Ponte Nova - 1937

Fonte: Instituto de Geociência Aplicada de Minas Gerais, 1937

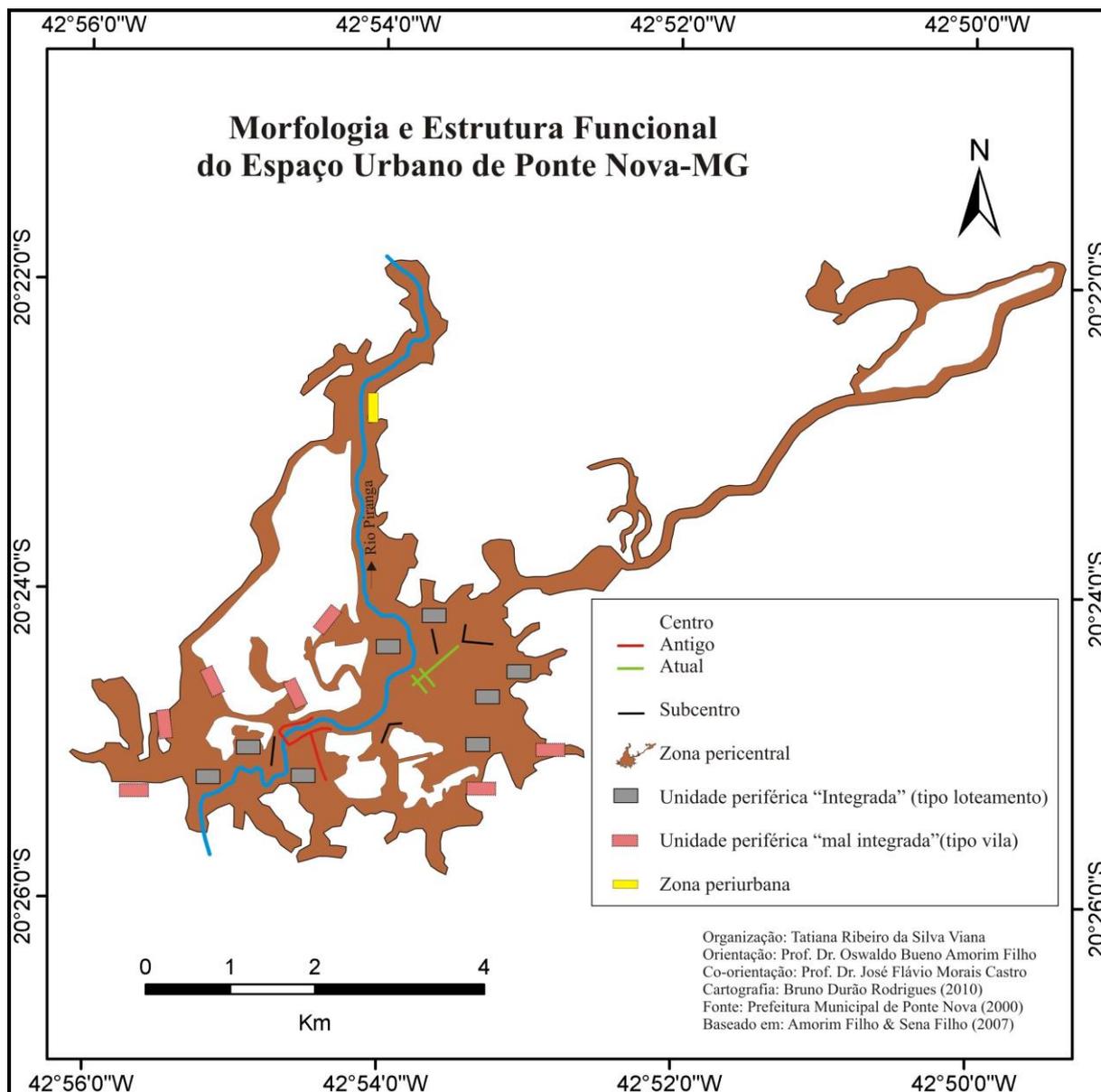


Figura 13: Morfologia urbana de Ponte Nova - 2000  
Fonte: Prefeitura Municipal de Ponte Nova, 2000

Atualmente, uma parte das funções do centro urbano de Ponte Nova foi transferida para a região do bairro Palmeiras, onde se concentram o comércio e serviços como, por exemplo, certas instituições públicas, estaduais e federais, o que traz como consequência um considerável número de equipamentos terciários de poder polarizador nos espaços geográficos municipal e regional, caracterizando Ponte Nova como uma típica cidade média.

No antigo centro (Figura 14), encontram-se alguns equipamentos comerciais como bancos, o hospital Nossa Senhora das Dores, a Prefeitura Municipal, o Fórum,

a Igreja Matriz. Aí se encontram ainda algumas residências com características arquitetônicas do passado e outras construções atuais.

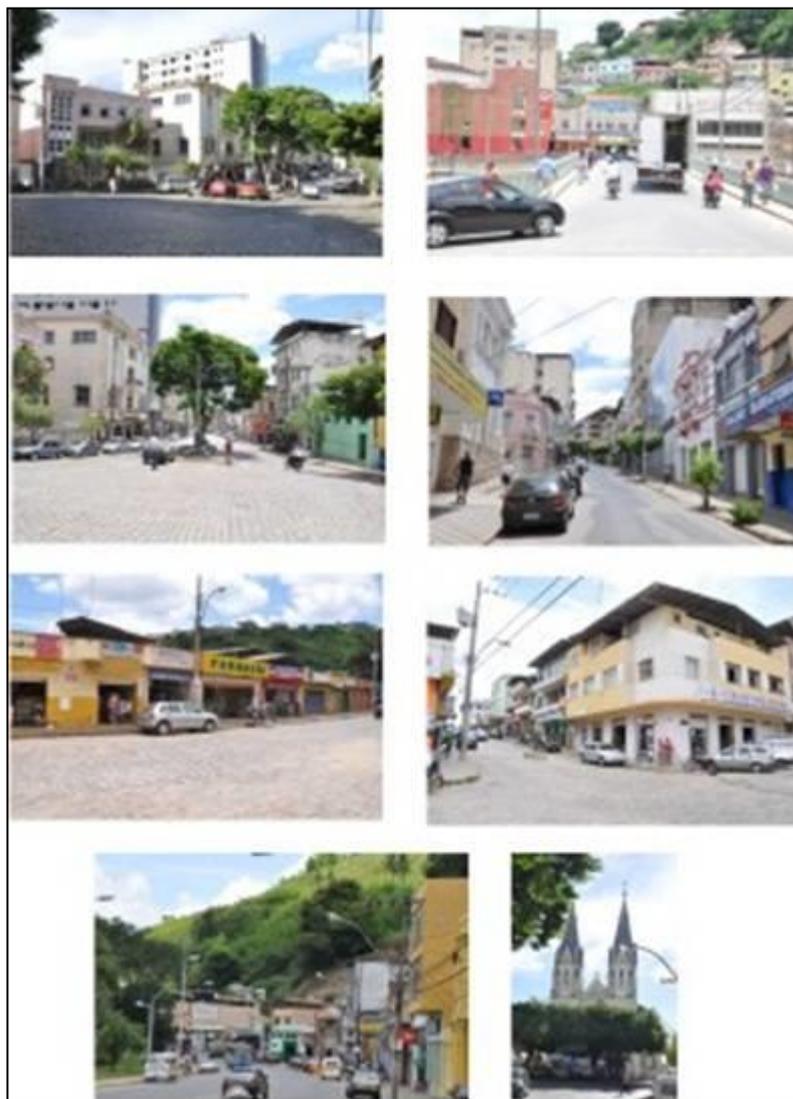


Figura 14: Centro antigo da cidade de Ponte Nova  
Fonte: Leonardo Moreira, 2010

A Figura 15 apresenta, de maneira exploratória, o modelo do zoneamento morfológico funcional proposto por Amorim Filho (2007) para as cidades médias e que será usado para analisar a morfologia e a estrutura funcional do espaço urbano de Ponte Nova. Segundo a descrição conceitual do autor, para as cidades médias mineiras, constata-se uma área central de uma cidade média, com centro principal definido funcionalmente, com a presença de equipamentos raros de alcance

regional, como consultórios médicos, odontológicos, clínicas fisioterapeutas, equipamentos comerciais como lojas de eletrodomésticos, calçados, vestuário, óticas, farmácias, supermercados, padarias, hotéis, que podem atender toda a região. Encontram-se nesta área construções verticalizadas, onde podem se concentrar os equipamentos acima mencionados, ocorrendo assim, um intenso movimento de pessoas e veículos. Como Ponte Nova possui equipamentos de abrangência regional, o município polariza vasta área em seu entorno sendo pólo de grande área regional.

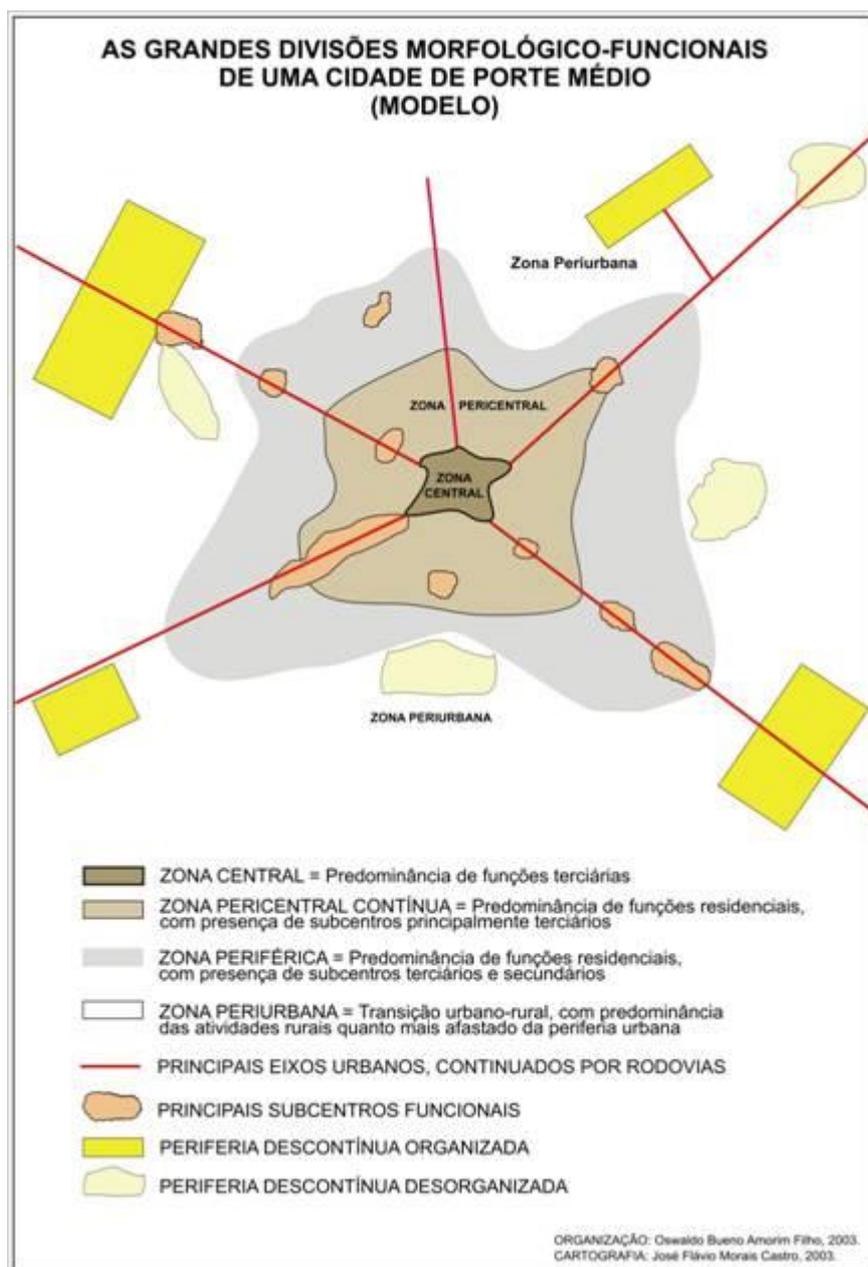


Figura 15: Modelo do Zoneamento Morfológico Funcional para Cidades Médias  
Fonte: AMORIM FILHO E SENNA FILHO, 2007.

O centro funcional de Ponte Nova pode ser visualizado na Figura 16, destacando-se o movimento de pessoas e veículos, como também a variedade de equipamentos com predomínio do comércio e dos serviços, mostrando a cidade como uma típica cidade média na região da Zona da Mata mineira.

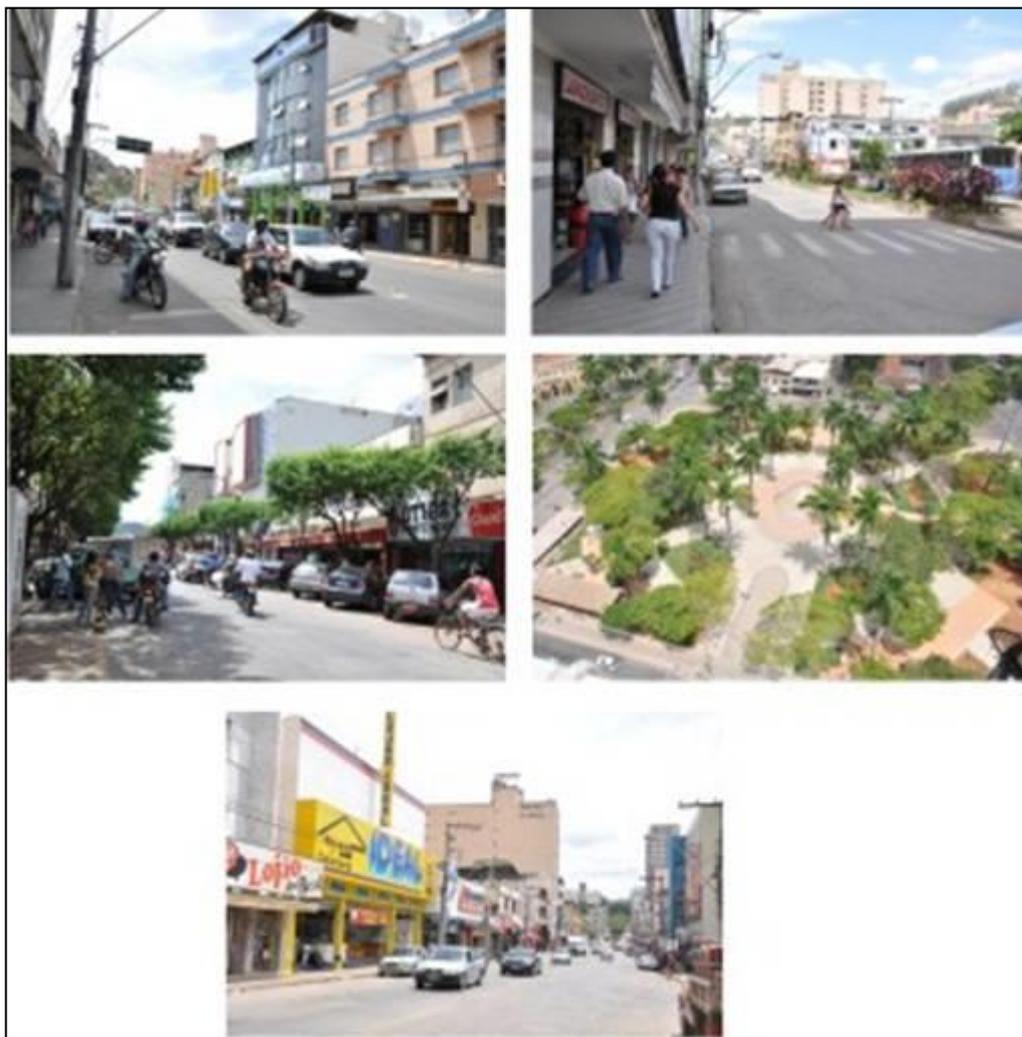


Figura 16: Bairro Palmeiras - Centro polifuncional - Ponte Nova/MG  
Fonte: Leonardo Moreira, 2010

A segunda área é a zona pericentral, com função residencial predominante e que conta, também, com a presença de subcentros especializados e equipamentos especiais como hospitais, faculdades, estações rodoviárias, etc. Estes subcentros, representados pelas Figuras 17, 18 e 19, da cidade de Ponte Nova possuem dinamismo e acompanharam o desenvolvimento da cidade.



Figura 17: Subcentro – Bairro Santo Antônio - Região Nordeste da cidade  
Fonte: Leonardo Moreira, 2010



Figura 18: Subcentro – Bairro Guarapiranga - Região Nordeste da cidade  
Fonte: Leonardo Moreira, 2010



Figura 19: Subcentro – Bairro Santa Tereza - Região Sul da cidade  
Fonte: Leonardo Moreira, 2010

A terceira área urbana é a zona periférica, que pode ser de dois tipos: contínua (Figura 20) como um prolongamento da zona pericentral e que, no caso deste município, tem como um dos exemplos o bairro Vale Verde; e descontínua (Figura 21) formada por loteamentos, que são unidades organizadas, ou “vilas” que são unidades desorganizadas e, em certas regiões, verdadeiras favelas. Podem apresentar pequenos subcentros, com equipamentos de comércio e serviços que atendem principalmente a vizinhança.



Figura 20: Zona periférica contínua - Bairro Vale Verde - Região Leste da cidade  
Fonte: Leonardo Moreira, 2010

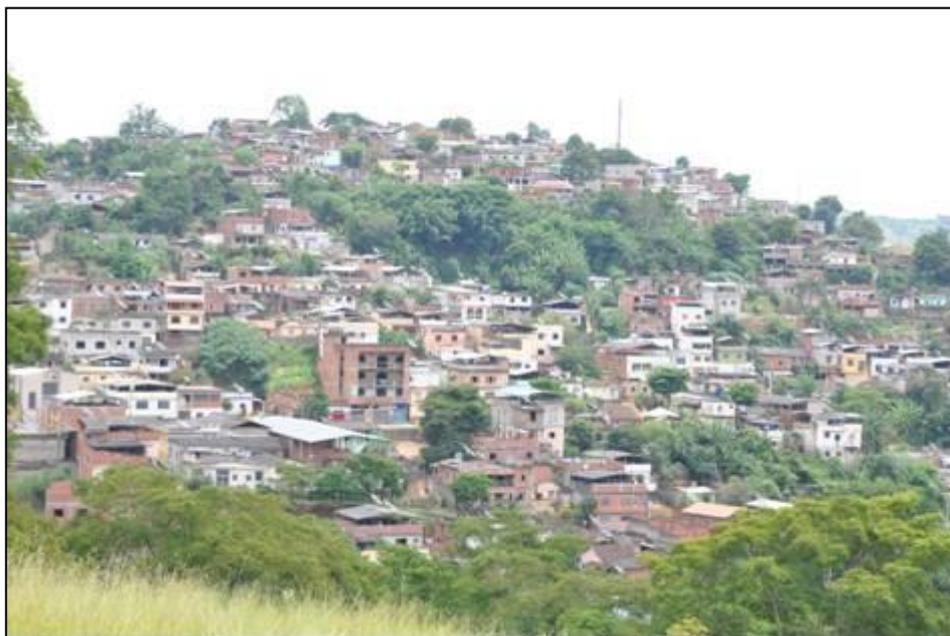


Figura 21: Zona periférica descontínua - Bairro Nossa Senhora de Fátima - Região Leste da cidade  
Fonte: Leonardo Moreira, 2010

A última área é a zona periurbana (Figura 22), uma zona de transição urbano-rural, podendo encontrar-se aí casas de campo, clubes campestres, hotéis-fazenda e espaços verdes.



Figura 22: Zona periurbana - Região Norte da cidade  
Fonte: Leonardo Moreira, 2010

Assim, através do estudo da cidade de Ponte Nova como cidade média, é possível aplicar o modelo geocartográfico do zoneamento morfológico-funcional proposto por Amorim Filho em mais uma cidade média de Minas Gerais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento econômico do município de Ponte Nova não aconteceu ao mesmo tempo e nem com a mesma intensidade que outros municípios classificados como cidades médias propriamente ditas da Zona da Mata, como Cataguases, Manhuaçu, Ubá e Viçosa. Existem forças que provocam a concentração espacial em torno de pólos de crescimento.

O desenvolvimento de um município ou região ocorre quando estes se especializam em determinada produção que tenha vantagem comparativa em relação a outras regiões, e de acordo com a disponibilidade de recursos. Esta especialização ocorre devido às vantagens locacionais da região, como por exemplo, proximidade de estradas, ferrovias e portos que facilitam e diminui o custo da circulação de produtos, a existência de matérias-primas, mercado consumidor e mão-de-obra especializada e com baixo custo, que contribuem para criação de economias de aglomeração (PAELINCK, 1977). O município de Ponte Nova tem a posição geográfica desfavorável, quanto à infra-estrutura de transporte, uma vez que se encontra uma ferrovia desativada no município, dispondo apenas de eixos rodoviários para o transporte, é um dos fatores que explicam seu lento desenvolvimento.

Com relação à posição geográfica de Ponte Nova na sua microrregião e os efeitos de polarização urbana, percebe-se, após estudos de fluxos entre os municípios, forte atração econômica exercida por Ponte Nova sobre os municípios de sua microrregião. Deste modo, boa parte da população dos municípios da microrregião consulta, realizam exames médicos e odontológicos, fazem compras, e estudam em colégios e faculdades particulares em Ponte Nova. Assim, Ponte Nova é um importante pólo regional, como também uma importante cidade média localizada ao norte da Zona da Mata.

Mas quando se compara Ponte Nova com outros municípios, que apresentam economias dinâmicas e maior desenvolvimento, da mesorregião da Zona da Mata, percebe-se uma estagnação econômica devido a um lento processo de desenvolvimento.

Os pólos de crescimento, como Cataguases, Juiz de Fora, Manhuaçu, Muriaé, Ouro Preto, Ubá e Viçosa, presente nas proximidades de Ponte Nova dificultam seu

desenvolvimento, pois há uma distribuição regional desigual das atividades promotoras de desenvolvimento.

A proximidade de Ponte Nova com as Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte e do Vale do Aço é outro fator que traz graves conseqüências para a região. Se por um lado a proximidade facilita o escoamento de produtos destinados a este mercado, por outro, dificulta a implantação de equipamentos urbanos como shopping center, hipermercados entre outros serviços.

Um dos fatores que contribui para uma possível estagnação é o quadro natural, pois este foi pouco favorável para o desenvolvimento de Ponte Nova. O meio físico possibilita a existência ou não de recursos naturais, solos férteis e planos para a agricultura como, também, condições para implantação de empresas para a região. Neste caso, o município de Ponte Nova não foi beneficiado pelos fatores físicos e nem contemplados com a implantação de grandes empresas.

O solo e a topografia do município não propiciam o desenvolvimento de uma agricultura mais moderna e produtiva. A atividade agrícola presente é o cultivo da cana de açúcar, para produção do álcool e do açúcar, o cultivo do milho para alimentação animal, cultivo do arroz e feijão para subsistência e agricultura comercial que não depende de mecanização como no caso do eucalipto. Quanto à pecuária, predomina a pecuária leiteira e a suinocultura, e a pecuária de corte está tendo um aumento na região.

O processo de ocupação da cidade de Ponte Nova ocorreu ao longo do rio Piranga, com o fim do ciclo do ouro, pois os exploradores deixavam a rica região das minas e seguiam para o leste à procura de ouro, outros se dedicavam à agricultura de subsistência, e assim, foi ao longo deste rio que se formaram os primeiros núcleos urbanos.

Nesta época, surgiram as fazendas, as igrejas e casas com arquitetura colonial que com a escassez de planejamento e valorização deste patrimônio, muitos já estão em processo de destruição. O mesmo aconteceu com a densa floresta de Mata Atlântica que foi destruída para a implantação das atividades agropecuárias na região.

Geograficamente, a cidade de Ponte Nova encontra-se ao norte da região de planejamento da Zona da Mata e teve a ocupação urbana semelhante à das cidades da região central e sul da Mata Mineira, embora o desenvolvimento econômico destas regiões tenham sido diferentes.

Na região sul, encontra-se a cidade de Juiz de Fora, um dos grandes centros regionais de Minas Gerais, que teve a ocupação e o desenvolvimento econômico ligado ao plantio do café voltado para exportação, realizado pelos grandes proprietários das minas que migraram para a Mata, e que mais tarde foi substituído pelos setores industrial, bancário e imobiliário. Outro fato que contribuiu com o desenvolvimento desta região foi a proximidade com o Rio de Janeiro que estabeleceu importantes relações econômicas e políticas entre estas cidades

Já a região central, onde hoje se encontram importantes cidades médias como Cataguases, Muriaé, Viçosa e Ubá, e norte, compreendida pelas cidades de Ponte Nova e Manhuaçu, também importantes cidades médias, tiveram a ocupação tardia quando comparada com a região sul, devido à presença dos aldeamentos indígenas que dificultava o povoamento daquelas regiões. O desenvolvimento, das regiões central e norte, foi caracterizado pela agricultura de subsistência com produtos voltados para os mercados locais, em especial a cana de açúcar e mais tarde, o plantio do café e, após a chegada da ferrovia nestas regiões, elas tornaram-se importantes produtoras de café. Nesta região, ao contrário das outras, não chegaram pessoas enriquecidas com o ouro e sim, tropeiros (viajantes), negociantes e pessoas de pouca posse.

Assim, os padrões diferenciados da economia das regiões norte, central e sul da Zona da Mata condicionaram atitudes políticas também distintas.

A cidade de Ponte Nova localiza-se em um sítio acidentado onde parte do tecido urbano expande-se para as encostas das colinas e morros e parte importante deste mesmo tecido urbano espalha-se pelas áreas mais planas. Nestas planícies se assentam os núcleos originais da cidade onde hoje se localizam o centro principal ou alguns subcentros das zonas pericentrais. Um fato importante a ser mencionado é que na parte alta da cidade onde teve início o processo de ocupação era o antigo centro que migrou para uma área mais plana. Embora tenha ocorrido este processo de migração do centro, o centro antigo não perdeu sua originalidade, pois lá se encontram os antigos casarões coloniais, a Igreja Matriz, a Prefeitura, o Fórum e ainda empreendimentos comerciais que atendem os moradores das proximidades.

Este sítio dificulta a expansão do tecido urbano, pois parte deste relevo é marcadamente colinoso trazendo graves problemas ambientais, como por exemplo, as enchentes que prejudicam a cidade desde a década de 50. Logo, ocorre uma

expansão desordenada do tecido urbano fazendo com que a verticalização das áreas mais centrais aparece como solução mais rápida do problema.

O sítio urbano da cidade é marcado pelo relevo típico de regiões de Mares de Morros, onde a rede de drenagem tem um importante papel no modelado desses planaltos. Estes vales são, na maioria das vezes, os locais onde a cidade se assenta e a partir daí se expande. Nestes locais surgem as praças, as ruas mais amplas e havendo a presença de equipamentos terciários sendo alguns deles raros e, portanto, de alcance regional, o que fortalece esta cidade como importante centro regional.

Mesmo que tenha ocorrido uma transferência do centro urbano, nesta cidade, o atual centro se mostra dinâmico, com grande movimentação de pessoas e veículos e, o centro antigo continua tendo suas funções embora pouco evidentes.

Na zona pericentral, há predominância de bairros com função residencial, a presença de subcentros, sejam eles unifuncionais ou polifuncionais mais modestos, cuja função dominante é atender a população residente nas imediações.

Na zona periférica, multiplicam-se os loteamentos e “vilas” apresentando alguns comércios e serviços que atendem a vizinhança local.

Por fim, na zona periurbana, encontram-se algumas casas de campo e pequenas propriedades, havendo a presença de alguns equipamentos terciários pontuais.

Deste modo, deve-se ressaltar que o modelo de zoneamento morfológico-funcional proposto por Amorim Filho (2007) para as cidades médias mineiras mostrou-se bastante adequado para a cidade de Ponte Nova.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Ana Márcia Moreira. **Cidades médias em Minas Gerais e no Chile: um estudo comparativo entre Formiga e Ovalle**. 1998. 200f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial.

ALVIM, Ana Márcia Moreira. **Análise da rede urbana de Minas Gerais a partir dos fluxos migratórios nos períodos 1986-1991 e 1995-2000**. 2009 187 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa Pós-Graduação Tratamento Inform. Espacial.

AMORIM FILHO, O. B. Patos de Minas: uma cidade média em Minas Gerais e sua região. **Geografia**, Rio Claro, abr. 1978.

AMORIM FILHO, O. B. A rede urbana da bacia do Mucuri. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p.26-36, 1990.

AMORIM FILHO, O. B.; BUENO, M. E. T.; ABREU, J. F. Cidades de porte médio e o programa de ações sócio-educativo-culturais para as populações carentes do meio urbano em Minas Gerais. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v.12, n.23-24, 33-46,1982.

AMORIM FILHO, O. B.; ABREU, J. F. Ciudades Intermedias y Tecnópolis potenciales en Minas Gerais - Brasil. **Tiempo y Espacio, Chillán** v.8, n. 9-10, p.23-32, Universidad del Bío-Bío, 2000. (publicada em 2001).

AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R. Os limiares demográficos na caracterização das cidades médias. **Cadernos de Geografia**, Belo Horizonte, v. 13, n.20, p. 21-38, 1º sem. 2003.

AMORIM FILHO, O. B.; SENNA FILHO, N. **A morfologia das cidades médias**. Goiânia: Editora Vieira, 2007, 200 p.

AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J. Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais. **Revista RA´EGA**, Curitiba, n.13, p. 7-18, 2007.

ARAÚJO, Marcelo Martins da Costa. **São Domingos do Prata: uma análise do processo de desenvolvimento**. 2005. 183f. Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em

Tratamento da Informação Espacial.

BANCO DE DESENVOLVIMENTO DE MINAS GERAIS. **Minas Gerais do século XXI**: volume 2: Reinterpretando o Espaço Mineiro. Belo Horizonte: Rona, 2002. p. 189-243. 336p.

BRAGA, Roberto; CARVALHO, Pompeu Figueiredo de. **Cidade**: espaço da cidadania. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/publicacoes/TextosPDF/rbraga11.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2009.

BRANCO, M. L. C. Cidades médias no Brasil. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo. Editora Expressão Popular, 2006. p. 245-271. 375 p.

CABRAL, Gabriela. **Evolução das Cidades**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historia/evolucao-das-cidades.htm>> Acesso em: 20 ago. 2009.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CARRARA, A. A. **A Zona da Mata Mineira**: diversidade econômica e continuísmo (1839-1909). 1993. 167 f. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal Fluminense. Niterói.

CASTRO, J. F. M. **Aspectos históricos, culturais e geográficos do município de Guaraciaba - MG**. Belo Horizonte. Ed. PUCMinas, 2008. 164p.

COMPANHIA DE PESQUISA E RECURSOS MINERAIS-GEOBank Disponível: <<http://geobank.sa.cprm.gov.br/>> Acesso em: 5 ago. 2010.

CONTI, Alfio. **O espaço perimetropolitano de Belo Horizonte**: uma análise exploratória. 2009. 783 f. 2v. Tese (Doutorado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial.

CORREA, R. L. **O espaço urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CORRÊA, R. L. **A rede urbana**. São Paulo. Editora Ática. 1989.

CORRÊA, R. L. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M. E. B.

(Org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo. Editora Expressão Popular, 2007, (p. 23-33), 630 p.

CORRÊA, R. L. Rede Urbana: reflexões, hipóteses e questionamentos sobre um tema negligenciado. **Revista Cidades**, v. 1, n.1, 2004, p.65-78

COSTA DE SÁ, Patrícia Rodrigues. **Os centros urbanos emergentes de Minas Gerais**. 2001 xi, 171f. Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial. DIAGNÓSTICO Municipal. [Belo Horizonte: SEBRAE-MG], 2000.101p.

DIAGNÓSTICO Municipal. Plano Diretor para Ponte. Dezembro/2001.

DOLLFUS, O. **A Análise Geográfica**. São Paulo. Difel. 1973.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA - Mapeamento da Cobertura Vegetal do Brasil. Disponível em: <[http://www.cobveget.cnpm.embrapa.br/resulta/regiao/cart\\_se.html](http://www.cobveget.cnpm.embrapa.br/resulta/regiao/cart_se.html)> Acesso em: 30 jul. 2010

FERREIRA, Sandra Cristina. **Urbanização e rede urbana brasileira: orientação teórica e metodológica preliminar**. 2008. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/simpgeo/535-548sandra.pdf>> Acesso em: 14 jul. 2009.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO; CEI - CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES. Perfil demográfico do Estado de Minas Gerais -2002. Belo Horizonte. 2003.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO; IPEA - INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Atlas do desenvolvimento humano do Brasil**. Belo Horizonte, 2000.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil**. Belo Horizonte. 2003.

GDEM ASTER – Global Digital Elevation Model Disponível em:<<http://www.gdem.aster.ersdac.or.jp/feature.jsp>> Acesso em: 5 ago. 2010.

GEIGER, Pedro Pinchas; Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. **Evolução**

**da rede urbana brasileira.** Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1963.

GEOPROCESSAMENTO DE MINAS GERAIS. Disponível em: <<http://www.geominas.mg.gov.br/>> Acesso em: 5 ago. 2010.

GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana.** São Paulo. Difel. 1983.

GUIMARÃES, Raul Borges; VIEIRA, Alexandre Bergamin; NUNES, Marcelo. Cidades médias: territórios da exclusão. **Revista Cidades**, Presidente Prudente, SP, v.2, n.4, p.267-287, jul. 2005.

GUIMARÃES, Raul Borges; VIEIRA, Alexandre Bergamin; NUNES, Marcelo. Cidades médias: territórios da exclusão. **Cidades**, Presidente Prudente, SP, v.2, n.4, p.267-287, jul. 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA Disponível em: <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)> Acesso em: 14 set. 2009.

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS. **Carta Topográfica.** Escala de 1: 50.000. Belo Horizonte. 1982.

INSTITUTO MINEIRO DE GESTÃO DAS ÁGUAS Disponível em: <<http://www.igam.mg.gov.br/component/content/103?task=view>> Acesso em: 7 ago. 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS Disponível em: <<http://www.dgi.inpe.br/CDSR/>> Acesso em: 28 jul. 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?284879265>> Acesso em: 14 set. 2009.

PAELINCK, Jean. A Teoria do Desenvolvimento Regional Polarizado. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). **Economia Regional Textos Escolhidos.** Belo Horizonte. Cedeplar, 1977.

PORTAL da Educação. **O crescimento das cidades.** 2006. Disponível em: <<http://orbita.starmedia.com/geoplanetbr/urbano.html>> Acesso em: 20 ago. 2009.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Atica, 1993.

RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. **Desbravamento, caminhos antigos e povoamento nos sertões do leste**: uma aventura de pioneiros. Viçosa: Centro de Referência do Professor, 2004.272p.

RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. **O canto do Piranga**: um rio, muitas histórias. Ponte Nova. 2008. 148p.

RIBEIRO FILHO, Antônio Brant. **Ponte Nova**: 1770 a 1920; 150 anos de história. Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 1993. 194p.

RODRIGUES, Maria Cecília Prates; BESKOW, Paulo Roberto; UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **A política do I.A.A. e a produção familiar na região canavieira de Ponte Nova, MG**. 1982. enc. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais.

RODRIGUES, Maria José, SILVA, Rodrigues, Francine Borges. **Considerações teóricas sobre rede urbana**. Disponível em: <<http://www2.jatai.ufg.br/ojs/index.php/geoambiente/article/viewFile/53/46>> Acesso em: 14 jul. 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: espaço e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. 384p.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo, Hucitec,1988.

SENA FILHO, Nelson de. **Geografias urbanas comparadas no leste mineiro**: Caratinga, Manhuaçu e Viçosa. 2006. 260 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento da Informação Espacial.

SISTEMA IBGE de Recuperação Automática. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>> Acesso em set. 2009

SJOBERG, Gideon. Origem e evolução das cidades. IN: DAVIS, Kingsley et al. **Cidades:** a urbanização da humanidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1965. 221p. (Atualidade)